

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Marcos Vinícius Brunhari

**A sombra do objeto -
um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato**

Curitiba
2011

Marcos Vinícius Brunhari

**A sombra do objeto -
um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação - Mestrado em
Psicologia da Universidade Federal do
Paraná para obtenção de título de Mestre em
Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba

Curitiba
2011

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9º/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Brunhari, Marcos Vinícius

A sombra do objeto: um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato / Marcos Vinícius Brunhari. – Curitiba, 2011.
150 f.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Suicídio.
4. Melancolia. 5. Passagem ao ato – Psicanálise. I. Título.

CDD 616.8914

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao programa Reuni, pelos dois anos da bolsa integral que me auxiliou e incentivou meu trabalho.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Psicologia, por toda a dedicação e esforço.

Ao Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba, por todos os ensinamentos, pela atenção e pela paciência com que acolheu e apostou neste trabalho.

À Profa. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro, por me acompanhar e fazer parte de meu percurso. Pelos valiosos diálogos.

À Profa. Dra. Helena Maria Sampaio Bicalho, pelo rigor e delicadeza com que recebeu esse trabalho. Pela disponibilidade diante do convite.

Aos meus amigos Raphael Cunha, Sulliane Freitas, Ligia Maria Durski e Mirela Stenzel, pelo carinho e incentivo.

À minha tia, Fátima, pelo heroísmo, bravura e coragem. Pelas coisas valiosas que me ensinou sobre a vida.

Aos meus pais, Angela e Luiz Carlos, por sempre me apoiarem.

Para Vera (*in memoriam*) e para Vitor (*in memoriam*).

Resumo

A sombra do objeto – um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato

Esta dissertação se fundamenta na questão acerca da abordagem do suicídio na melancolia como passagem ao ato. Sustenta-se a hipótese de uma perda específica na melancolia, evidenciada desde os primeiros escritos de Freud como uma hemorragia interna em consequência da anestesia e do não alcance da representação. Perda específica que no artigo de Freud, “Luto e melancolia” (1917 [1915]), pode ser destacada por meio do binômio entre luto e melancolia. Visto que, no luto se remete a uma reação, na melancolia se tem uma perda que é caracterizada por ser de natureza mais ideal e por ser desconhecida. O reconhecimento freudiano de que a autodestruição do eu melancólico é dirigida a um objeto do qual houve um desligamento por conta da fraca aderência, indica o retorno ao eu a partir da identificação narcísica. É assim que a sombra desse objeto cai sobre o eu, delimitando esse ponto do processo melancólico a uma localização distinta das palavras. Com acesso barrado à palavra, o não assimilável impera sobre o eu. Utilizando o referido artigo de Freud, de 1915, como eixo desta dissertação, defende-se que a perda de natureza mais ideal pode ser lida em similaridade à forclusão do Nome-do-Pai. Guiando-se por trabalhos de Lacan na década de cinquenta, se baseia no golpe sobre um significante primordial e na dependência daquilo que se desenrola no Outro para salientar o furo, desde onde haverá carência do efeito simbólico. O remanejamento do significante e o crescente desastre imaginário são aproximados das assertivas freudianas referentes à melancolia, com o intuito de designar a perda melancólica no âmbito da forclusão. É no sentido daquilo que escapa à simbolização que a identificação melancólica se apresenta como rumo para a questão central da dissertação. A sombra do objeto é indício de um patamar diferente daquele do significante. Dessa maneira, recorre-se aos apontamentos de Lacan, em seu “Seminário, livro 10 – a angústia” (1962-63), referentes à passagem ao ato, inclusive na melancolia, que trazem consigo considerações sobre o objeto *a*. Como condição primeira da passagem ao ato, da saída de cena, a identificação absoluta ao objeto *a* é trazida por Lacan quando faz menção à propensão melancólica a deixar-se cair. Assim, destaca-se que o suicídio na melancolia pode ser pensado em termos da queda do objeto *a*, demonstrando a mais radical relação com tal objeto que não pode ser cedido, chegando o sujeito a acompanhá-lo em sua queda.

Palavras-chave: Melancolia, Passagem ao ato, Suicídio, Psicanálise

Abstract

The object shadow – A journey from melancholy to the passage to the act

This dissertation is based on the issue about the suicide approach on melancholy as a passage to the act. It is sustained the hypothesis of a specific loss within melancholy, pointed since the first Freud writings as an intern bleeding as a consequence of the anesthesia and not from the representation reach. Specific loss, which within Freud's article, "Mourning and Melancholy" (1978 [1915]), can be highlighted through the binomial between mourning and melancholy. Provided that, the mourning remits to a reaction, within the melancholy there is a loss characterized for being a from a more ideal nature e for being unknown. The Freud's recognizing that the melancholy ego self destruction is driven to an object in which there was a disconnection due to a weak adherence, indicates the return to the ego from the narcissistic identification. This is the way that the shadow of this object falls over the ego, bounding the point of the melancholy process at a different location from the one of the words. Having this access to the word barred, the inassimilable reigns over the ego. Using the referred Freud article, from 1915, as the axis of this dissertation, it is defended the more ideal nature loss can be read in similarity to the foreclosure of Father's-Name. Being guided by Lacan's works from the fifties, it is based on the coup about a primary significant and on the dependence of what unrolls on the Other to stress the whole, from where will exist a lack of the symbolical effect. The significant relocation and the growing imaginary disaster are approached to the Freud's statements referring to melancholy, with the goal of designating the melancholy loss within the foreclose scope. It is in the sense of that which escapes of the symbolization that the melancholy identification presents itself as a route to the central question of this dissertation. The object shadow is an evidence of a different baseline to the one of the significant. Thus, it is fallen back on Lacan's notes, in his "Seminar, book 10 – the anguish" (1962-63), which refers to passage to the act, including the melancholy, which brings along considerations about object *a*. As a condition of the first passage to the act, about the scene output, the absolute identification to the object *a* is brought by Lacan when the melancholy tendency of letting it drop is mentioned. Therefore it is highlighted that the suicide within melancholy can be thought in terms of object *a* falling, showing the most radical relation to such object which cannot be ceded, making the subject follow it in its fall.

Keywords: Melancholy, Passage to the act, Suicide, Psychoanalyses

SUMÁRIO

1	Introdução.....	9
2	A melancolia e o suicídio segundo Sigmund Freud - da “hemorragia interna” à pura cultura da pulsão de morte.....	13
2.1	Os primeiros escritos: a “hemorragia interna”.....	14
2.2	De uma perda fundamental.....	26
2.3	Uma introdução à perda na melancolia.....	33
2.3.1	O retorno ao eu e a ambivalência.....	36
2.3.2	Do narcisismo: a auto-estima.....	43
2.3.3	Uma introdução ao problema do amor e do ódio na melancolia.....	47
2.4	“A mortalha do amor”: sobre a melancolia e o suicídio.....	52
2.5	A destrutividade melancólica: a cultura pura da pulsão de morte.....	63
3	Da perda mais ideal na melancolia em similaridade à forclusão do Nome-do-Pai...70	
3.1	A <i>Verwerfung</i> , uma introdução.....	71
3.2	Da hemorragia e da perda mais ideal: uma leitura.....	80
4	A passagem ao ato suicida na melancolia.....	96
4.1	A sombra desde a perda específica.....	97
4.1.1	A Coisa melancólica.....	101
4.1.2	A identificação melancólica.....	106
4.2	Do objeto a: o suicídio como passagem ao ato.....	116
4.2.1	A propensão melancólica.....	123
5	Considerações finais.....	133
	Referências.....	145

1 Introdução

Esta dissertação, “A sombra do objeto – um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato”, tem por objetivo principal questionar o suicídio na melancolia e a possibilidade de reconhecê-lo como passagem ao ato. Em uma tarefa árdua, pretende-se um questionamento acerca do suicídio na melancolia pela via psicanalítica. Via esta que se ocupa da palavra e, por isso, encontra as mais problemáticas dificuldades ao se aproximar daquilo que escapa ao campo no qual um sujeito é efeito e aposta em íntima relação ao significante. Portanto, o que dizer sobre o suicídio? É uma pergunta que abre o caminho para a profilaxia, para a moralidade, para a filosofia e demais formas de conhecimento que tomam o tema como objeto. Assim, adentra-se esse tema com prévio aviso de que sobre o suicídio nada se sabe, já que aquele que poderia dizê-lo (se é que poderia) já não mais poderá¹.

A abordagem que se faz do ato suicida se constitui em um recorte, uma vez que será pela melancolia e pela passagem ao ato que se guiará. É fundamental que seja destacada a apresentação de um recorte tal qual guiado por pontos específicos e que, em nenhuma hipótese, pretende-se circunscrever em uma descrição, no sentido de um encerramento, tanto a melancolia quanto o suicídio. A questão se baliza entre esses dois pontos, melancolia e passagem ao ato, sob a forma de um recorte sustentado por objetivos específicos. A partir desses objetivos específicos, contidos em nosso objetivo principal de questionar o suicídio na melancolia enquanto passagem ao ato, é traçada a constituição de nosso trabalho. A saber, primeiramente se aspira a conceituação da

¹ Este tema é debatido no artigo “Não te matarás: suicídio, prevenção e psicanálise” (DARRIBA; BRUNHARI, 2010) contido na revista Estudos de Psicanálise, n.34, pp.63-70, Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise.

melancolia na obra de Sigmund Freud e a caracterização de uma perda específica. Desde esse primeiro momento o recorte se faz presente, uma vez que um enfoque é dado àquilo que remete ao que se perde na melancolia, limitando as considerações freudianas a respeito do tema ao ano de 1915 e a acréscimos de 1923 e 1924. Após, propõe-se a melancolia a partir da psicose. Para tanto, se examinam alguns trabalhos de Lacan, durante a década de cinquenta, em que a psicose é discutida. Por fim, retoma-se a interrogação acerca da identificação melancólica e, destarte, se inicia uma discussão sobre a passagem ao ato suicida na melancolia. Neste último ponto da dissertação, serão referidos trabalhos de Lacan no início da década de sessenta.

Pretende-se uma pesquisa de conceituação teórica e assim se configura nosso método. Um estudo teórico e bibliográfico que terá como base autores da psicanálise, principalmente Freud e Lacan em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) e em “O seminário, livro 10 – a angústia” (1962-63), respectivamente. O foco principal estará nos conceitos de melancolia e passagem ao ato com objetivo de gerar ponderações para a questão proposta. É prevista uma investigação por meio de uma leitura problematizante que leve em consideração a história dos trabalhos psicanalíticos, ou seja, a leitura respeitará a cronologia em relação aos temas. Aliando os objetivos, geral e específicos, ao método é possível propor os capítulos que constituem o trabalho.

De importância central, o primeiro capítulo se constrói como uma arqueologia. Restringido a um período da obra de Freud, neste primeiro capítulo se examina a melancolia desde os primeiros escritos até 1915, tendo complementos de alguns trabalhos posteriores. A partir de uma discussão em torno do “Rascunho G” (FREUD, 1895a), evidencia-se a perda melancólica como específica. Indica-se que o trabalho “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) possui sustentação em trabalhos anteriores

e, desde então, parte-se pela consideração desses trabalhos até 1915. Será neste trabalho de Freud em 1915 que se poderá fundamentar a proposição acerca de uma perda específica na melancolia e sua relevância em consideração ao suicídio. A arqueologia não será finalizada em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) pois conta-se com uma maior contemplação de trabalhos posteriores a este, como “O ego e o id” (FREUD, 1923). A centralidade desse primeiro capítulo se institui por dois pilares das considerações freudianas acerca da melancolia e do suicídio: a perda de natureza mais ideal e a identificação melancólica. Ambos serão os temas do segundo e do terceiro capítulo respectivamente.

O segundo capítulo tem como pilar a perda de natureza mais ideal destacada por Freud em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) como um dos fundamentos da melancolia em distinção ao luto. Da perda de natureza mais ideal na melancolia é proposta a questão concernente à função do pai. Recorre-se ao ensino de Jacques Lacan nos anos de 1950 para fundamentar a hipótese de que a melancolia possa ser pensada como psicose. Contemplam-se aqui as asserções lacanianas no “Seminário, livro 3 – as psicoses” (1955-56) e em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956-57/1966/1966), com acréscimos do “Seminário, livro 5 – as formações do inconsciente” (1957-58). Nessa medida, são apresentadas como similares a perda de natureza mais ideal, arraigada naquilo que Freud chamou de disposição patológica, e a forclusão do Nome-do-Pai nesse período do ensino de Lacan. A especificidade da perda melancólica é salientada nesse capítulo por esta se estabelecer fora do registro simbólico.

Por fim, chega-se ao terceiro capítulo com as reflexões estabelecidas no segundo, mas também se sustentando por um dos pilares do primeiro capítulo: a

identificação melancólica. A sombra que cai sobre o eu melancólico (FREUD, 1917 [1915], p.254) é o ponto de partida para afirmar que a identificação não é com um traço do objeto. É nesse momento do trabalho que se recorrerá ao ensino de Lacan em seu “Seminário, livro 7 – a ética da psicanálise” (1959-60) com objetivo de dispor o obscurecimento do eu como o império de *das Ding*. A partir disso, acompanhando o “Seminário, livro 8 – a transferência” (1960-61), se verifica o contraponto entre a identificação narcísica e a função do significante e se propõe a presença de um objeto por trás dos atributos. Será por esse caminho que, com o “Seminário, livro 10 – a angústia” (1962-63), se apóia a questão acerca do suicídio na melancolia a partir da relação com o objeto *a*, particularmente sua queda e a consequente cinética do sujeito totalmente identificado a este objeto.

2 A melancolia e o suicídio segundo Sigmund Freud - da hemorragia interna à cultura pura da pulsão de morte

Neste primeiro capítulo pretende-se realizar um percurso na obra de Sigmund Freud que se atenha ao conceito de melancolia. Inicialmente, serão tomados os textos e as cartas escritas a Fliess. Já neste princípio serão abordados pontos de extrema importância que guiarão o progresso do capítulo. Uma passagem far-se-á para os trabalhos que remetem à perda objetal como Freud a propõe em seus primeiros trabalhos: “Projeto para uma psicologia científica” (1895b) e “Interpretação dos sonhos” (1900). Ademais, iniciando-se pelos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), pretende-se apontar trabalhos compreendidos entre 1905 e 1915 que fornecem respaldo para o que virá a ser pontuado em ocasião de “Luto e melancolia” (1917 [1915]). A partir dessa sustentação, as proposições de Freud em 1915 sobre a melancolia e sobre o suicídio tomarão corpo em uma discussão baseada no artigo em referência. Após essa discussão, serão utilizados trabalhos posteriores a esse principal com o objetivo de oferecer maior profundidade à reflexão sobre a melancolia e sobre o suicídio.

Como objetivo geral para este capítulo, pretende-se apontar que o trabalho “Luto e melancolia” (1917 [1915]) tem sustentação em trabalhos anteriores e que a discussão acerca da melancolia e do suicídio a ela correspondente não se encerra em 1915. Esse objetivo fundamenta nossa hipótese para este capítulo: além da fenomenologia do esgotamento melancólico encontramos em Freud a proposição metapsicológica de uma perda específica que caracteriza a melancolia e que é proposta por Freud em seu

“Rascunho G” (1895a) e reafirmada em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) acompanhada de maiores elaboração propostas nos anos compreendidos entre ambos os trabalhos.

2.1 Os primeiros escritos: a “hemorragia interna”

Neste trabalho é reconhecido o valor dos primeiros escritos de Freud e a repercussão destes ao longo da obra. A melancolia é aqui apresentada no período entre 1893 e 1898 da obra de Freud, período que concentra trabalhos fundadores da psicanálise e de grande relevância para o tema em voga, principalmente por conta do “Rascunho G” (FREUD, 1895a) dedicado à melancolia.

A abordagem da melancolia nestes primeiros trabalhos pode ser dividida em duas formas: uma primeira em que Freud se põe a examinar a melancolia propriamente dita; e uma segunda forma de acordo com a qual a melancolia aparece associada a outras patologias, por exemplo, à neurose obsessiva. Embora faça considerações demasiado importantes de acordo com essa segunda forma de abordar a melancolia, Freud toca o essencial do que se pretende apresentar neste primeiro capítulo quando considera a melancolia propriamente dita. Sigamos cronologicamente por esses trabalhos de Freud averiguando a abordagem da melancolia.

Em seu “Rascunho B” sobre “A etiologia das neuroses” (1893), uma origem sexual é dada à neurastenia e é compreendida no quadro sintomatológico desta neurose específica. Neste quadro Freud aponta o “esgotamento sexual” (FREUD, 1893, p.224) como provocador da neurastenia gerando efeitos como os afetos depressivos, fadiga, tristeza normal etc. Juntamente, a angústia é abordada como componente deste quadro, uma vez que é compreendida como uma expectativa pessimista. É este quadro

que permite a Freud fazer um apontamento sobre a melancolia ao afirmar que, neste, há “uma conexão aparente com um trauma psíquico” (FREUD, 1893, p.228) em contraste com a melancolia, a qual é caracterizada por uma “anestesia [sexual] psíquica” (FREUD, 1893, p.228). Essa anestesia que caracteriza a melancolia em sua etiologia será mais vezes apresentada. Sigamos pelos trabalhos de Freud nos quais a melancolia aparece associada à angústia e às demais neuroses.

Em “Neuropsicoses de defesa” (1894a), Freud afirma que, depois de um percurso clínico, chegou à explicação sobre a origem de determinados sintomas. É neste trabalho que Freud descreve uma importante característica entre a histeria e a neurose obsessiva e entre ambas e as psicoses.

Freud define que à representação estão ligados o traço mnêmico e o afeto, sendo possível um processo no qual o eu extrai o afeto tornando a representação fraca porque se retirou uma soma de excitação, de carga. Doravante, esta soma será utilizada de outras formas. Este processo é tomado como central na proposição das diferentes neuroses por conta de ser determinado como equivalente de forma geral.

A partir de então, para delimitar a histeria, Freud lança o termo “conversão” (p.56) afirmando que, enquanto o traço mnêmico sucumbe ao recalque formando um novo grupo psíquico, o afeto, em forma de carga, é transposto para a esfera física. Já na neurose obsessiva e na fobia, a representação está enfraquecida e o afeto, desligado, forma ligações com outras representações.

Freud chama defesa a separação que ocorre entre o afeto e a representação e afirma que há um outro tipo de defesa que se caracteriza por ser melhor sucedida e

eficiente. Nesta modalidade de defesa, “o eu rejeita² a representação incompatível juntamente com seu afeto” (FREUD, 1894a, p.54). Trata-se do que Freud chama por “confusão alucinatória” (p.64), a representação e seu afeto são rejeitados como se nunca tivessem ocorrido, o conteúdo de tal psicose nada mais é do que a acentuação da representação que fora ameaçada: “Portanto, é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose” (FREUD, p.65, 1894). O rompimento que o eu promove com a representação permite que esta permaneça ligada a um fragmento da realidade ocasionando, também, o desligamento do eu da realidade.

No mesmo ano, em carta a Fliess (“Carta 18”, 1894b), Freud, utilizando-se da expressão “afetos sexuais” (FREUD, 1894b, p.233) para referir uma quantidade, afirma estar aproximando-se de pontos de vista mais abrangentes em relação à abordagem das neuroses. Como já relatado nos parágrafos anteriores, há mecanismos distintos para os quadros patológicos e, nessa carta, Freud expressa a “troca de afeto” (FREUD, 1894b, p.233) como mecanismo comum na neurose de angústia e na melancolia.

Diante da equivalência entre neurose de angústia e melancolia pontualmente em um mecanismo comum, é concebível uma maior explicação sobre esta troca quantitativa, tendo em mente que um dos sentidos da palavra troca é transformação. Ainda no ano de 1894, Freud escreve, publicando no próximo ano, seu “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada de angústia” (FREUD, 1895 [1894]), no qual faz importantes considerações sobre a angústia e também sobre a libido, considerações de cunho introdutório. Segundo o

² “*Verwerfen*” – Voltaremos a este mecanismo mais adiante perguntando-nos se este não é compatível com a melancolia.

autor, “a neurose de angústia é acompanhada de um decréscimo acentuado da libido sexual, ou desejo psíquico,” (FREUD, 1895 [1894], p.108) e é caracterizada por um mecanismo em que a carga se acumula sem obter uma ligação psíquica. Essa carga é de ordem somática. A questão da transformação e da correlação com a melancolia são desenvolvidas em outro trabalho do mesmo ano enviado a Fliess, o “Rascunho E” (FREUD, 1894c)

Neste rascunho sobre “Como se origina a angústia” (1894c) aborda-se o “mecanismo da melancolia” (FREUD, 1894c, p.237) com ênfase à anestesia do melancólico que:

Não têm necessidade de relação sexual (e não têm a sensação correlata). Mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica – uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia” (FREUD, 1894c, p.237).

É preciso recorrer às explicações sobre a angústia para que fique claro o que Freud pretende ao definir um mecanismo da melancolia a partir de uma certa tensão de ordem psíquica. Ao tratar da origem da angústia, Freud aponta que a neurose de angústia pode ser verificada em pacientes frígidas ou com sensibilidade. A partir desta constatação, reconhece que “é um fator físico da vida sexual que produz a angústia” (FREUD, 1894, p.235). A angústia é radicada em uma esfera dita física. Quando se refere à angústia em relação a esta esfera física, Freud refere-se a uma quantidade, a uma magnitude. E é desta forma que, após constatar que mulheres com ou sem sensibilidade estão sujeitas a cargas de angústia após o *coitus interruptus*, “somos levados a dizer que se trata de uma questão de acumulação física de excitação – isto é, uma acumulação de tensão sexual física” (FREUD, 1894, p.237). O acúmulo se dá pela

ausência de descarga da tensão, há um represamento e uma conseqüente transformação deste acumulado. Esta tensão, que se origina dentro do corpo, “só é percebida quando atinge um determinado limiar. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica” (FREUD, 1894, p.237). Esta quantidade pertencente à esfera física não possui validade representacional antes de atingir o limiar da esfera psíquica. Na angústia, esta ligação psíquica não acontece, eis que há o acúmulo e a transformação desta quantidade. Portanto, apesar de apresentar a etiologia considerando um sistema quantitativo para a angústia e para a neurastenia, Freud destaca uma da outra justamente pela questão do escoamento nesta e do acúmulo na angústia.

A melancolia também é contemplada de acordo com este sistema de quantidades em esquema de carga e descarga e de transformação. Em meio a suas explicações sobre o mecanismo da angústia, Freud aponta uma característica essencial na melancolia: a anestesia sexual. Agora, trata-se da esfera física, ou melhor, de uma tensão pertencente à esfera física que, como a angústia, não possui vínculo representacional. Este é um ponto importante pois permite o que prossegue: na melancolia não há representação que permita uma vinculação da tensão a esta. Esta é a essência da referência que Freud faz aos afetos, os quais estão separados de seus representantes de ordem sexual. Na melancolia há algo de diferente, e Freud concede um nome a este algo em seu “Rascunho G” (1895a) dedicado à melancolia.

Em seu rascunho dedicado à melancolia, Freud separa tópicos para a análise desta. Primeiramente, nomeia “fatos” (p.246) as correlações que percebe entre a melancolia e a anestesia sexual, a neurastenia e a angústia. Trabalha-se este material por meio de “pontos de partida fixos” (p.247) que são proporcionados pela constatação

de que o afeto correspondente à melancolia é o luto, uma vez que na melancolia trata-se de uma perda em particular, “uma perda na vida pulsional” (FREUD, 1895a, p.247). Freud faz esta constatação também em referência à anorexia, pois a perda do apetite diz sobre uma perda da libido. Diante disto Freud afirma que a “melancolia consiste em um luto por uma perda da libido” (FREUD, 1895a, p.247). Pois bem, a melancolia refere uma perda e, por conta disso, há a presença do luto. Contudo, trata-se de uma perda bastante singular e que continuará presente na obra de Freud quando pronunciada a melancolia³. Nota-se que, desde já, é estabelecida uma vinculação entre luto e melancolia.

Para dar conta desta proposição Freud se utiliza de seu diagrama esquemático da sexualidade. Neste diagrama está presente o grupo de ideias com o qual a tensão sexual física se relaciona. Este grupo torna-se enfraquecido, sofre uma perda em sua quantidade, quando cessa a produção de excitação sexual de ordem física. Este é o mecanismo da melancolia grave comum, que se caracteriza por ser cíclica, mecanismo que tem sua base na cessação da tensão sexual da esfera física. Eis que Freud se pergunta sobre o papel da anestesia na melancolia.

Entre a tensão física e o grupo psíquico nomeia-se a “sensação voluptuosa” (FREUD, 1895a, p.249), que é uma transmissão entre estes pontos e é regulada por uma quantidade de descarga. Embora reconheça a presença da anestesia na histeria, por exemplo, não como causa, “a anestesia é a causa da melancolia” (FREUD, 1895a, p.250) pois o grupo sexual é dependente do sistema de carga e descarga promovido

³ É interessante perceber que Freud já correlaciona a melancolia e o luto e essa correlação aparecerá novamente em 1910 e será trabalhada em “Luto e melancolia” (1917b [1915]). Mas, é muito importante salientar, aqui Freud já refere uma perda à melancolia. Essa perda guia nosso trabalho.

pela transmissão desde a tensão sexual física, ou seja, a melancolia depende exclusivamente da ausência desta tensão física.

Somente após examinar os fatos, os pontos de partida estabelecidos e a etiologia da melancolia é que Freud se propõe a explicar os efeitos da melancolia. Estes são categorizados em “inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento” (FREUD, 1895a, p.252). Entende-se que, depois de pontuar a inibição e o empobrecimento pulsional, a palavra “respectivo” dá ao sofrimento o caráter de efeito. Este sofrimento acontece quando há uma “retração para dentro” (FREUD, 1895a, p.252) na esfera psíquica. A menção de uma espacialidade é coexistente ao esquema de quantidades. Freud aponta que a retração produz uma diminuição das quantidades pois “os neurônios associados são obrigados a desfazer-se de sua excitação, o que produz sofrimento” (FREUD, 1895a, p.252). Quando são desfeitas as associações entre o que Freud chama de neurônios, tem-se a causa da produção de sofrimento. É desta maneira que se instala o empobrecimento verificado na melancolia. Nomeia-se este de “hemorragia interna” pois o que se mostra é um vazamento, um escoamento que é relativo à pulsão. Quanto à referência espacial da retração que ocorre na esfera psíquica, é utilizada a palavra “ferida” para nomeá-la, ou seja, esta retração funciona de forma dolorosa presentificando-se como uma hemorragia.

Na melancolia parece instalar-se um paradoxo na medida em que se estabelece um acúmulo e um vazamento. É necessária uma melhor definição desse possível paradoxo. A comparação que Freud faz com a dor física permite colocar claro esse assunto.

Em seu “Projeto para uma psicologia científica” (1895b), Freud propõe uma concepção quantitativa para a excitação neuronal em estado de afluxo. Ao considerar

as observações das patologias clínicas, Freud estabelece o princípio de inércia neuronal segundo o qual os neurônios tendem a se livrar de uma determinada quantidade denominada Q. Esta é a estrutura dos neurônios. Contudo, este princípio de inércia é rompido por uma outra circunstância. Freud (1895b) explica que, devido à complexidade de um organismo já mais elevado, seu sistema nervoso também recebe estímulos internos (Q_{η}) tendo que lidar com eles de maneira a descarregá-los. Estes estímulos se originam endogenamente e, “ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se” (FREUD, 1895b, p.348). A partir desta impossibilidade de fuga, Freud aponta que o sistema nervoso é obrigado a abandonar a tendência à inércia, ou seja, não há uma descarga pois, desde agora, é preciso “tolerar [a manutenção de] um acúmulo” (FREUD, 1895b, p.349). Desde então, trabalha-se no sentido de manter esta quantidade em um nível mais baixo possível, ou seja, mantê-la constante.

Sabendo-se que é tendência manter a Q_{η} afastada dos neurônios e é função descarregá-la, a dor representa uma falha destes mecanismos, na medida em que um limite é ultrapassado. Segundo o autor:

O sistema nervoso tem a mais decidida propensão a fugir da dor. Vemos nisso uma manifestação da tendência primária contra o aumento da tensão Q_{η} e inferimos que a dor consiste na irrupção de grandes Qs em ψ . (...) A dor aciona tanto o sistema ϕ como o ψ , não há nenhum obstáculo à sua condução (FREUD, 1895b, p.359)

A dor se traduz em uma quantidade bastante elevada que rompe com a impermeabilidade dos neurônios. O sistema proposto por Freud é provido de uma falha já que não contém tamanha força. É a quantidade a causa da dor, quantidade

excessiva que caracteriza a dor como uma irrupção e que deixa claro o paradoxo, pois não se trata de uma hemorragia, de um vazamento e sim de um acúmulo. Paradoxo que se revela entre o “Rascunho E” e o “Rascunho G” em relação à melancolia uma vez que no primeiro trata-se de um acúmulo enquanto que, no segundo, trata-se de um escoamento.

A sequência dos trabalhos de Freud não deixa de abordar a melancolia. Entretanto, essa abordagem é de forma associada. Em relação à neurose obsessiva, Freud aponta a recriminação e o esgotamento do eu e associa esses elementos à melancolia.⁴

Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a), Freud afirma a impossibilidade de promover o acaso ou a hereditariedade como causas de uma patogênese neurótica e aponta a “etiologia específica” (FREUD, 1896a, p.145) das afecções em pauta. Freud eleva esta etiologia específica à condição de objeto de estudo, apesar de sua inacessibilidade já reconhecida, a despeito dos encaminhamentos médicos à hereditariedade. Diante disto, Freud promove uma renovação nosográfica dispondo a histeria ao lado da neurose obsessiva por seu laço estreito; e, em um outro grupo, a neurastenia e a neurose de angústia, separadas por suas etiologias e por seus quadros sintomáticos.

Neste mesmo ano, em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b), Freud, munido das considerações sobre a etiologia das neuroses, faz maiores observações acerca de sua revolução nosográfica e tangencia a melancolia em suas apresentações sobre esta revolução. Retomando o trabalho “Neuropsicoses de

⁴ Em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) e em “O ego e o id” (1923) Freud retomará a associação entre neurose obsessiva e melancolia.

defesa” (1894a), Freud reafirma o agrupamento das ditas neuropsicoses em torno de seu aspecto comum, qual seja, de que as manifestações destas se davam a partir de um mecanismo de defesa, apontado como inconsciente, no qual se dava um destino determinado à representação incompatível de cunho sexual. Neste momento inicial de sua obra, Freud faz considerações bastante importantes ao firmar o método psicanalítico como tendo o propósito de “tornar consciente o que era até então inconsciente” (FREUD, 1896b, p.165). Este propósito ressoa em toda a teoria, revelando o inconsciente como tendo estatuto privilegiado neste campo das patologias.

Ao retomar a neurose obsessiva, a defesa é tida como fracassada desde que há o retorno do que sucumbira ao recalque, retorno este que se constitui de lembranças reativadas e de auto-acusações delas decorrentes e que se caracteriza por não ser o retorno do inalterado, pois “o que se torna consciente como representações e afetos obsessivos, substituindo as lembranças patogênicas no que concerne à vida consciente, são estruturas da ordem de uma formação de compromisso” (FREUD, 1896b, p.170). Freud fará considerações posteriores em notas de rodapé acerca destas representações inconscientes de cunho sexual e do que viria a se revelar como da ordem da fantasia. Contudo, é no ponto em que o autor desenvolve sobre o afeto na neurose obsessiva, que se fazem duas breves referências à melancolia. É no retorno do afeto de auto-acusação, tido como recalçável, e em sua transformação em outro afeto desagradável que Freud localiza a “melancolia periódica [a qual] parece, em particular, decompor-se com inesperada freqüência em afetos obsessivos e idéias obsessivas – uma descoberta que não é insignificante do ponto de vista terapêutico” (FREUD, 1896b, p.171). A melancolia, a par de um estado afetivo, constitui um diferencial clínico no diagnóstico da neurose obsessiva, estando em ligação direta à

auto-acusação, afeto que toma o paciente durante “estados melancólicos de esgotamento do ego” (FREUD, 1896b, p.173). A ligação com a auto-acusação e o caráter de esgotamento do eu começa a despontar como ponto de extrema relevância quando se alude à melancolia. Note-se que o escoamento, esvaziamento é aludido ao eu.

Sendo a melancolia, nesses primeiros trabalhos de Freud, abordada enquanto melancolia propriamente dita ou como associada a outras patologias clínicas, abre oportunidade para se questionar como esta se define na nosografia destes primeiros trabalhos.

Em “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898), Freud afirma que pesquisas exaustivas realizadas nos últimos anos permitem a conclusão de que em todos os casos de doença neurótica são encontrados fatores da vida sexual. Quando relatam seu sofrimento, os pacientes apresentam os conteúdos sexuais ocultos em seus próprios relatos. Esses conteúdos revelam a etiologia que nas psiconeuroses é referente a fatores da infância, enquanto que na neurastenia, por exemplo, remete-se a uma etiologia contemporânea. A etiologia contemporânea indica as neuroses atuais, que incluem a neurastenia e a neurose de angústia.

Onde se enquadraria a melancolia? Neste trabalho Freud não aponta a melancolia como enquadrada entre as psiconeuroses ou as neuroses atuais. O autor apenas refere que a prática analítica nada pode fazer em períodos de interpolação entre mania e melancolia. Seriam períodos de crise, e que, apenas após o abrandamento dessas manifestações, é que uma prática psicanalítica poderia ser estabelecida.

O que se coloca em referência à melancolia nestes primeiros escritos permite um percurso que se abre a partir destes. Dois pontos de questionamento se evidenciam: um primeiro sobre o possível paradoxo entre escoamento e acúmulo e, um segundo, diz sobre a melancolia em seu paralelismo à neurose de angústia, sua associação com as psiconeuroses e sua impossibilidade para a clínica quando interpolada à mania. Estas não são questões para serem respondidas aqui, mas sim para serem orientadoras do prosseguimento. Já se evidenciou que a questão sobre o escoamento e o acúmulo dirige para temas como pulsão e libido que revelam, na melancolia propriamente dita, algo que se perdeu e que mantém relação com o grupo sexual psíquico. Relação que se fundamenta na anestesia que ocorre na esfera física, desde a qual fica impossibilitado o limiar da esfera psíquica. Isso pode ser compreendido como uma ausência de representação desencadeada pela anestesia. Pode-se perguntar também se este grupo sexual psíquico relaciona-se ao que Freud chama de representante quando refere as neuroses e as psicoses.

O grupo sexual psíquico, descrito como um grupo de ideias circunscrito à esfera psíquica nos permite seguir no exame da melancolia na obra de Freud por um período em que esta não é diretamente abordada. Esse período contém grandes formulações de Freud, dentre elas a do aparelho psíquico – em sua primeira tópica. Segundo Freud, “acima de tudo, seria indispensável formular como dignas de crença certas hipóteses, que me parecem novas, sobre a composição do aparelho psíquico” (FREUD, 1898, p.267). Esse apontamento de Freud é para anunciar seu “A interpretação dos sonhos” (1900).

2.2 De uma perda fundamental

Neste tópico serão abordados trabalhos de Freud compreendidos entre 1895 e 1905. Aqui a melancolia não é diretamente apontada, porém as reflexões que se delineiam nesse período são fundamentais para a posterior discussão acerca desta.

Embora anuncie sua reflexão acerca do aparelho referindo “A interpretação dos sonhos” (1900), podemos encontrar uma valiosa reflexão sobre esse assunto em seu “Projeto para uma psicologia científica” (1895b). É necessário que façamos um breve relato desse aparelho para que seja viável reconhecer aquilo que, em origem, é perdido. A melancolia permanece como meta, já que o objetivo de delinear o aparelho nos permitirá introduzir uma questão sobre a especificidade daquilo que se perdeu na melancolia.

Retomando aquilo que ressaltamos a partir do texto “Projeto para uma psicologia científica” (1895b), encontra-se a introdução de um sistema no qual é rompido o princípio de inércia do aparelho neural por meio de estímulos endógenos. Desses estímulos é impossível esquivar-se, são estímulos específicos e que se impõem como “exigências da vida” (FREUD, p.349, 1895b). É preciso que o sistema tolere uma quantidade de $Q\eta$ (já referida anteriormente como quantidade interna) e que mantenha esta quantidade em nível constante. Trata-se de uma tendência à inércia e também de uma tendência à constância, ou seja, manter a energia em um determinado nível que seja o mais baixo possível. É nesse contexto que figuram as funções primária e secundária de funcionamento do aparelho.

Em relação ao funcionamento do aparelho constituído por ϕ , ψ e ω , Freud também leva em consideração o mundo externo. As cargas de excitação provindas da

externalidade penetram o aparelho por via do sistema ϕ . Entretanto, o sistema ψ , além dessa carga fracionada vinda de ϕ , recebe também “catexia do interior do corpo” (FREUD, 1895b, p.367). Esta catexia interna atinge os ditos “neurônios nucleares” (p.367) e é considerada a “mola mestra do mecanismo psíquico” (p.368), pois revela que essa via de condução está completamente facilitada. É desde então que a ideia de acúmulo é inevitável. Assim, o sistema ψ está sujeito à quantidade vinda do interior do sistema e , segundo Freud, “conhecemos essa força como vontade – o derivado das pulsões (*Trieb*)” (1895b, p.369).

É da catexização dos neurônios nucleares em ψ que há uma propensão à descarga, uma urgência. Porém, essa descarga não produzirá alívio pois o estímulo endógeno não cessa. É necessária uma intervenção que suspenda provisoriamente a urgência. Existe uma dependência ao outro em um primeiro momento desse processo. A criança de tenra idade, em posição de desamparo, está em dependência de um outro para a remoção provisória do estímulo endógeno. A esse evento Freud chama “experiência de satisfação”; esta se inicia pela descarga que elimina a urgência que causou o desprazer em ω . Depois se produz no neurônio do sistema ψ a catexização de um neurônio correspondente à “percepção do objeto” (p.370) e, a partir de então, no sistema ψ , chega a informação da descarga e estabelece-se uma via (facilitação) entre as catexias e os neurônios nucleares. Essa informação sobre a descarga surge em ψ como uma “imagem motora [cinestésica]” (p.370).

No trabalho do eu de encontrar satisfação coloca-se o problema: encontrando-se o eu em estado de desejo, ele catexiza novamente a imagem de um objeto e então coloca em ação o processo de descarga. Porém, nesse caso, deixa de ocorrer satisfação pois o objeto não é real, é uma “idéia imaginária” (p.377). O sistema

ψ é incapaz de distinguir entre percepção e ideia e, “provavelmente, são os neurônios ω que fornecem essa indicação: a indicação da realidade (*Realitätszeichen*)” (FREUD, 1895b, p.378). Quando o objeto é fortemente catexizado produz-se a mesma indicação de realidade, sendo somente a capacidade do eu de inibir ou recalcar a única possibilidade de distinção entre a percepção e a lembrança. Mediante essa capacidade do eu de reconhecer o objeto como “não-real” (p.379) produz-se uma catexia dita moderada e abrem-se possibilidades para a relação com esse objeto que, aliás, diga-se antecipadamente, é um objeto que já está perdido.

Freud faz maiores exposições acerca dessa relação com o objeto na medida em que estabelece possibilidades para que essa relação se processe. Em um primeiro caso, ocorreria simultaneamente a catexia de desejo da imagem mnêmica e a presença da percepção desta; em um segundo caso, estaria presente a catexia de desejo e também uma percepção que não é correspondente à imagem de forma integral. É a partir deste caso que Freud faz uma importante pontuação sobre o objeto propondo que “a catexia de desejo se relaciona com o neurônio a + o neurônio b, e a catexia perceptiva, com os neurônios a + c” (FREUD, 1895b, p.380). Perceba-se que o neurônio a é presente em ambas as catexias, a de desejo e a perceptiva, o que é variável é o neurônio b, o qual tem o neurônio c percebido em seu lugar. Freud remete à posteridade da linguagem a aplicação do termo juízo à análise deste esquema envolvendo imagem e percepção: “esta [a linguagem] chamará o neurônio a de a coisa, e o neurônio b, de sua atividade ou atributo – em suma, de seu predicado” (FREUD, 1895b, p.380). Remetendo-se ao início da capacidade de julgar, revelam-se possibilidades de conexões entre a percepção e o objeto desejado. Desde então se faz presente um “componente não assimilável (a coisa)” e seus atributos que são variáveis

e compreensíveis. Disto, o que se pretende destacar é o objetivo de reencontro do neurônio b e a presença do que se nomeia coisa na busca de apreensão do objeto de desejo. Esta coisa terá importância quando referida à melancolia em 1915, no momento em que se propuser que o não assimilável impera sobre o eu melancólico.

Adiante, em sua “Carta 52” (FREUD, 1896c) enviada a Fliess, Freud faz uso de uma figura esquemática que inclui as percepções - “Wahrnehmungen” (p.282) – que são os neurônios nos quais se originam as percepções; a indicação da percepção – “Wahrnehmungszeichen” (p.282) - que é o primeiro registro (“Fixierung”) das percepções e a inconsciência – “Unbewusstsein” (p.282) – que se refere a um segundo registro cujas relações são “talvez causais” (FREUD, 1896c, p.282). Portanto, figura-se nas reflexões de Freud sobre a percepção do objeto uma relação com o inconsciente, tido neste momento como inconsciência. Contudo, avancemos em direção à “Interpretação dos Sonhos” (FREUD, 1900) com a finalidade de obter maiores informações sobre a relação objetal.

A percepção do objeto não é abandonada por Freud em seu trabalho publicado. Entretanto, como já se verifica na “Carta 52” (1896c), diferentemente de um aparelho regido por um funcionamento, Freud propõe um sistema, um esquema que possui uma lógica intrínseca à estrutura do aparelho. Quando Freud afirma que o objetivo de adentrar a uma compreensão dos processos envolvidos no ato de sonhar revela que “todos os caminhos terminam na escuridão” (1900, p.542), justifica a formulação de novas hipóteses acerca da “estrutura do aparelho psíquico” (1900, p.543). É com base nessa estrutura que Freud se coloca a analisar os sonhos.

Primeiramente, o sonho que se oferece à interpretação está em estado diferenciado, ou seja, a lembrança do sonho está fragmentada e falseada. Freud

reconhece que o que resta do sonho, um curto fragmento inexato, é provido de um sentido, embora haja um determinado trecho que permaneça obscuro à interpretação. Freud reconhece nesse desconhecido um emaranhado, este é o “umbigo do sonho” (1900, p.556). Os pensamentos oníricos ramificam-se e “é de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio” (FREUD, 1900, p.557). O sonho é revelador de um desejo que parte de um ponto obscuro, esse desejo está em busca de realizar-se (p.564). Já em seu “Projeto para uma psicologia científica” (1895b) Freud refere o desejo como uma urgência em relação à satisfação a ser obtida no encontro com o objeto, haja vista a impossibilidade deste encontro.

Tomando os sonhos como atos psíquicos de tamanha relevância como os demais, aponta-se que “o desejo que é a força propulsora” (FREUD, 1900, p.564) do mesmo. Desde então, Freud propõe um aparelho psíquico composto por instâncias espacialmente dispostas, um sentido, ou direção, no atravessamento da excitação (a qual pode ser interna ou externa). Entretanto, Freud vai além do aparelho reflexo e propõe que, logo no início do aparelho, dos estímulos perceptivos são retidos traços mnêmicos, ou seja, há uma “memória” (p.568) a partir daquilo que é retido e que é diferente do conteúdo da percepção.

A neurose permite a Freud afirmar que tais desejos estão sempre em estado de alerta, prontos a se expressarem – eles têm caráter de indestrutibilidade. Também se tem que “o desejo que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil” (FREUD, 1900, p.583). Estas são referências que descrevem a natureza dos desejos, Freud vai além e se utiliza do quadro esquemático do aparelho psíquico para tanto. Em princípio, os esforços desse aparelho tinham o objetivo de mantê-lo livre de estímulos o

tanto quanto possível. Essa primeira estrutura é a do arco reflexo, a excitação incide no aparelho e é prontamente descarregada pela via motora. É a partir das “exigências da vida” (p.594) que esta função simples do arco reflexo sofre interferências, as necessidades internas buscam descarga no movimento e, por um auxílio externo, ocorre a “vivência de satisfação” (p.594) que suspende o estímulo interno. Freud decompõe essa vivência de satisfação em uma percepção específica “cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade” (p.594). É por meio desse vínculo produzido, já abordado no “Projeto para uma psicologia científica” (1895b) e tornado público em 1900, que, na próxima vez em que a necessidade despertar, procurar-se-á recatexizar a imagem mnêmica daquela percepção por meio de uma moção psíquica, buscando-se restabelecer o estado original.

Segundo Freud, “uma moção dessa espécie é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo” (1900, p.595). O desejo vai de encontro ao objeto que já não está na origem, por neste momento tratar-se de uma alucinação.

No intento dessa busca, o aparelho evita o desprazer em forma de acúmulo de excitação tentando se manter em estado de baixas excitações. É o acúmulo que coloca o aparelho em vias de repetir a vivência de satisfação por esta ter sido vivida como prazer. Segundo Freud, “só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento” (1900, p.625) e esse movimento é regulado pelo prazer e desprazer. É ainda por este esquema que a alucinação mostra-se insuficiente, tornando-se necessária uma segunda atividade. Esta segunda atividade ou segundo sistema é responsável por não permitir à catexia mnêmica avançar até a percepção, mas que desviasse a excitação

provinda da necessidade por uma via indireta que produzisse alterações no mundo externo tornando possível alcançar a “percepção real do objeto de satisfação” (FREUD, 1900, p.625).

Este breve trajeto pelos primeiros trabalhos de Freud revela que a questão do objeto, ou da falta dele, está intrinsecamente relacionada à representação⁵, veja-se pelos termos traço mnêmico, registro etc. O próprio objeto é tido como uma representação (*Vorstellung*). Freud afirma em seu Posfácio do caso Dora, “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905a [1901]), que “é possível que a firmeza de meu ponto de vista na questão do inconsciente seja chocante, uma vez que opero com representações” (p.108).

Desde o “Rascunho G” (1895a), sobre a melancolia, temos o grupo sexual psíquico que revela a questão da representação, pois este é um grupo de ideias que perde a catexização na medida em que há uma anestesia sexual intrínseca ao mecanismo da melancolia. Contudo, o que há de peculiar neste grupo psíquico que tem esse destino na melancolia? Já que o aparelho supõe uma perda do objeto como fundamental, é possível perguntar sobre o que mesmo é perdido na melancolia? Freud nos aponta uma perda na vida pulsional e um luto por perda da libido. Embora não ofereça maiores explicações, Freud nos permite seguir com a pergunta sobre o que se perde na melancolia. Suas reflexões sobre a pulsão, em 1905, nos permitem introduzir conceitos que servirão de base para as reflexões posteriores a respeito da melancolia.

⁵ Segundo Freud, a unidade da função lingüística “é a palavra, uma apresentação [*Vorstellung*] complexa, que vem a ser uma combinação de elementos auditivos, visuais e cinestésicos.” (FREUD, 1915b, p.217)

2.3 Uma introdução à perda na melancolia

Neste subcapítulo realizaremos um trajeto pelos trabalhos de Freud que sustentarão as proposições sobre a melancolia em “Luto e melancolia” (1917 [1915]). O objetivo desse trajeto é apontar que há uma determinada construção que antecede e que dará suporte ao que Freud afirmará em 1915 sobre a melancolia. A par do que será proposto acerca da melancolia, uma digressão sobre o suicídio também será traçada. Pontos dos subcapítulos anteriores também serão retomados adiante, ainda com o objetivo de apontar uma construção antecessora ao que será proferido. Daqueles pontos discutidos nos subcapítulos anteriores acerca da melancolia, é a pulsão que toma a dianteira nos trabalhos de Freud.

Em seu “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) Freud propõe a pulsão sexual a partir da existência das necessidades no humano e, assim como a nutrição tem a palavra fome em sua designação, a pulsão sexual se serve da palavra libido. A proposta de Freud é feita a despeito das impressões e conclusões apressadas da opinião popular. É nesse sentido que introduz o “objeto sexual” e o “alvo sexual” (p.128) a fim de investigar a atividade sexual. Esta é a investigação psicanalítica, cujo conhecimento das pulsões é extraído da “histeria, neurose obsessiva, da erroneamente chamada neurastenia, e certamente também de *dementia praecox* e paranóia” (FREUD, 1905, p.154). A pulsão é onde se fundamentam as ditas psiconeuroses e ressalta Freud que esta é “a única fonte energética constante da neurose” (p.155). Note-se a palavra constante, utilizada pelo autor para descrever a essencialidade da pulsão.

Freud remete à atividade sexual como base das neuroses, das psicoses e da perversão, atividade esta que é pulsional e se extrai de manifestações sexuais da

infância. Nos trabalhos anteriores, Freud já pudera observar esta característica na base de sua nosografia. Considera que mesmo o “recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo” (p.166). Por exemplo, Freud observa o chuchar, o sugar com leite, que está presente em tenra idade e que consiste na repetição rítmica do sugar excluindo-se qualquer propósito de nutrição.

O chuchar é considerado uma manifestação sexual à qual Freud estende a pergunta sobre a origem destas manifestações. Imediatamente o auto-erotismo é referido pelo autor como um traço essencial da pulsão, pois é quando esta não é dirigida para uma outra pessoa mas para o próprio corpo na busca por satisfação. Segundo Freud, “o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado” (p.171), esforça-se por renovar a experiência de prazer contida na atividade de mamar, a qual se associava, a princípio, à função vital de alimentar-se. Trata-se do mesmo esquema referido quando abordado o “Projeto para uma psicologia científica” (1895b) e a “Interpretação dos sonhos” (1900).

Freud extrai desta atividade de chuchar considerações sobre a zona erógena e o alvo sexual, afirma que o prazer está ligado a condições especiais ainda desconhecidas. Entretanto, sustenta que é a qualidade do estímulo e não a parte do corpo que é responsável pela produção da sensação prazerosa. Para tanto, observa que nas neuroses, por via do recalque, sobretudo em relação às zonas genitais, a excitabilidade transmitida permite que outras partes do corpo se comportem como genitais. Já o alvo sexual da pulsão consiste em, mediante a estimulação apropriada da zona erógena, provocar a satisfação e Freud reafirma: “essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí a necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos

que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso” (p.173). A necessidade de repetir é colocada por Freud como um estado que transparece de duas maneiras, primeiro pela tensão e o caráter de desprazer e, segundo, por uma estimulação projetada para a zona erógena. É assim que o alvo sexual substituiria “a sensação de estimulação projetada na zona erógena pelo estímulo externo que a abolisse ao provocar a sensação de satisfação” (p.174). O alvo, a meta, a finalidade da pulsão é a supressão (p.159) do estímulo advindo da fonte. Sendo supressão a palavra adotada pela tradução, diremos que a meta da pulsão é a satisfação. Freud cita o sugar como um estímulo externo que teria a finalidade de provocar satisfação.

A fim de introduzir uma discussão acerca da escolha objetal (assunto que nos permitirá chegar ao objetivo deste capítulo), atenhamo-nos ao auto-erotismo. Este já pode ser observado na obra de Freud na “Carta 125” (1899) em que o autor o considera como uma camada sexual mais inferior que exige sensações locais de satisfação. Após essa camada, encontra-se o aloerotismo, sem que o auto-erotismo tenha deixado de existir.

Mais adiante, em “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909a), o caso Hans, Freud reafirma sua posição acerca do auto-erotismo e considera uma passagem para o amor objetal. Hans, nessa passagem, toma o pai e a mãe como objetos, esta como objeto de amor e aquele como objeto odiado. Freud reconhece uma peculiaridade nesse ódio para com o pai, pois, ao mesmo tempo em que o amava, Hans desejava sua morte.

Em “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” (1909b), o Homem dos ratos, Freud igualmente aponta a relação de amor e ódio para com o objeto, também o

pai. O amor e o ódio não se anulam, coexistem. Freud afirma que o ódio pode ser recalçado no inconsciente e lá estar protegido, ou seja, não deixa de existir.

Recuperando o auto-erotismo da “Carta 125” (1899) e nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905c), apontamos a satisfação pulsional em seu princípio dirigindo-se, sem que haja supressão do auto-erotismo, à escolha objetal. Essa escolha revela a coexistência do amor e do ódio (e, curiosamente, o pai toma um papel de relevância nessa discussão). Estes são pontos que serão alvo de profundas reflexões de Freud e que se vinculam intimamente à melancolia. Com base no breve exposto sobre a relação objetal, a seguir serão examinados trabalhos de Freud que consideramos preparatórios para “Luto e melancolia” (1917 [1915]) por serem trabalhos que desenvolvem temas como o retorno ao eu, a ambivalência, o narcisismo e outros. São trabalhos que datam do período de 1910 a 1915.

2.3.1 O retorno ao eu e a ambivalência

Em 1910, Freud faz um valioso comentário em relação ao suicídio. O autor se questiona sobre como o eu poderia renunciar à autopreservação instalando o problema de saber “como seria possível subjugar-se ao extraordinariamente poderoso instinto da vida” (FREUD, p.244, 1910). Segundo o autor, ainda não há meios para abordar a questão, havendo apenas a possibilidade de “tomar como nosso ponto de partida a condição da melancolia, que nos é tão familiar clinicamente, e uma comparação entre ela e o afeto do luto” (p.224). Freud reafirma o paralelo entre a melancolia e o luto, tendo esta comparação como ponto de partida para a indagação sobre como o eu poderia se destruir. Freud admite não ter uma resposta a essa

pergunta naquele momento. A falta de resposta de Freud, em 1910, nos faz seguir e justifica nosso caminho por entre os trabalhos que sustentarão as proposições que serão feitas adiante, em 1915, sobre a melancolia e sobre o suicídio.

Para seguir, propusemos-nos a ir pelo que Freud estivera desenvolvendo acerca da relação objetal, a princípio em menção ao auto-erotismo. É em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)” (1911a) que Freud lança para debate o auto-erotismo e a escolha objetal, acrescentando entre ambos o narcisismo. Suas proposições culminam no tema do retorno ao eu como característica fundamental da psicose.

Nesse trabalho, Freud faz uso das declarações delirantes de Daniel Paul Schreber tendo como restrição a oposição à publicação de trechos do livro de memórias de Schreber considerados impróprios. Segundo Freud, a descrição retirada do relato das memórias acerca dos outros membros da família de Schreber remonta “o núcleo da estrutura delirante a motivos humanos familiares” (p.47). Com esse mesmo objetivo Freud segue, por outra via, o fragmento da história clínica referente às relações de Schreber com seu médico Flechsig, sendo este o autor de atos de perseguição no início da doença de Schreber e permanecendo como instigador ao longo do curso relatado.

O caso em questão assume a forma de delírios de perseguição. A formação delirante é fruto de um trabalho intenso em que o médico Flechsig é acusado de cometer, ou tentar, “assassinato de alma” (p.48). Junto de Flechsig, o qual não é tomado como o real mas sim como a alma de Flechsig, é considerado Deus Todo-Poderoso como aliado. Freud afirma que, nos delírios de casos como este, a relação do paciente com seu perseguidor revela o papel desempenhado por alguém antes do desencadeamento da doença. Freud trata como um substituto aquele que agora é

odiado por ser perseguidor, mas que, em outra ocasião, fora amado e respeitado, sendo o propósito do delírio justificar a atitude emocional modificada.

O caso revela uma substituição da figura de Flechsig pela figura de Deus e o que, a princípio, se pareceria com um agravamento do conflito, pois intensificava-se a perseguição, mostra-se como preparo para uma mudança e a consequente solução do conflito. É a partir do momento em que Schreber pode colocar-se em posição feminina diante de Deus que há a nova raça nascida do espírito de Schreber. Assim a luta pode cessar visto que “seu ego encontrava satisfação na megalomania, enquanto que sua fantasia feminina de desejo avançava e tornava-se aceitável” (p.57). Essa satisfação do eu é bastante peculiar neste momento da obra, Freud a refere adiante como da ordem do narcisismo.

Contudo, resta a questão acerca da mudança entre a figura de Flechsig e de Deus, questão colocada pelo próprio Freud diante da averiguação de uma possível cessação da luta defensiva. Freud percebe uma cisão do perseguidor entre Flechsig e Deus sendo que ambas as figuras pertencem a uma mesma classe, elas referem alguém que fora amado. A figura de Deus revela alguém de maior importância, o pai, enquanto que a figura de Flechsig se correlaciona com o irmão mais velho, também falecido. Freud afirma que “a fantasia feminina, que despertou uma oposição tão violenta no paciente, tinha assim suas raízes num anseio, intensificado até um tom erótico, pelo pai e pelo irmão” (1911a, p.59). Desde então, a estabilização do conflito deveu-se à mudança do anseio pelo pai quando a figura é substituída por Deus.

Esse Deus pelo qual se revela o anseio pelo pai mostra-se alvo das mais ferrenhas blasfêmias e, ao mesmo tempo, da maior das subordinações. Freud, em sua pesquisa sobre Schreber, averigua que o pai deste era médico de grande reputação e

que não se caracterizam como inadequadas as qualificações dadas por Schreber a Deus em consonância com o pai. Freud chama “complexo paterno” (p.63) o terreno em que se encontra ao estabelecer uma análise dos delírios de Schreber sendo este complexo e a fantasia de desejo elementos dominantes na doença.

Freud põe-se, a partir do que constatou sobre a fantasia de desejo homossexual em Schreber, a examinar um estágio do desenvolvimento da libido que se localiza entre o auto-erotismo e o amor objetal, chama-se narcisismo e é definido como a ocasião em que a pulsão busca um objeto amoroso e toma-se a si próprio, ou melhor, “o próprio corpo” (p.68), como objeto. Desde aí é possível subseqüentemente tomar um outro objeto que não si próprio, primeiramente um objeto semelhante (homossexual) e depois uma escolha heterossexual. Freud propõe uma “fixação” (p.69) no auto-erotismo, narcisismo ou na homossexualidade que se verifica na paranóia e também estende à demência precoce (Kraepelin) ou esquizofrenia (Breuler). Dessa fixação resta o “eu só amo a mim mesmo” (FREUD, 1911a, p.72) indicando a megalomania da supervalorização do eu, já que a libido é direcionada a permanecer nesse investimento específico.

O retorno da libido ao eu acontece a partir de um “fracasso da repressão” (p.75) que fundamenta a formação delirante como uma tentativa de restabelecimento da libido desligada das pessoas e das coisas. Freud aponta nesse desligamento libidinal uma “percepção suprimida” (p.78) e que na formação delirante é descrita como um movimento: “aquilo que foi inteiramente abolido retorna desde fora” (FREUD, 1911a, p.78). Embora julgue ainda insuficiente, Freud refere sua teoria pulsional e o mecanismo da paranóia propondo a pulsão do eu e a pulsão sexual.

O percurso de Freud em seu trabalho sobre Schreber (1911a) abre vias para se estabelecer uma análise de “Luto e melancolia” (1917 [1915]), pois fornece proposições essenciais sobre o narcisismo e sobre a psicose. Essas proposições serão retomadas adiante. Todavia, é fato que esses temas continuam em debate na obra de Freud. É com o caso Schreber (1911a) que Freud apresenta uma distinção entre pulsão do eu e pulsão sexual. Ainda em 1911, Freud faz maiores aprofundamentos em relação à teoria pulsional e ao aparelho psíquico.

Em seu “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911b), Freud afirma que há uma alienação do neurótico em sua relação com a realidade fundamentada no processo de recalque, o neurótico afasta-se da insuportabilidade da realidade. Em casos de psicose alucinatória o afastamento é mais extremo, na neurose afasta-se de um fragmento. Freud considera a tarefa de averiguar esta relação com a realidade e começa por lembrar o processo primário de funcionamento do aparelho psíquico, que funciona segundo a ordem do princípio de prazer-desprazer no sentido de evitar impressões aflitivas. Relembrando o aparelho de 1900, Freud pontua que o estado de repouso foi originariamente perturbado pelas necessidades internas e, quando isso aconteceu, tudo o que havia sido desejado foi apresentado de maneira alucinatória. Na ausência da satisfação, há um “desapontamento experimentado” (p.238) que leva ao abandono dessa tentativa. Diante de tanto, o aparelho psíquico teve de decidir conceber as circunstâncias e empenhar-se em efetuar uma alteração real. Instala-se um princípio de funcionamento mental, pois o que se colocava ao aparelho “não era mais o agradável, mas o real” (p.238). Este é o estabelecimento do princípio de realidade, um “passo momentoso” (p.238).

A introdução deste princípio exige novas alterações por parte do aparelho. Desde então, a descarga motora é empregada na alteração apropriada da realidade, sendo então uma ação; e também se separa uma área subordinada ao princípio de prazer que é a da fantasia. Porém, na psicose encontra-se outra via que é qualificada como um afastamento, na medida em que há um retorno ao eu. Isso é suficiente para apontar que, em princípio, as pulsões sexuais são de base auto-erótica, o que fundamenta o retorno ao eu.

O retorno ao eu é considerado por Freud uma característica que tem seu ponto máximo na psicose. Esse retorno será conclusivo para definir a melancolia, juntamente do que se propõe sobre a ambivalência. É em “Totem e tabu” (1912 [1912-13]) que Freud faz maiores observações sobre a ambivalência e, também, aborda esta ambivalência em relação ao pai.

Nesse trabalho, Freud propõe uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos, tomando autores da antropologia social, e o que a psicanálise oferece acerca da neurose. Observa que a relação dos povos primitivos com o totem é a base do regime social, regime no qual há um impedimento às relações incestuosas. Quanto ao tabu, Freud observa uma ambivalência na palavra, pois, concomitantemente, significa “sagrado” e “perigoso” (p.40). Também é apontada a ambivalência em relação aos tabus – há o desejo de fazer aquilo que é proibido e, ao mesmo tempo, o temor de fazê-lo.

A psicanálise, por sua vez, permite considerar a relação da criança com os pais dominada por desejos incestuosos, nucleares na neurose, havendo, ao mesmo tempo, uma aversão a tais desejos que se configura como proibição. Freud afirma que essa proibição não abole o desejo, apenas o bane para o inconsciente. Esse desejo

que também é chamado de desejo pulsional ou pulsão é apenas recalcado, não deixando de existir. Desde então, há uma “atitude ambivalente do sujeito para com um objeto determinado” (FREUD, 1912 [1912-13], p.47). É a partir da ambivalência que Freud considera, como na relação para com o tabu, as proibições de não matar e de não manter relações sexuais com o objeto em questão. Também em relação à ambivalência é apresentado o luto que, na neurose, é perturbado por recriminações diante da perda daquilo que era amado. Freud reconhece um impulso hostil para com aquilo que é amado.

A relação com o objeto, ou com sua falta, é marcada pela ambivalência. Posto isso, Freud retoma o que chama de tendências libidinais (p.99) posicionando, entre o auto-erotismo e a escolha objetal, o narcisismo. Neste, o próprio eu é tomado como objeto. O narcisismo nunca é totalmente abandonado durante a organização libidinal. Novamente, Freud aponta a presença fulgurante do narcisismo nas psicoses quando aborda o tema da tomada do eu como objeto. Contudo, apesar de reconhecer uma ambivalência na relação com o objeto, ou sua falta, Freud, neste momento, não refere a ambivalência quando o eu é posicionado como objeto. Esse ponto é de fundamental importância em se tratando da melancolia e do suicídio e será desenvolvido em “Luto e melancolia” (1917 [1915]).

Ainda em referência à ambivalência, um outro ponto desenvolvido em “Totem e tabu” (1912 [1912-13]) que será de capital interesse quando abordada a melancolia é o que Freud propõe a respeito da figura paterna. Freud retoma sua “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909a), salientando o Complexo de Édipo e a ideia de Hans de que o pai estivesse ausente, morto. A partir disso, o autor estabelece uma correlação entre a refeição totêmica, na qual os povos primitivos se alimentavam de seu

animal totêmico, ato que apenas seria permitido ao clã, e “a atitude ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai” (p.145). É assim que Freud considera o animal totêmico como um substituto do pai.

O mito da horda primeva é introduzido por Freud constituído de dois tempos: um primeiro, em que o pai é vivo, violento e guarda as fêmeas expulsando os filhos homens; um segundo momento, no qual o pai é assassinado e devorado pelos filhos que, no ato de devorar, identificam-se com o pai (a identificação é um dos pontos chave para a compreensão do mecanismo da melancolia). Freud reconhece a ambivalência no complexo-pai e, diante disso, o sentimento de culpa que surge por remorso ao ato. Doravante, o pai morto tem maior força, sustenta as proibições implícitas ao Complexo de Édipo e é dele que se sente saudade. O pai torna-se um ideal. O tema do ideal será desenvolvido adiante.

Temos reunidos temas que eram abordados por Freud entre 1911 e 1913: o retorno ao eu, o auto-erotismo, o narcisismo a ambivalência, a identificação e uma introdução ao ideal. São temas que compõem o exame que Freud estabelecerá em 1915 sobre a melancolia, acerca dos quais ele não deixa de discorrer nos anos intermediários. Trataremos deles em seguida.

2.3.2 Do narcisismo: a auto-estima

Em “A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose” (1913), Freud reafirma sua proposição acerca das parafrenias de que há um “afastamento do mundo dos objetos” (p.342) e a coincidente dificuldade de estabelecimento da transferência. Tal afastamento permite a Freud estabelecer um

ponto de fixação em um estágio da organização libidinal anterior à escolha objetal. Também aponta que a relação objetal é ambivalente e que “o ódio é precursor do amor” (p.349). Note-se que, até então, Freud reconhece a ambivalência em relação ao objeto extrínseco. Será no próximo ano, com a publicação de “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) que Freud permitirá uma maior reflexão acerca da ambivalência por dispor criteriosamente a relação com o objeto. A reflexão acerca do amor e do ódio também se mostrará profícua.

A saber, em 1914, Freud descreve o narcisismo como “uma localização da libido” (p.81) e o atribui a qualquer criatura viva. Retoma-se a discussão acerca das parafrenias introduzindo-se o “narcisismo primário” (p.81), decorrente da introdução destas na discussão sobre a libido, e um “narcisismo secundário” (p.82) sobreposto ao primeiro e decorrente das catexias objetais.

É a partir de então que Freud introduz os conceitos de libido do eu e de libido objetal pressupondo haver uma catexia original do eu que, posteriormente, é transmitida aos objetos embora permaneça vinculada ao eu. Ambas coexistem no narcisismo, sendo discrimináveis na medida em que se estabelece a catexia objetal.

Este estado primeiro, de impossível discriminação, é inobservável diretamente pela análise. Freud reitera a megalomania própria dos casos de parafrenia para afirmar que esta sim é observável e que “surge a expensas da libido objetal” (FREUD, 1914, p.82). Portanto, a megalomania é a ampliação de algo previamente existente. Isso que é prévio é o narcisismo primário, estado que é buscado neste retorno ao eu.

Freud propõe que a passagem desse estado narcísico para a ligação objetal acontece em decorrência de “quando a catexia do ego com a libido excede certa

quantidade” (p.92). Já sabemos que a quantidade em excesso é signo da dor. Freud afirma que “devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar” (p.92). Também já sabemos que, da instalação do princípio de realidade, houve um desapontamento diante da insatisfação provocada pela alucinação. Portanto, o amor marca a disjunção entre a libido do eu e a do objeto, na medida em que um objeto será buscado para que não se adoça.

Ainda em 1914, Freud diferencia dois tipos de escolha objetal: um “anaclítico ou de ligação” (p.94) e um outro narcísico⁶. São as duas formas segundo as quais se pode amar. Freud não sobrepõe uma a outra, ambas as formas de amar coexistem. O que esta divisão entre o amor narcísico e o amor objetal permite a Freud observar é a instalação de um ideal.

A princípio, um eu ideal (*idealich*) é alvo do amor de si, da onipotência característica da tenra infância. O narcisismo é uma adição ao auto-erotismo, “uma nova ação psíquica” (FREUD, 1914, p.84), que acompanha a constituição do eu, e assim se faz por instalar um novo ideal (*ichideal*), perfeito como o infantil. É uma tentativa de recuperação da qual não se está disposto a abrir mão. Esse novo ideal é substituto do narcisismo perdido da tenra infância.

A idealização diz respeito ao objeto, sobre como este é exaltado e engrandecido. Ao mesmo tempo, a formação desse ideal aumenta as exigências sobre o eu. Segundo Freud:

⁶ Segundo o autor, “uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar” (FREUD, 1914, p.97)

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal de ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal. (FREUD, 1914, p102)

Freud faz um importante apontamento quando refere o agente psíquico especial; este também aparecerá no mecanismo da melancolia com determinante função. Ressaltemos que esse agente, com vistas à satisfação, age sobre o eu estabelecendo um paralelo entre este e o ideal.

Em conseqüência do estabelecimento de um ideal, Freud inicia um exame da atitude de auto-estima. É a auto-estima outro ponto que guia a reflexão sobre a melancolia, pois “a auto-estima expressa o tamanho do ego” (FREUD, 1914, p.104). Desde os primeiros escritos de Freud sobre a melancolia acompanhamos a descrição de um estado de escoamento do eu como uma das características fundamentais do que Freud afirmara acerca da mesma. Em 1914, Freud refere a auto-estima em relação ao sentimento primitivo de onipotência, ou seja, ao narcisismo primário.

Concebendo a distinção entre pulsão sexual e pulsão do eu, a auto-estima é dependente da libido narcisista. Nas parafrenias há um aumento da auto-estima e uma redução nas neuroses de transferência; conclui-se que a escolha objetal consiste em ser amado. A catexia objetal por si só não eleva a auto-estima, pois aquele que ama priva-se de seu narcisismo e fica dependente do amor do outro. Assim, o eu empobrece na medida em que lhe são retiradas as catexias libidinais. Diante de tanto, o retorno do investimento no próprio eu significa o reenriquecimento deste: “A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz” (FREUD, 1914, p.106). Temos que o eu pode tomar-se por objeto, e que isto é

possível na medida em que se mantém o amor conservado. Freud acrescenta que este novo amor feliz é correlato ao período em que não havia distinção entre libido do eu e libido objetal.

São muitas as discussões possibilitadas pelo artigo em questão. O que nos interessa é a base que este nos fornece para trabalhar a melancolia, e isto já está apresentado de forma que se possam discutir temas centrais de “Luto e melancolia” (1917 [1915]). Porém, nos meses que antecedem à conclusão deste artigo (maio de 1915), sendo publicado apenas em 1917, Freud ainda faz considerações valiosas. Neste período de tempo são escritos “Os instintos e suas vicissitudes” (1915a) e “O inconsciente” (1915b). Neste período, também, Freud acrescenta notas e trechos aos seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905c). Acompanhem alguns desses acréscimos.

2.3.3 Uma introdução ao problema do amor e do ódio na melancolia

Como já observamos, a questão do amor e do ódio tem papel relevante para se debater a melancolia. É ao abordar essa temática que nos deparamos com a pulsão. É em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915a) que Freud se atem ao problema da pulsão, problema que é indispensável para a psicanálise, mas que ainda era obscuro. Freud reforça a proposição de uma pressão constante desse estímulo que tem origem interna e sobre o qual nenhuma ação de fuga prevalece. Não podemos deixar de apontar a similaridade entre o que Freud propõe aqui em 1915 e o que fora proposto em 1895 sobre o aparelho. Nosso objetivo não é adentrar diretamente esta questão,

mas sim apontar a reflexão de Freud sobre a pulsão e seus destinos como estofa para a discussão sobre a melancolia.

É em 1915 que Freud afirma ser a pulsão “o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915, p.127). Ao estabelecer a pulsão como um representante, Freud retoma sua distinção anterior entre pulsões do eu, ou autopreservativas, e as pulsões sexuais, firmando-a como uma hipótese de trabalho sujeita a possíveis alterações a partir do exame das psiconeuroses narcisistas e das esquizofrenias.

É com base nessa divisão das pulsões e nas reflexões de “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) que Freud se coloca a investigar os destinos das pulsões. Neste trabalho, debruça-se sobre dois: a reversão a seu oposto e o retorno em direção ao próprio eu⁷. O retorno ao eu tem-nos acompanhado desde que nos ocupamos do caso Schreber (1911a), juntamente da questão sobre a ambivalência contida nesse retorno.

Para descrever o retorno da pulsão ao eu, Freud se utiliza do par de opostos sadismo-masoquismo. Configura-se que o masoquismo é o sadismo que retorna ao eu, retorno este que não deixa de ser sentido em sua fruição por aquele que é submetido. Freud aponta uma mudança de objeto, não de finalidade. Aponta também que o retorno ao eu coincide com a conversão da atividade em passividade. Freud formula um quadro esquemático para o processo que observa no caso do par de opostos sadismo-masoquismo - é importante ressaltar que Freud reconhece uma concomitância entre os elementos deste quadro:

⁷ Os outros dois são Recalque e Sublimação.

- (a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto.
- (b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu, efetua-se também a mudança de uma finalidade instintual ativa para uma passiva.
- (c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem de assumir o papel de sujeito. (FREUD, 1915a, p.133)

Neste ponto, Freud faz alusão à voz reflexiva média referindo o caso (b) em que a voz passiva muda para a voz reflexiva média e o “ele tortura” torna-se “ele se tortura”. É neste “ele se tortura” que encontraremos a melancolia.

O torturar-se envolve sensações de dor e outras sensações desagradáveis que, segundo Freud, também são sentidas como satisfação sexual e como agradáveis. Experimenta-se com satisfação o desprazer da dor quando a finalidade é masoquista e, concomitantemente, pode-se causar dor, pois, “enquanto essas dores estão sendo infligidas a outras pessoas, são fruídas masoquisticamente pelo sujeito através da identificação dele com o objeto sofredor” (FREUD, 1915a, p.134). Já havíamos observado em “Totem e tabu” (1912 [1912-1913]) a identificação dos filhos com o pai da horda no momento em que este é devorado. Agora, temos também a identificação com o objeto que sofre.

Retomemos por um momento a discussão de Freud em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905c), em que a questão do sadismo e do masoquismo já havia sido introduzida acompanhando-se da dúvida sobre se o masoquismo seria um fenômeno primário ou se surgiria da transformação do sadismo. Contudo, Freud faz acréscimos a este trabalho, que datam de 1915, em que refere “desejos canibalísticos” (1905c, p.151) como participantes do relacionamento íntimo entre a crueldade e a pulsão sexual. Freud recorre a sua pontuação sobre a

organização libidinal, estabelecida nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905c), em 1915 também, indicando a primeira dessas organizações. Esta se constitui como a organização oral, ou canibalesca, na qual o objeto é incorporado. O processo de incorporação do objeto é “modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante” (FREUD, 1905c, p.187). Em “Totem e tabu” (1912 [1912-1913]), temos notícias daquilo que se caracteriza como ambivalência quando o pai é morto e devorado. Portanto, a atitude para com o objeto de amor também é hostil. Disto, apontamos para uma relação estreita entre a ambivalência e a identificação.

Retornemos a “Os instintos e suas vicissitudes” (1915a) no momento em que Freud tece suas reflexões sobre a mudança de conteúdo das pulsões. Essa mudança apenas ocorre no caso do amor e do ódio. É-nos suficiente compreender a coexistência de ambos para que se fundamente o que será proposto para a definição da melancolia.

Freud inicia suas observações sobre este assunto do amor e do ódio afirmando ser “comum encontrar ambos dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto” (FREUD, 1915a, p.138). Naquela situação primordial, em que a libido do eu e a libido objetal são indiscrimináveis, o eu é investido com interesse e o mundo externo não é catexizado por ser indiferente aos propósitos da satisfação. Considera-se que “a indiferença se enquadra como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como seu precursor” (FREUD, 1915a, p.141). Ademais, por via da pulsão de autopreservação, objetos desse mundo externo são tomados pelo eu como agradáveis, mas não sem o ódio que acompanha o que é externo desde o princípio.

Freud acrescenta (a favor da nossa discussão) que:

Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades [finalidades sexuais provisórias que surgem nas fases preliminares do amor] – um tipo de amor que é comparável com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente. (FREUD, 1915a, p.143)

É interessante observar que a incorporação do objeto supõe sua abolição. Freud chama isso de ambivalência, pois o objeto é destruído na medida em que é amado e trazido ao eu.

Quando há relação objetal, o objeto pode ser tomado como fonte de satisfação, sendo trazido em direção ao eu. Contrariamente, se o objeto for fonte de repulsa, a ele é dirigido o ódio. Este ódio pode ser empregado na intenção de destruição do objeto.

Há também a possibilidade de rompimento da relação com o objeto. O que se observa nesse rompimento é que o ódio aflora no lugar do amor. Freud vai adiante e afirma que o que acontece nesse rompimento é “uma regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor” (FREUD, 1915a, p.144).

Considerar a ambivalência presente na relação com o objeto, nos termos freudianos, e como aflora o ódio em consequência da ruptura dessa relação, tendo como base o que já se verificou nas páginas anteriores a respeito do retorno ao eu, permite o que se segue. A saber, o suicídio na melancolia é pensado por Freud a partir disso que se destacou até aqui sobre o retorno ao eu, a ambivalência e o narcisismo.

2.4 “A mortalha do amor”⁸ – sobre a melancolia e o suicídio

O percurso traçado até então tem como objetivo sustentar o que será examinado nesta parte do trabalho. “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) é nosso alvo na medida em que, nele, Freud traz informações sumárias sobre a melancolia e sobre o suicídio.

Já no início, Freud estabelece uma correlação na qual a melancolia é enfocada em consideração ao luto. Como já observamos no “Rascunho G” (1895a) e em “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” (1910), há uma correlação entre luto e melancolia que, agora em 1915, é passível de exame. Mas, por que agora? Apontamos que o período compreendido entre o “Rascunho G” (1895a) e “Luto e melancolia” (1917 [1915]) oferece recursos para que este assunto seja examinado. Sigamos privilegiando os recursos oferecidos ao tema da melancolia e do suicídio, formadores de nossa questão.

Estabelecida a correlação entre luto e melancolia, Freud afirma que se propõe a abandonar qualquer reivindicação à universalização daquilo que proporá acerca da melancolia, uma vez que esta assume várias formas de definição mesmo para a psiquiatria descritiva. Freud se dispõe apenas a abordar os casos em que a natureza psicogênica é indiscutível.

A correlação entre luto e melancolia se justifica na medida em que o quadro geral dessas duas condições refere uma perda. Entretanto, enquanto no luto há a “reação à perda de um ente querido, como os pais, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, p.249), na melancolia há “uma disposição patológica”

⁸ “Pedaço de mim” (1978) Chico Buarque e Zizi Possi.

(FREUD, p.249). Há, por um lado, uma reação à perda e, por outro, uma disposição patológica. Diante desses pontos a melancolia caracteriza-se psiquicamente por:

um estado de desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima (FREUD, 1917 [1915], p.250)

Estes sentimentos de auto-estima (em alemão definidos como *Selbstgefühl*) podem ser entendidos como sentimento-de-si, ou seja, dizem respeito ao eu. Como já averiguamos⁹, em consequência do estabelecimento de um ideal, Freud pôde examinar a auto-estima, a qual expressa o tamanho do eu em vistas ao sentimento primitivo de onipotência, o narcisismo primário. O que se apresenta na melancolia é uma diminuição, um escoamento, da auto-estima. Portanto, é algo que se afigura no eu e que é exclusivo da melancolia, não presente no luto.

O desânimo, o desinteresse pelo mundo, a incapacidade de amar, a inibição e a diminuição da auto-estima chegam ao ponto de encontrarem expressão na “auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1917 [1915], p.250). Este conjunto, que pode até mesmo revelar uma expectativa delirante de punição e que expressa um caráter de escoamento do eu, sustenta-se sobre uma perda e sobre uma disposição patológica, assegura-nos Freud. O escoamento, que fica claro quando há uma diminuição da auto-estima do eu, já nos faz questão desde o “Rascunho G” (1895a) quando aparece em contradição ao acúmulo expresso no “Rascunho E” (1894c). Este escoamento é o que configura a perda pulsional que Freud refere, vinte anos antes, como uma hemorragia interna e foi

⁹ Ver página 46

o que nos permitiu formular o seguinte: já que o aparelho supõe uma perda do objeto como fundamental, é possível perguntar sobre o que mesmo é perdido na melancolia¹⁰. Em 1915, Freud nos aponta o processo melancólico a partir da perda de um “objeto amado” (p.251), ou melhor, “uma perda de natureza mais ideal” (p.251) da qual não se têm notícias, pois não se conhece o que foi perdido. Essa perda está retirada da consciência.

Portanto, na melancolia trata-se de uma perda ideal. O que isso nos revela? Quando examina o caso Schreber (1911a), Freud afirma que o perseguidor que é odiado é um substituto do que, anteriormente, fora amado e respeitado. Neste caso, Freud aponta o pai como objeto de amor, pelo qual se ansiava. É em “Totem e tabu” (1912 [1912-13]) que Freud reconhece a hostilidade voltada para aquilo que é amado, sendo que se sente saudade do pai que fora assassinado pelos filhos da horda. Desde então, o pai é tomado como ideal. Em 1914, Freud aponta a instalação de um ideal (*ichideal*) que se torna exigente com vistas ao eu ideal (*idealich*) perdido da infância. O anseio, a saudade, a nostalgia revelam algo ideal que sucumbiu e que agora é visado. Contudo, na melancolia algo se acrescenta a isso. Quando temos que a auto-estima esvaziada é característica fundamental da melancolia, justamente pelo estabelecimento de um ideal, temos, além do anseio, da saudade e da nostalgia, a recriminação do eu que pode chegar ao delírio de punição. O eu se culpa pela perda do objeto, pois perdeu um objeto de amor. Portanto, podemos dizer que o pai é uma perda ideal? Na melancolia tratar-se-ia de uma perda ideal e também desconhecida. Esta não é uma pergunta para ser respondida agora. Será necessário um certo percurso.

¹⁰ Ver página 33.

Segundo Freud, não se conhece o que foi perdido e que está “absorvendo tão completamente” (1917 [1915], p.251) o eu, tornando-o vazio e empobrecido (*Ichverarmung*), ou auto-empobrecido como nos revela o termo em alemão, caído na miséria. Freud aponta que é o próprio paciente quem envilece, torna vil e abjeto o eu. É o paciente quem “estende sua autocrítica até o passado, declarando que nunca foi melhor” (FREUD, 1917 [1915], p.252), constituindo um delírio de insignificância moral, recusando-se a comer e a dormir em um processo no qual é suprimida a pulsão que “compele todo ser vivo a se apegar à vida” (FREUD, 1917 [1915], p.252). Eis um eu que se mortifica, se tornando anoréxico e catatônico, chegando a se ver putrefando.

Este processo de mortificação e de ataque que o eu estabelece sobre si próprio não é suficiente para a apresentação metapsicológica da melancolia. Freud se debruça sobre essa volta ao eu dizendo ser improdutivo contradizer o paciente de sua certeza sobre como é acusado o eu. Freud afirma que, de alguma forma, há nisto razão. É nesse processo em que o paciente encontra-se desinteressado e “incapaz de amor” (p.252), sob o poder de uma anestesia como já sabemos desde o “Rascunho G” (1895a), que se verificam as acusações e que se justificam, segundo Freud, por uma visão mais penetrante da realidade (*Wahrheit*) e por uma proximidade a uma verdade, o que leva ao adoecimento.

O enfoque não está em saber se a autodifamação do eu é correta ou não, o fato está em que isto tem sua razão. Ao considerar essa razão, Freud pôde observar que a perda do amor-próprio do eu denota a perda relativa ao eu. Contudo, há uma contradição, pois a analogia ao luto leva à proposição de que se sofrera uma perda relativa a um objeto de amor.

A diminuição do amor-próprio, da auto-estima, é a mais marcante das características da melancolia e é a partir dela que Freud faz uma observação que permite esclarecer a contradição acima colocada. Segundo o autor, as injúrias que o paciente dirige a si podem se ajustar a outrem, “a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar” (FREUD, 1917 [1915], p.254). Portanto, as injúrias dirigidas a um objeto de amor são deslocadas contra o eu. Este deslocamento contra o eu se baseia na ambivalência da relação amorosa com o objeto, é nisso que se baseiam os lamentos e queixas (*Klagen*¹¹) que não passam de acusações (*Anklagen*¹²). Freud faz um jogo com as palavras *Klagen* e *Anklagen* nos permitindo uma compreensão de um eu perseguidor, ativo em sua ação de dar queixas de si próprio.

Como se dá esse deslocamento contra o eu? Freud já nos antecipou a ambivalência como fundamento desse processo que é fundamental para a definição das parafrenias. Segundo o autor, em uma relação objetal particular, há um enlaçamento que é destruído por uma desconsideração do objeto amado. Freud afirma não ser o resultado disto um processo normal de desligamento do objeto no qual há um deslocamento para outro objeto, há sim um recolhimento da libido ao eu. Neste recolhimento da libido estabelece-se uma identificação do eu com o objeto que se foi: “assim a sombra do objeto caiu sobre o ego” (FREUD, 1917 [1915], p.254). Desde então, pode o eu ser julgado como o objeto perdido por uma instância crítica. É assim que a perda do objeto se transforma em uma perda do eu.

Freud reconhece que há uma forte fixação no objeto e, concomitantemente, uma fraca aderência do investimento depositado. Diante disso, Freud aponta a base

¹¹ “Klage [‘Kla:gə] *f* queixa *f*, lamentação *f*, (...) (es; -er) canto fúnebre; lamentação *f*” (IRMEN, 1968, p.912).

¹² “Anklage *f* acusação; (...) acusar” (IRMEN, 1968, p.686)

narcísica sobre a qual é feita a escolha objetal, sendo que, perante certo obstáculo, o investimento de carga depositado no objeto regride ao narcisismo, não renunciando à relação amorosa. O amor depositado no objeto é substituído pela identificação narcísica (importante mecanismo das afecções narcísicas). O canibalismo, o devoramento do objeto, é retomado por Freud para representar esse processo que não se dá sem a ambivalência e que remete ao narcisismo original.

Percebe-se que o amor não pôde ser renunciado, mesmo que o próprio objeto o fosse. Já no “Rascunho E” (1894c) encontramos no mecanismo da melancolia “um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica” (FREUD, 1894c, p.237). Reencontramos o amor na melancolia em 1915. Agora esse amor se refugia na identificação narcísica e é então que o ódio age, tomando o eu como objeto digno de ser degradado de maneira sádica. Segundo Freud, a autoflagelação do melancólico é expressamente satisfatória (*die unzweifelhaft genussreiche¹³ Selbstquälerei¹⁴ de Melancolie*). A ação de causar seu próprio tormento é cheia de gozo. Quando Freud refere esta satisfação na autotortura, faz uma comparação com a neurose obsessiva, como já observamos Freud descrever a recriminação e esgotamento do eu na melancolia em associação à neurose obsessiva. É pela autopunição, em ambas as afecções, que se consegue vingar-se do objeto perdido.

O investimento objetal, após sua ruptura, tem um duplo destino: uma parte volta-se por via identificatória e outra sob a forma de sadismo. Freud reconhece a importância deste sadismo no processo melancólico, sendo este justamente o que

¹³ “Ge’nuß [ˈgenus] m (-sses; -sse) gozo (*’ô) m; prazer m” (IRMEN, 1968, p.842).
 “reiche¹ [raiç] rico”, “Reiche² (-es; e) império m” (IRMEN, 1968, p.1018)

¹⁴ “Qual | em [ˈKvɛ:lən] atormentar, torturar” (IRMEN, 1968, p.1009).

permite pensar o suicídio na melancolia: “é exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante - e tão perigosa” (FREUD, 1917 [1915], p.257). O que Freud se propõe a esclarecer nos interessa. Segundo o autor, a tendência ao suicídio parecia inexplicável na medida em que, anteriormente, se considerava o estado primitivo da vida pulsional como sendo um estado de grande amor do eu por si mesmo e que o medo (*Angst*) que surge diante de uma ameaça à vida era correspondente a uma quantidade de libido narcísica liberada. Diante destes dois pontos, seria impossível compreender que o eu, tão preso e amoroso a si, atentasse contra si próprio.

Quando em “Os instintos e suas vicissitudes” (1905a) retomamos o retorno ao eu, que Freud considerava desde o caso Schreber (1911a), tínhamos que o sadismo é dirigido para o eu e, em uma conversão da atividade para a passividade, o eu é objeto na voz reflexiva média. Agora “ele se tortura” e não sem fruição. Apenas há “ele se tortura” com fruição quando há identificação com o objeto que deve sofrer o assalto da dor. Nesta identificação Freud leva em conta o canibalismo, ou melhor, a incorporação do objeto como base para o processo. Contudo, a incorporação do objeto supõe sua destruição, eis a ambivalência segundo a qual o objeto é amado e odiado. Em princípio, o objeto coincide com a externalidade, digna de ódio, e em seguida, por função da pulsão de autopreservação, os objetos são tomados pelo eu como agradáveis, mas o ódio não deixa de estar presente. Portanto, quando rompida a relação com o objeto há uma regressão ao sadismo, tornando-se o ódio erotizado a fim de manter a relação de amor.

É com a proposição de que o eu pode ser alvo de seu próprio ódio, visto que este precede a relação de amor com o objeto, como já apontávamos em relação ao

afastamento que se efetua entre o eu e os objetos nas parafrenias, é somente a partir de então que se pode considerar que o eu pode se matar. E como? Segundo Freud:

A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo (FREUD, 1917 [1915], p.257)

Quando a catexia se desliga do objeto e retorna ao eu, processo observado nas parafrenias, na melancolia há uma identificação ao objeto e, desde então, com a volta da catexia objetal, o eu trata-se como se fosse o objeto perdido. Nesse processo de se tratar como objeto, o eu dirige para si a hostilidade que é original da relação com o objeto. É assim que “ele [o objeto], não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego” (FREUD, 1917 [1915], p.257). O objeto triunfa sobre o eu e isso se dá pela via do amor e do ódio que sustentavam a relação.

O eu é sobrepujado pelo objeto no suicídio, visto o triunfo deste e, segundo Freud, também na paixão extrema o eu é sobrepujado. Situações (paixão extrema e suicídio) que o autor coloca como opostas, mas que nos permitem perguntar sobre a paixão do eu pelo objeto que é incorporado e que triunfa quando o eu é por ele obscurecido.

Freud também considera a melancolia a partir de um ponto de vista topográfico. Sobre esse ponto de vista, em “O inconsciente” (1915b), Freud propõe a tópica psíquica para indicar “em relação a determinado ato mental, dentro de que sistema ou entre que sistemas ele se verifica” (FREUD, 1915b, p.178). O ponto de vista tópico, juntamente do dinâmico e do econômico, formam a descrição metapsicológica

de um determinado processo psíquico. Assim, quando Freud propõe um exame tópico da melancolia é para considerar em quais sistemas psíquicos o processo da melancolia se processa. Freud inicia esta reflexão sobre a tópica afirmando que a representação mental inconsciente (da Coisa) “do objeto foi abandonada pela libido”¹⁵.

Já tivemos a oportunidade de examinar o “Projeto para uma psicologia científica” (1895b), em que Freud nos apresenta a catexia de desejo (neurônio a + neurônio b) e a catexia perceptiva (neurônio a + neurônio c). Segundo o autor, o neurônio a é a Coisa (*das Ding*) e o neurônio b é seu atributo, um predicado. A Coisa é um componente não assimilável pela linguagem, enquanto seus atributos variam. Também examinamos a “Interpretação dos sonhos” (1900), trabalho no qual Freud nos fala sobre uma parte dos sonhos que pode ser significada, pode ser dita, enquanto que há uma outra parte desconhecida que forma um emaranhado, um umbigo, de onde brota o desejo do sonho. Portanto, temos que há uma relação díspar entre a Coisa e os atributos, predicados, traços e palavras. Sabendo desta distinção, retomemos a tópica da melancolia e podemos verificar que o que fora abandonado foram os atributos, os predicados, a representação. A Coisa continua.

A ambivalência é base para o que se processa na melancolia. Segundo Freud, em relação ao objeto, há uma luta entre amor e ódio, e “a localização dessas lutas só pode ser atribuída ao sistema *Ics.*, a região dos traços de memória de *coisas* (em contraste com a catexia da palavra)” (1917 [1915], p.261). Topograficamente, o processo da melancolia que compreende a ambivalência em sua fundamentação ocorre

¹⁵ Na edição Standard: “a apresentação (da coisa) inconsciente do objeto foi abandonada pela libido” (p.261). Uma nota de rodapé referente à palavra apresentação aponta o termo “*Dingvorstellung*”; Em “Escritos sobre a psicologia do inconsciente” (coordenação de Luiz Alberto Hanns): “uma representação mental inconsciente (da coisa) do objeto está sendo abandonada”. Em nota de rodapé: “Freud usa o sinônimo [*Dingvorstellung*] para o termo [*Sachvorstellung*] ambos na acepção de “representação-de-coisa” (Hanns, 2006, p.73, n.111).

em um lugar diferente do das palavras e, deste lugar, o caminho para a consciência, para o melancólico, é barrado (*gesperrt*). No embate entre amor e ódio, o ódio avança e desliga o objeto, enquanto que, “refugiando-se no ego, o amor escapa à extinção.” (FREUD, 1917 [1915], p.262). É assim que, após o abandono do objeto e a conseqüente identificação narcísica, o conflito passa a ser representado para a consciência como uma tensão entre o eu e o agente crítico.

Em sua metapsicologia da melancolia, Freud se ocupa do fato de que ocorrem transformações no processo melancólico. Segundo o autor:

O complexo de melancolia se comporta como uma ferida aberta, atraindo para si as energias catexiais que nas neuroses de transferência denominamos de anticatexias – provenientes de todas as direções, e esvaziando o ego até este ficar totalmente empobrecido. (FREUD, 1917 [1915], p.258)

Nesse ponto reencontramos a menção que Freud faz à ferida quando, no “Rascunho G” (1895a), se instala o empobrecimento do eu por via de uma hemorragia relativa à pulsão. Em 1915, Freud remete o empobrecimento do eu à ferida novamente. Porém, Freud também nos coloca novamente o paradoxo entre escoamento e acúmulo, pois ao eu são atraídas as energias catexiais e, concomitantemente, o eu empobrece. Nossa questão permanece.

Desde este ponto de vista econômico do processo melancólico, Freud descreve o desaparecimento, sem que fique qualquer vestígio, da melancolia e sua transformação em mania. Sobre a mania, Freud não deixa de pensá-la dentro do complexo melancólico, afirmando que o investimento dirigido ao eu se torna disponível, libera-se do objeto que causou o sofrimento e, vorazmente, vai em busca de outro.

Desta forma, o retorno ao eu¹⁶ é característica essencial para se pensar a melancolia, na medida em que é desse retorno que há “o acúmulo de catexia que, de início, fica vinculado e, terminando o trabalho da melancolia, se torna livre, fazendo com que a mania seja possível” (FREUD, 1917 [1915], p.263). O conflito que ocorre no eu e que foi antecedido pelo conflito entre o amor e o ódio em relação ao objeto, tem o efeito de “uma ferida dolorosa que exige uma anticatexia extraordinariamente elevada” (p.263). Freud encerra sua reflexão neste trabalho sobre o luto e a melancolia apontando, novamente como já observamos no “Rascunho G” (1895a), para uma pretensão de melhor compreender a natureza econômica da dor.

Até aqui pudemos constatar que “Luto e melancolia” (1917 [1915]) tem respaldo em trabalhos anteriores, sem os quais não se estabeleceria um exame profícuo da melancolia e do suicídio referente a esta. Observamos pontos de relevância, mas destacamos a questão da perda caracterizada metapsicologicamente. Por destacar este ponto cabem ainda algumas considerações a respeito de trabalhos posteriores a “Luto e melancolia” (1917 [1915]) que oferecem maiores recursos para se discutir a melancolia e o suicídio. Percebe-se que essa temática não é encerrada e dada por concluída por Freud em 1915. Por isso, é necessário que sigamos um tanto na discussão com o objetivo de destacar isso que está perdido na melancolia.

¹⁶ Freud reúne as três condições da melancolia: “perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego” (FREUD, 1917 [1915], p.262), sendo que as duas primeiras são encontradas, por exemplo, na neurose obsessiva e, quanto ao retorno ao eu, “somos levados assim a considerar o terceiro fato como o único responsável pelo resultado” (p.263). Estas três condições são retomadas no que antecede, na dissertação, o exame de “Luto e melancolia” (1917 [1915]).

2.5 A destrutividade melancólica: a cultura pura de pulsão de morte

Sendo a discussão sobre “Luto e melancolia” (FREUD, 1971 [1915]) o objetivo deste capítulo, cabe complementar essa discussão com considerações que Freud faz posteriormente à publicação desse artigo.

Como ficou evidenciado, é com “Luto e melancolia” (1915 [1917]) que Freud sustenta sua argumentação acerca do mecanismo melancólico a partir do percurso que teve na construção de conceitos psicanalíticos sua possibilidade. Entretanto, nesse trabalho, Freud não esgota questões que permeiam a temática do mecanismo melancólico e, também, do suicídio na melancolia.

Um tema que é de fundamental importância nesse mecanismo, e que ainda será discutido por Freud, é o da identificação narcísica, a qual permite que o eu se trate como objeto. Será em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921) que Freud retomará a identificação para exame e, com base também em “Além do princípio de prazer” (1920a), em “O ego e o id” (1923) e em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud fará importantes considerações acerca da destrutividade melancólica.

Após “Luto e melancolia” (1917 [1915]), Freud permanece com a questão sobre como o eu pode se tratar como objeto e afirma em uma conferência que, no suicídio do melancólico, “o ressentimento do paciente atinge de um só golpe seu próprio ego e o objeto amado e odiado” (FREUD, 1917 [1916-1917]a, p.428). Ao considerar a identificação narcísica como base da melancolia, Freud também pode separar esta das neuroses de transferência. Freud afirma que, bem como as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) se fundam a partir do recalque, é

necessária “uma descrição topográfica diferente” (FREUD, 1917 [1916-1917]b, p.440) para a paranóia, a demência precoce (esquizofrenia) e a melancolia. Não trataremos desta descrição topográfica diferente do recalque agora, apenas apontamos que Freud dispõe a melancolia ao lado das psicoses por conta da dificuldade que estas impõem à clínica. Essa dificuldade é relativa à acessibilidade que o paciente promove. Segundo Freud, os melancólicos “possuem um grau muito elevado da consciência, ausente nos paranóicos, de estarem doentes e de isto constituir o motivo por sofrerem tanto; tal, contudo, não os torna mais acessíveis” (FREUD, 1917 [1916-1917]b, p.440).

Essa dificuldade que a melancolia impõe à clínica, e que já é considerada por Freud há muito¹⁷, é calcada na teoria da etiologia sexual, ou melhor, na teoria da libido das neuroses. Tanto que, à melancolia, acompanhada da demência precoce e da paranóia, é circunscrita a descrição de “neuroses narcísicas” (FREUD, 1919a, p.225), justamente pela dificuldade que estas apresentam à clínica.

Como, anteriormente, já nos deparamos com uma dificuldade em estabelecer se a melancolia participa da nosografia de neurose atual ou de neurose de defesa, aqui encontramos uma dificuldade similar. Em uma nota dedicada a Victor Tausk (FREUD, 1919b), médico e membro da Sociedade Psicanalítica de Viena que cometeu suicídio no mesmo ano, Freud soma melancolia e esquizofrenia à categoria de psicose. Portanto, encontramos-nos em um impasse, muito difundido, entre neurose narcísica e psicose. Deixemos em suspenso, por enquanto, essa discussão e sigamos pela descrição que Freud faz sobre os mecanismos da melancolia (pois, mesmo com estes

¹⁷ Em “Sobre a psicoterapia” (1905b [1904]), por exemplo, encontramos que “as psicoses, os estados confusionais e a depressão profundamente arraigada (tóxica, eu poderia dizer), por conseguinte, são impróprios para a psicanálise, ao menos tal como tem sido praticada até o momento. Não considero nada impossível que, mediante uma modificação apropriada do método, possamos superar essa contra-indicação e assim empreender a psicoterapia das psicoses. (FREUD, (1905b [1904], p.250)

mecanismos em mãos, Freud não se ocupa do esclarecimento acerca da categorização da melancolia, porém nos oferecerá um percurso).

Freud se dedica ao exame da identificação em seu “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921), considerando esta como o mais remoto laço que tem papel importante no Complexo de Édipo. Segundo o autor, a identificação primeira se dá para com o pai, na medida em que se deseja ocupar o lugar deste. Eis que o pai é tomado como ideal, como já observamos em “Totem e tabu” (1912 [1912-1913]).

A identificação com o pai ocorre concomitantemente à catexização objetal para com a mãe, no caso do menino. Sabe-se que a identificação, baseada na incorporação da oralidade, é ambivalente e que não é por assim ser que se diferencia da escolha objetal. A diferenciação entre ambas as formas de laço é em relação ao *ser* (na identificação) e ao *ter* (na catexia objetal). Dessa diferenciação se torna possível afirmar que a identificação antecede e sustenta a escolha objetal. É assim que, após a ruptura da relação objetal, a sombra do objeto cai sobre o eu que é, doravante, o objeto.

Freud retoma o que havia colocado acerca da instância crítica que se levanta diante do eu e que, contra este, “vocifera” (FREUD, 1921, p.119). Esta instância crítica que vocifera contra o eu se sustenta a partir de um ideal de eu, herdeiro do narcisismo primário em que o eu era ideal. O autojulgamento do eu acontece por um outro que é si próprio. Colocando-se em estado de inferioridade, surge no eu o “sentimento de culpa” (FREUD, 1921, p.141), contrário à sensação de triunfo quando o eu coincide com o ideal. É na mania que se verifica a sensação de triunfo, pois há uma fusão entre o eu e o ideal. É importante salientar que o que há entre a melancolia e a mania é um deslocamento, ambas pertencem ao mesmo complexo melancólico.

O autotortimento do eu, no qual se separa um outro como instância, é ainda passível de exame na obra de Freud. É na medida em que Freud faz acréscimos ao que se propunha até então sobre a pulsão que se encontra continuidade para esse exame. O par de opostos sadismo-masoquismo, relatado anteriormente, participa fundamentalmente desses acréscimos.

É em “Além do princípio de prazer” (1920a) que Freud considera haver uma forte tendência ao princípio de prazer que é contrariada; eis que o resultado final pode não ser compatível ao dito princípio. O que se coloca como além do princípio de prazer é o que se verifica como compulsão à repetição. Nosso objetivo ao considerar esse artigo de Freud não é adentrar a importância das questões que nele o autor promove, mas, tão somente, introduzir o masoquismo primário.

As pulsões são representantes (*repräsentanten*) das ações de forças que brotam em fontes somáticas e que são transmitidas, como exigência de trabalho, ao aparelho psíquico. Assim, Freud afirma que a pulsão é uma força impelente interna ao organismo que visa restabelecer um estado anterior. É então introduzida a pulsão de morte em que “o objetivo de toda a vida é a morte, e, voltando o olhar para trás, que as coisas inanimadas existiam antes das vivas” (FREUD, 1920a, p.49). A proposição de pulsão do eu e pulsão sexual, que encontramos desde o caso Schreber (1911a), agora é indicada por Freud a partir de um ponto de vista tópico e não mais de um ponto de vista qualitativo. Isso permite verificar que o movimento da pulsão desde o eu até o objeto e o movimento da pulsão objetal em direção ao eu não são movimentos diferentes. Eis que Freud faz um acréscimo, que nos interessa, ao afirmar que, além da volta do sadismo sobre o eu constituir o masoquismo, há também o “masoquismo primário” que emana do eu.

A introdução da segunda tópica em “O ego e o id” (1923) permite um melhor exame do masoquismo primário e da autotortura produzida pelo eu melancólico a partir de um agente crítico vinculado ao ideal. Em 1923, esse agente é nomeado supereu. Sendo o eu formado a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo isso, “a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego” (FREUD, 1923, p.61). O supereu que impõe seu imperativo categórico ao eu terá sua importância também sobressaltada como herdeiro do Complexo de Édipo, mas é de sua “derivação do complexo paterno” (p.61) que advem sua dominação. O complexo paterno, que já encontramos nos fundamentos do delírio paranóico e como digno de ambivalência ao ser devorado, mostra aqui sua importância no que se refere à melancolia.

A manifestação do supereu acarreta o sentimento de culpa tanto na melancolia quanto na neurose obsessiva. Freud retoma esse par e aqui o desfaz na medida em que o melancólico “admite a sua culpa e submete-se ao castigo” (p.64), não havendo objeção por parte do eu. Esta postura, tipicamente melancólica, impõe uma dificuldade para a clínica da melancolia, é onde se sustentam as lamentações, o que não se apresenta na neurose obsessiva. Este sentimento de culpa, que segundo Freud pode ser causa para um crime (p.65), é fruto da violência impiedosa do supereu ao ter se “apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço” (FREUD, 1923, p.65). O sadismo que torna ao eu é conteúdo do supereu, criando assim uma “cultura pura do instinto de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania” (FREUD, 1923, p.66).

A pulsão de morte pode então se tornar componente erótico, pode também ser desviada para o mundo externo (e desde aí pode retornar ao eu) e, por último, a pulsão de morte pode continuar em “seu trabalho interno sem estorvo” (FREUD, 1923, p.66). É a partir dessas considerações que Freud, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), se propõe a examinar as três formas deste: o masoquismo erógeno ou primário, o masoquismo feminino e o masoquismo moral. Atenhamo-nos ao primeiro e ao último.

O masoquismo erógeno é fundamento para todos os outros. É com base em sua teoria pulsional que Freud afirma ser tarefa da libido desviar a pulsão de morte para o exterior em forma de destrutividade em direção aos objetos. Este é o sadismo propriamente dito, que retorna ao eu, como verificamos. Há uma outra porção da pulsão que permanece interna, libidinalmente presa. Este é o masoquismo erógeno. Quando se volta a destrutividade ao eu “produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original” (FREUD, 1924, p.182). É o supereu que toma para si o sadismo que retorna ao eu sob a forma de um masoquismo. Dessa tensão entre o eu e o supereu Freud aponta a “necessidade de punição” (p.184) por parte do eu. Há uma busca pela satisfação dessa necessidade, desde então o masoquismo moral. É assim que se torna possível reconhecer que o eu se coloca em perigo, em busca da punição, e esse processo “tem um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal” (FREUD, 1924, p.188). Como já verificamos em “Luto e melancolia” (1917 [1915]), há fruição (*genussreiche*) quando o eu se autotortura. Essa fruição na qual reina a pulsão de morte está além do princípio de prazer.

Para concluir este capítulo, retomemos nossa hipótese de que há uma perda característica da melancolia que é apontada por Freud desde os primeiros escritos até “Luto e melancolia” (1917 [1915]) e que essa perda se caracteriza por estar fora do registro das palavras. Assim, podemos também questionar seu estatuto de perda propriamente dita. Para tanto, recorreremos, no próximo capítulo, aos trabalhos de Jacques Lacan com os quais procuraremos abordar essa perda como fora do registro simbólico. Por hora, salientemos que, no recorte percorremos da obra de Freud, a perda melancólica é, em 1915, sustentada por pilares. Estes pontos fundamentais a respeito da perda e do processo melancólico foram destacados neste capítulo. Acompanhamos também que as discussões sobre a melancolia não são findadas em 1915. Após essa data Freud pôde indicar que há na melancolia uma descrição topográfica distinta daquela das neuroses de transferência e que o eu melancólico se admite culpado e assume sua culpa permitindo assim a cultura da pulsão de morte em forma de uma fruição.

Os trabalhos freudianos se concatenam e, quanto à melancolia, há um encadeamento que pode ser apontado em torno da perda de natureza mais ideal que caracteriza o mecanismo melancólico e que também nos permite pensar o suicídio na melancolia. Dessa maneira, já começamos a traçar nosso percurso, pois se essa perda característica da melancolia é o que permite pensar o ato suicida é a ela que devemos nos ater. Já neste capítulo nos perguntamos sobre se o pai enquanto ideal, digno de ambivalência e identificação fundamental pode ter alguma similaridade ao que se perdeu na melancolia. Não respondemos a essa pergunta por que não pudemos. No próximo capítulo nos ocuparemos dela e de tentar apresentar uma resposta adotando aquela via referente ao pai que já se nos emergiu a partir de Freud.

3 Da perda mais ideal na melancolia em similaridade à forclusão do Nome-do-pai

No capítulo anterior nos ocupamos de apresentar uma discussão acerca da melancolia e do suicídio ligado a esta na obra de Freud. Sustentamos que o trabalho “Luto e melancolia” (1917 [1915]) tem como base a produção psicanalítica de até então, confirmando as proposições iniciais de Freud sobre o tema e também se estendendo em maiores discussões ao longo dos anos na obra do autor.

Não esgotamos o tema da melancolia e do suicídio e, muito menos, respondemos nossas questões no capítulo anterior. Não era o objetivo. O objetivo do capítulo anterior era de sustentar a hipótese de que há uma perda específica na melancolia e que esta perda é fundamental para se considerar o ato suicida. Acompanhamos em Freud a afirmação dessa perda desde seu “Rascunho G” (1895a) até o ano de 1915, quando se diz sobre “uma perda de natureza mais ideal” (p.251), e será dela que continuaremos tratando no presente capítulo. Por quê? Constatamos no capítulo anterior que a perda melancólica caracterizada como uma hemorragia interna é uma perda de natureza mais ideal que se define por ser desconhecida. Estabelecemos uma correlação ao pai tratado como ideal e digno de ambivalência, mas não respondemos se a perda melancólica tem relação com o tema do pai¹⁸. Reconhecemos a importância desse processo de perda para o que se define em relação ao suicídio visto que a sombra deste objeto perdido cai sobre o eu melancólico. Então, já que nossa questão de trabalho é sobre o suicídio na melancolia, cabe perguntar o que é que está perdido na melancolia e reafirmar a questão sobre se essa perda específica mantém relação com o tema do pai.

¹⁸ Ver página 54

Para tanto, recorreremos a Jacques Lacan em alguns de seus trabalhos da década de 50 que dizem respeito a um processo específico da estrutura psicótica – a forclusão do Nome-do-Pai. São três os trabalhos: o “Seminário 3 – as psicoses” (1955-56), o texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956-57/1966/1966) e o “Seminário 5 – as formações do inconsciente” (1957-58). Estes são trabalhos que não tratam especificamente da melancolia, mas que nos ajudam a sustentar uma hipótese para este capítulo: de que a perda de natureza mais ideal apontada por Freud em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) pode ser lida pela ideia de Lacan acerca da forclusão do Nome-do-Pai descrita pelo autor, na década referida, como fundamental na estrutura psicótica. Nestes termos, propomos a melancolia como uma psicose e, assim, utilizaremos outros trabalhos de Lacan da mesma década e outros ainda de Freud, retomando pontos do capítulo anterior, para defender nossa proposição. O caminho incitado de reconhecer a melancolia a partir da psicose nos exige uma circunscrição na abordagem que se faz do tema, pois existem outras possibilidades de se abordar o tema sem que seja pela via da psicose.

3.1 A *Verwerfung*, uma introdução

Seguindo nosso objetivo para este capítulo, encontramos em Lacan uma rápida informação acerca da melancolia que direciona nossa discussão. É em seu “Seminário 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954-55), que Lacan delinea uma distinção entre um outro, com *a* minúsculo, que se refere ao eu e um Outro, com *A* maiúsculo, do qual “se trata na função da fala” (p.297). É em torno dessa distinção que Lacan lança a pergunta sobre por que os planetas não falam. Uma

das respostas que Lacan recebe é de que eles não falam pois não têm boca. Embora se diga decepcionado a princípio, Lacan não deixa de se utilizar do que ouviu como resposta: “Não tenho boca, ouvimos isto no início de nossa carreira, nos primeiros serviços de psiquiatria em que chegamos que nem uns desarvorados” (LACAN, 1954-55, p.299). O que Lacan coloca em evidência é a síndrome de Cotard, ou delírio de negação, que está presente em alguns quadros melancólicos.

Essa síndrome merece uma explicação. De forma breve, encontramos em um trabalho do psiquiatra francês Jules Cotard uma referência a delírios que em seus conteúdos apresentam negações a afirmações, a testemunhos e até a realidade. A essa disposição negativa o psiquiatra dá o nome de delírio de negações, a saber:

Perguntamos a eles seus nomes? Eles não têm nome, A sua idade? Eles não têm idade. Onde nasceram? Eles não nasceram. Quem foram seu pai e sua mãe? Eles não têm nem pai nem mãe, nem mulher, nem filhos. Se têm dor de cabeça, estômago, dor em algum ponto de seu corpo? Eles não têm cabeça, estômago, alguns nem mesmo têm corpo. Mostramos a eles um objeto qualquer, uma flor, uma rosa, e eles respondem: “Isto não é uma flor, isto não é uma rosa”. Em alguns a negação é universal; nada existe mais, eles mesmos não são mais nada” (Cotard, 1882, p.48)

Pela descrição psiquiátrica esses são delírios característicos do quadro melancólico e é perceptível que se trata de uma situação bastante grave. Lacan não deixa de reconhecê-la como tal, mas traz o tema para o campo psicanalítico afirmando que aqueles pacientes que participam deste quadro se identificam a “uma imagem à qual falta toda e qualquer hiância (...). Na medida em que se opera a identificação do ser à sua pura e simples imagem, não há tampouco lugar para a mudança, ou seja, para a morte” (LACAN, 1954-55, p.299). Há também uma referência de Freud sobre esse quadro descrito pela psiquiatria: “O desejo de negar, o negativismo que é

apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como uma des fusão de instintos” (FREUD, 1925, p.269). Ambas as citações dirigem o tema dos delírios de negação presentes na melancolia para outro que é o da psicose. Lacan aponta uma falta de hiância na imagem que acarreta a ausência da morte, ou, como afirmaremos a seguir, uma falta simbólica; e Freud fala de uma negação suprema que, pela des fusão pulsional, faz faltar a afirmação primordial – *Bejahung*. Ambos os pontos serão melhor discutidos adiante. Apenas nos guiemos pela discussão acerca da psicose e de como a melancolia concorre para tal.

Para tanto, apoiemo-nos em um ano de trabalho dedicado às psicoses. Lacan inicia seu “Seminário 3 – as psicoses” (1955-56) propondo apreciar o que a doutrina freudiana ensina sobre as psicoses, não deixando de lado as teorias precedentes e nem as indagações contemporâneas. Para tal empresa toma o texto de Freud “Notas psicanalíticas sobre um relato biográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)” (1911a), apontando no autor um “gênio do lingüista” (LACAN, 1955-56, p.20) na medida em que Freud se coloca a examinar a *língua fundamental*, desenvolvida por Schreber em seu texto. É no texto de Schreber que Freud se põe a ler algo, assim como nos sonhos.

Sendo o inconsciente estruturado como linguagem, em 1955 Lacan questiona a razão de o inconsciente, na psicose, aparecer no real. Imediatamente é utilizado o termo “*Verwerfung*” (p.21). É justamente a proposição que Lacan faz desse termo que nos interessa em relação à melancolia. Primeiramente, como proposto, façamos uma descrição da *Verwerfung* tendo como base os trabalhos de Lacan da década de cinqüenta para então, posteriormente, discutirmos a possibilidade de nomear dessa forma a característica fundamental, firmada por Freud em “Luto e melancolia”

(1917 [1915]) e indicada no capítulo anterior, de que se remete a uma perda ideal na melancolia.

O termo *Verwerfung* é utilizado por Freud em “As neuropsicoses de defesa” (1894b) para descrever, em um caso de confusão alucinatória, um processo de defesa no qual “o eu rejeita (*verwerfen*) a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais tivesse ocorrido” (FREUD, 1894b, p.64). É importante termos em mente que no “Rascunho G” (1895a) Freud afirma que, na melancolia, um grupo sexual psíquico sofre uma perda o que já nos é suficiente para perguntarmos se não se trata do mesmo mecanismo que rejeita (*verwerfen*) a representação. Sigamos com as proposições de Lacan acerca desse termo.

Para que se possa iniciar uma apresentação sobre a *Verwerfung* segundo as proposições de Lacan é necessário recorrer ao “Comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud” (1954). Nesse trabalho, Hyppolite analisa o texto freudiano “A negativa” (1925) e se interessa pela afirmativa de Freud de que a negação constitui modo de conhecimento do que está recalcado, o que, “com efeito, já é uma suspensão (*Aufhebung*) da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido” (FREUD, 1925, p.265-6). A suspensão, *Aufhebung*, é um termo hegeliano que, explica Hyppolite, “ao mesmo tempo quer dizer negar, suprimir e conservar, e, no fundo, suspender” (p.895). Hyppolite fala de uma negação enquanto anulação, mas é uma anulação que conserva o essencial, uma vez que há uma afirmação (*Bejahung*) que sustenta a negação (*Verneinung*).

Segundo Freud, “a afirmação (*Bejahung*) – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão (*Ausstossung*) – pertence ao instinto de destruição” (FREUD, 1925, p.268-9). Essa é a mesma lógica que afirma

Lacan quando pontua em seu “Seminário 1 – os escritos técnicos de Freud” (1953-54) sobre os elefantes: “basta que eu fale deles, não há necessidade de que estejam aqui, para que estejam aqui, graças à palavra elefante, e mais reais do que indivíduos – elefantes contingentes” (p.206-7). A afirmação da palavra é acompanhada de expulsão do objeto, não há *Bejahung* sem *Ausstossung*. É o mesmo que dizer que o objeto em princípio é perdido visto que, ao ser simbolizado, o objeto deixa de existir.

Retornando ao “Seminário 3 – as psicoses” (1955-56) encontramos Lacan afirmando que “é preciso admitir, atrás do processo de verbalização, uma *Bejahung* primordial, uma admissão no sentido do simbólico, que pode ela própria faltar” (p.21). Basta a *Bejahung* faltar para que sobrevenha a *Verwerfung* e “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (p.22). Note-se que Lacan se refere ao processo de verbalização para expor a presença ou a ausência do processo de simbolização primordial.

Lacan evidencia, enquanto fenômenos elementares, as alucinações verbais e os delírios com o intuito de promover o que chama de “dizer psicótico” (p.42). O inconsciente na psicose está a céu aberto e esse fato confere ao dizer psicótico um estatuto distinto do recurso à fala e exige manobras quanto à estrutura da linguagem. Não é nosso objetivo aqui adentrar a discussão sobre a estrutura da linguagem na psicose e na melancolia, apenas tangenciamos esse assunto com o objetivo de chegar ao tema da *Verwerfung* do Nome-do-pai.

Lacan afirma que, no nível do significante, o delírio se distingue por apresentar o neologismo e, no nível da significação, se distingue por remeter prioritariamente à significação como tal, ou seja, é uma significação que remete a ela própria. E como abordar essa distinção manifesta na clínica da psicose? Lacan nos

propõe que a questão seja colocada no registro onde aparece - na fala – e se pergunta “o que é a fala? Será que o sujeito fala, sim ou não?” (p.48). Falar é, antes de mais nada, falar a outros e é nesse jogo que o sujeito recebe sua mensagem invertida. Eis a proposição de um Outro (A) enquanto não conhecido diferente de um outro (a) que é o eu. Segundo Lacan, “desde que o sujeito fala, há o Outro” (p.54), a fala é uma função evocativa do Outro.

E no dizer psicótico como se dá essa relação ao Outro? Lacan afirma que “na fala delirante, o Outro está verdadeiramente excluído, não há verdade atrás, há tão pouca que o próprio sujeito não põe nisso nenhuma verdade” (p.67). Pode-se, então, falar em ausência do Outro na psicose? Não parece ser a proposta de Lacan. O autor aponta uma exclusão em relação à verdade. É necessário que isso seja esclarecido.

O dizer psicótico revela o inconsciente em seu funcionamento a descoberto e Lacan afirma circunstâncias especiais que levam a tanto. Essas circunstâncias são distintas do recalque, o que diferencia a neurose da psicose. Lacan designa um “mecanismo que é distinto da *Verneinung* e que se vê a todo momento emergir no discurso de Freud, encontrarão aí mais uma vez a necessidade de distinguir entre alguma coisa que foi simbolizada e alguma coisa que não foi” (p.79). Essa alguma coisa que não foi simbolizada é o que escapa à *Bejahung* e que é rejeitada reaparecendo no exterior. Lacan delimita um tempo lógico em que é possível que algo escape à simbolização. É na relação do sujeito com o símbolo que é possível a *Verwerfung* primitiva em que o que não é simbolizado se manifesta no campo do real.

Há, no princípio, a *Bejahung*, que é a afirmação, ou cai-se sob o golpe da *Verwerfung*. Esta proposição sustenta a insistência de Lacan em que o diagnóstico de psicose depende de “distúrbios na ordem da linguagem” (p.112). Desde então temos

que a questão simbólica é essencial para que se abordem as psicoses e é aqui que Lacan nos fornece uma pista:

Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai. (LACAN, 1955-56, p.118)

Lacan reconhece um elemento crucial que tem caráter simbólico, pois é um nome, e que tem participação essencial no processo psicótico. Mais adiante nos ocuparemos de descrever esse elemento crucial. Por hora nos contentaremos em ter que esse elemento é de ordem simbólica, um significante, e que a *Verwerfung* se estabelece sobre esse significante crucial. Por hora, deixa-se em aberto a questão sobre a localização desse significante na psicose já que o golpe da *Verwerfung* o dirige para o real.

Pois bem, os mecanismos na psicose não se limitam ao imaginário e é no campo da articulação simbólica e real que Lacan propõe a produção da *Verwerfung*. Sobre esse termo Lacan diz que “trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível” (LACAN, 1955-56, p.178). Ocorre um processo primordial em que um significante de importância chave é rejeitado. Sendo que a *Verwerfung* se estabelece enquanto golpe sobre um significante primordial que tem papel crucial na cadeia significante, e que marca uma distinção em comparação à *Verneinung*, Lacan não hesita em afirmar “a importância dos fenômenos de linguagem na economia da psicose. É nesse sentido que se pode falar de estruturas freudianas das psicoses” (p.189). Encarando a psicose em relação íntima com a

linguagem, circunscreve-se uma clínica possível das estruturas psicóticas. A título de lembrete, nossa questão é se a melancolia coaduna com a *Verwerfung*. Isto nos indicaria uma clínica peculiar por compreendê-la como estrutura psicótica e, sobretudo, nos esboça uma via na qual o suicídio pode ser considerado a partir de algo que escapa ao registro simbólico.

Por hora, reconhecida a acuidade da linguagem na estrutura das psicoses, é-nos possível retomar a questão anterior acerca da exclusão do Outro (A) no fenômeno psicótico. Em que nível se localiza essa exclusão? Sabe-se que a noção de estrutura é uma manifestação do significante e que na psicose acontece algo específico, sobre o qual estamos insistindo. A *Verwerfung* é algo que não se realiza no nível do significante, na estrutura, e os fenômenos de linguagem testemunham, não apenas em suas fenomenologias, que algo não se realiza na ordem simbólica. Apontamos para um significante crucial e Lacan indica o pai, enquanto nome, que é de ordem simbólica: o “nome-do-pai” (p.225). Faltam esclarecimentos sobre isto que é o nome-do-pai. Lacan o introduz como significante e isto nos auxilia em responder sobre a particularidade da exclusão do Outro (A) na psicose:

O Outro, com A maiúsculo, eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potencialmente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário. É aí que se passam todos os fenômenos de entre-eu que constituem o que é aparente na sintomatologia da psicose (LACAN, 1955-56, p.227, grifo nosso)

Nosso grifo na presente citação é para salientar nossa resposta. Esse trecho do “Seminário 3 – as psicoses” (1955-56) é esclarecedor quanto à questão sobre a exclusão do Outro. Em realidade, podemos falar em uma exclusão no Outro, já que ele

se exclui enquanto detentor do significante. Encontra-se na psicose um impasse em relação ao significante. Esse impasse aponta para o Outro (A) excluído como detentor do significante, mas afirmado no nível imaginário. Trata-se do significante do nome-do-pai? Embora já nos pareça um tanto saltar uma resposta, é aqui nosso dever não nos subtrairmos à sequência dos esclarecimentos de Lacan acerca do tema.

A falta de um significante tem ressonância na cadeia significante. Se na psicose é o significante que está em causa e este nunca é solitário, a falta de um leva à reconsideração do conjunto. Assim, com “a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico” (LACAN, 1955-56, p.239), resta ao que do nível imaginário se reduz a função paterna. É a permissão para que se apreenda ao imaginário. Já que a inscrição em relação ao Outro (A) é dificultada pelo mecanismo específico, encontra-se com o outro imaginário. Dessa forma, é na relação com o outro (a) e com o Outro (A) que Lacan apresenta a psicose e propõe que, diferentemente da neurose, “o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem” (p.292). É assim que o autor privilegia os fenômenos de linguagem na psicose, não confinando ao desmerecimento a fala que atinge o psicótico.

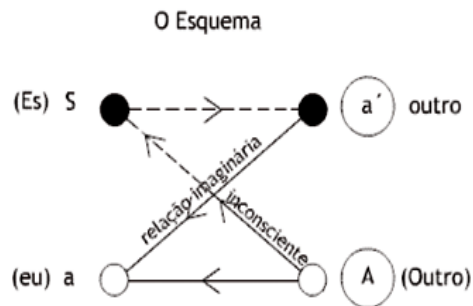
Embora seja muito interessante um debate sobre os fenômenos de linguagem na melancolia, como já observamos, não adentraremos este assunto. Pois apenas temos em vista a função peculiar do significante do nome-do-pai na psicose. Este significante é tido como polarizador, como ponto de convergência significativo. Lacan pergunta sobre o que acontece quando este faz falta. Em forma metafórica, o autor nos ilustra uma estrada principal em torno da qual se organizam habitações, ou seja, um significante em torno do qual se organiza as significações. Quando não há estrada principal, quando o significante não funciona ali, o usuário da estrada deve

utilizar pequenas estradas onde se faz necessário seguir os letreiros – essa é a função das alucinações.

Quando o significante é rejeitado, *verwerfen*, há uma redução à relação imaginária. É assim que o pai é tomado como elemento significante, por ser irreduzível ao imaginário. Isso quer dizer que, no jogo imaginário, o pai não tem função alguma exceto a de representar o detentor do falo. Este processo é digno de maiores explicações. Verifica-se que o pai, enquanto nome, diz respeito à ordem simbólica, e é neste epicentro em que se manifesta o mecanismo da psicose, na proporção em que a *Verwerfung* assim se coloca. Cabe, desde então, questionarmos sobre de que forma o processo melancólico poderia ser pensado em relação à rejeição do significante crucial.

3.2 Da hemorragia e da perda mais ideal: uma leitura

Com respeito à melancolia, como já observamos, Lacan descreve uma operação em que prevalece a formação imaginária, quando refere o delírio de negação, não havendo lugar para mudança, ou para a morte. Entendemos que quando prevalece a organização imaginária, um significante encontra-se *verwerfen*. Lacan aponta o eu como uma construção imaginária e afirma que se bastasse o eu imaginário na constituição do sujeito, ter-se-ia um louco (1954-55, p.306). É para apresentar a relação e a distinção entre imaginário e simbólico que Lacan formula o esquema L:



“Esquema L” (LACAN, 1954-55, p.307)

Nesse esquema, Lacan formaliza a operação do falante além de suas relações com os semelhantes. Não se trata de um esquema das teorias das comunicações. Aqui o sujeito não é totalizado, enxergando-se em a, como um eu, e formando relações objetais a partir de sua relação com o outro a'. A ordem imaginária tem uma destinação quando um outro plano, o “muro da linguagem” (LACAN, 1954-55, p.307), se presentifica. Por esse muro da linguagem é que o sujeito encontra-se separado do Outro. Sendo que a linguagem se fundamenta neste Outro, o sujeito já não sabe o que diz. Dessa forma, o que esse esquema nos ilustra é o que já afirmávamos acerca das relações entre imaginário e simbólico nas psicoses. O eixo a' – a é de suma importância quando se trata das psicoses, porém, não o é isoladamente.

Em uma sequência nas proposições de Lacan acerca das psicoses, temos o trabalho “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1956-57/1966/1966). Nesse trabalho, o autor retoma seu esquema L para reanimar os debates acerca da relação do Outro com o sujeito. Sobre esse assunto, com o objetivo de fixar as ideias, Lacan afirma: “o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)” (LACAN, 1956-57/1966/1966, p.555). Esta

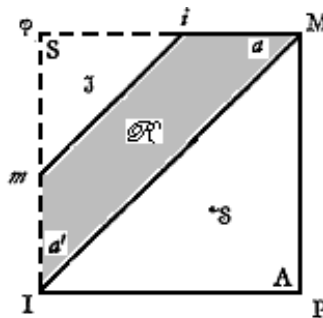
citação vem se acrescentar àquilo que já examinamos nos parágrafos anteriores sobre a especificidade do Outro (A) na psicose. Quando nos perguntamos acerca da exclusão do Outro na psicose encontramos que esta exclusão acontece em um nível peculiar sob a forma de um golpe no qual o significante primordial é abatido. Com esta citação, podemos avançar no comentário e afirmar que, já que o estado do sujeito depende do que se desenrola no Outro (A), temos que a forclusão do Nome-do-Pai se estabelece no campo do Outro (A). No texto aqui em voga, Lacan traz esta proposição como uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, evidenciando a concepção de cadeia significante, a qual é inaugurada pela simbolização primordial e que se desenvolve por ligações lógicas. Segundo o autor, “é num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro” (LACAN, 1956-57/1966/1966, p.582), que se reconhece a condição essencial da psicose.

Retomando a fala de Lacan em 1954-55 sobre o delírio de negação, revemos que as pacientes que afirmam não ter boca se identificaram àquilo que “é uma imagem à qual falta toda e qualquer hiância (...). Na medida em que se opera a identificação do ser à sua pura e simples imagem, não há tampouco lugar para a mudança, ou seja, para a morte.” (LACAN, 1954-55, p.299). Nesta afirmação acerca da síndrome de Cotard, Lacan não permite que a melancolia escape ao crivo das psicoses.

Poucos anos adiante em seus trabalhos, ao considerar a formação imaginária enquanto baseada no estágio do espelho, Lacan indica uma manifestação de contranatureza. Visto que o ser humano nasce prematuro, o par imaginário formado entre mãe e criança “mostra-se apropriado para dar ao triângulo imaginário [mãe-criança-falo] uma base que a relação simbólica possa de alguma forma abarcar” (LACAN, 1956-57/1966, p.558). A prematuração do humano acarreta uma hiância que o

aliena em sua própria imagem. Sem esta hiância não se produziria a relação com o simbólico “onde ele se constitui para a morte” (LACAN, 1956-57/1966, p.558). No comentário de Lacan sobre a melancolia fica evidente a falta de hiância, a partir da qual a relação simbólica é prejudicada.

Neste trabalho acerca “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956-57/1966), Lacan traz maiores informações sobre a relação entre o imaginário e o simbólico ilustrando-os como triângulos em seu esquema R:



“Esquema R” (LACAN, 1956-57/1966, p.559)

Define-se o triângulo simbólico pelos vértices I, ideal do eu, M, significante do objeto primordial e P, a posição em A do Nome-do-Pai (escrito por Lacan com maiúsculas). Justaposto, o triângulo imaginário tem em seu terceiro vértice o terceiro termo da ordem imaginária. Trata-se da imagem fálica, aquela com a qual o sujeito se identifica. Essa imagem fálica é crucial no processo simbólico, pois coloca a função do falo, na economia subjetiva, como “uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora, precisamente a metáfora paterna” (LACAN, 1956-57/1966, p.561). Justapostos enquanto vértices do ângulo reto dos triângulos, temos o Nome-do-

Pai, ao qual já vimos nos referindo, e a metáfora paterna, elemento introduzido na discussão acerca das psicoses.

A fim de obter maiores informações acerca desse processo que envolve a metáfora paterna e o Nome-do-Pai, tendo em mente que o mesmo aponta para a relação entre imaginário e simbólico nas psicoses, recorramos ao “Seminário 5 – as formações do inconsciente” (1957-58). Naquele período do seminário de Lacan – contemporâneo ao texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956-57/1966) – o Nome-do-Pai é retomado enquanto aquilo que autoriza o texto da lei no nível do significante. Eis que “o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai” (1957-58, p.152). É nesse sentido, por ser simbólico, que o pai é uma metáfora. Segundo Lacan, uma metáfora “é um significante que surge no lugar de outro significante” (p.180); o pai é um significante que substitui um primeiro significante introduzido na simbolização que é o significante materno. É na medida em que o pai substitui a mãe enquanto significante que se produz a metáfora. Para tanto, Lacan oferece a seguinte fórmula:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{X} \rightarrow S \left(\frac{I}{S} \right)$$

“Fórmula da metáfora” (LACAN, 1957-58, p.181)

É desta forma que o significante intermediário cai e o S se apodera, por via metafórica, do objeto de desejo da mãe – o falo. O que sobrevém *ao lugar de* demonstra a relação entre os triângulos imaginário e simbólico. Para a constituição do ternário imaginário há a necessidade da dependência da criança em relação ao desejo

da mãe e do objeto ao qual corresponde esse desejo. Esse objeto é o falo. A partir da simbolização primordial da mãe que vai e vem, “esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe” (LACAN, 1957-58, p.188). Este trajeto pode ser ilustrado pelas figuras a seguir:



“Ternário imaginário e ternário simbólico” (LACAN, 1957-58, p.189)

O lugar ocupado pela criança em relação ao desejo materno é a fundamentação para o acesso à ordem simbólica. Neste movimento, o falo deixa de ser tomado como objeto positivo e passa ao regime da lei do pai. A função paterna transcende a função propriamente biológica do genitor e das imagens relativas ao pai como as propostas pela cultura. O pai interessa aqui enquanto nome, enquanto lugar sancionado pela mãe como lugar da lei.

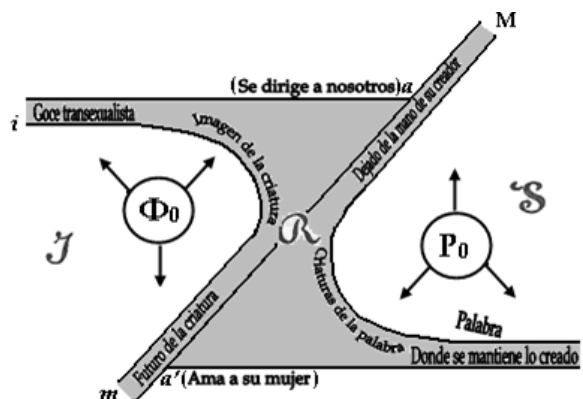
Retomando alguns pontos referentes às psicoses, temos claro que a foraclusão incide sobre o significante do Nome-do-Pai, aquele que enquanto nome tem seu lugar sancionado pela mãe. Desde então, tem-se que a ordem simbólica é alvo de efeitos da foraclusão. Contudo, falta ainda perguntar sobre o desencadeamento no nível imaginário desse processo que tem efeitos no simbólico. Até então está afirmado que a psicose não leva em consideração apenas o imaginário e, portanto, cabe

perguntar como o imaginário é afetado pela não incidência do Nome-do-Pai no simbólico. É possível acompanhar neste capítulo a tentativa de apontar o desencadeamento psicótico como envolvente de ambos os campos (e também do real, já que o que é foracluído, *verwerfen*, aparece no real). Isto justifica nossa questão visto exigir um melhor refinamento da explicação do processo psicótico. Com isto, também não perdemos de vista a melancolia porque, ao nos debruçarmos sobre a questão do que se produz no imaginário a partir da foraclusão do Nome-do-Pai no simbólico, abrimos a oportunidade para uma discussão acerca da constituição do eu na melancolia. Não o faremos neste capítulo, visto não ser o objetivo. Mas apenas aproveitaremos a oportunidade para introduzir a questão do que se produz no imaginário a partir da foraclusão, tendo em mente que esta introdução nos permite formular a pergunta com a qual finalizaremos este capítulo.

Ao referir o imaginário, o estádio do espelho é ponto fundamental a ser abordado. Esse estádio trata do encontro com uma imagem virtual. A par disto, Lacan afirma: “Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe” (1957-58, p.233). É nesta relação que o falo aparece como objeto privilegiado por ser o objeto imaginário com o qual a criança tem de se identificar em prol do desejo da mãe. É isto que se tem representado no triângulo imaginário.

Desde então, retomando “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956-57/1966), encontramos Lacan propondo que a partir da evocação do Nome-do-Pai “pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica” (LACAN, 1956-57/1966, p.564). Já observamos que, nesse mesmo texto, Lacan propõe a imagem fálica no terceiro vértice do triângulo imaginário, sendo

essa imagem crucial no processo simbólico por evidenciar a função do falo como uma significação que é evocada por via metafórica. Pois bem, sabendo-se disso, temos, a partir da última citação, que à forclusão do Nome-do-Pai corresponde no imaginário a falta da significação fálica. Ambos os furos, formalizados como P_0 e Φ_0 , abrem espaço para discussões sobre os transtornos de linguagem e os transtornos no corpo e também nos permitem afirmar que, ao se produzir a forclusão do Nome-do-Pai, apresenta-se um buraco no campo da significação fálica. É neste sentido que Lacan propõe o “Esquema I” (1956-57/1966, p.578) com base no Esquema R:



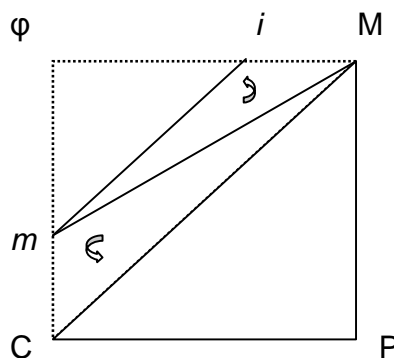
“Esquema I” (1956-57/1966, p.578)

Neste Esquema I, diferentemente do Esquema R, o Nome-do-Pai aparece zerificado no campo simbólico, e o falo também é zerificado no campo imaginário. É possível questionar se há uma hipótese de causalidade entre P_0 e Φ_0 . Segundo Lacan, “é a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamento do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário” (LACAN, 1956-57/1966, p.584). À proporção em que não se inscreve o Nome-do-Pai, inscreve-se no simbólico um furo. A consequência disto é que no imaginário, no nível da significação fálica, se inscreve outro furo. Portanto, parece haver sim uma relação de causalidade já que P_0 tem como consequência Φ_0 . Entretanto,

Lacan propõe uma segunda via, além dessa de causalidade: “ou devemos concebê-lo como produzido num segundo grau pela elisão do falo, que o sujeito reduziria, para resolvê-la, à hiância mortífera do estágio do espelho?” (LACAN, 1956-57/1966, p.577). Não é nesse trabalho que Lacan aponta uma resposta para esta questão. Mas, de qualquer forma, pode-se compreender que, por essa segunda via, os fenômenos de Φ_0 teriam seus efeitos próprios, independentemente da forclusão do Nome-do-Pai.

Até então, temos a possibilidade de falar em Φ_0 como consequência de P_0 e também de fenômenos em Φ_0 independentes. Não é nosso objetivo avançar nesse assunto, mas apenas evidenciar que há pontos a serem abordados a respeito do imaginário nas psicoses. Especialmente em relação à melancolia, temos a questão da formação do eu e o “desastre crescente do imaginário” (LACAN, 1956-57/1966, p.584)

Por hora, atentemos para o fato de que as psicoses não se circunscrevem apenas ao imaginário ou ao simbólico. É nesse sentido, ao considerar o conjunto, que retomamos o “Seminário 5 – as formações do inconsciente” (1957-58) no momento em que Lacan se detém no trapézio formado dentro do triângulo imaginário e nos fornece uma informação que é de nosso interesse sobre o Ideal do Eu:



(LACAN, 1957-58, p.234)

Lacan propõe que este trapézio, formado pelos triângulos M-i-m e M-m-C, é adentrado pela criança por meio do processo de *Urbild* do eu, na medida em que se estabelecem identificações através das quais se constitui o eu. Neste processo de identificações “o que constitui o limite da série é, em C, a formação a que se chama Ideal do eu. É com isso que o sujeito se identifica, ao ir em direção ao simbólico” (LACAN, 1957-58, p.235). Observe-se na figura anterior que a identificação ao Ideal do eu se dá no nível do triângulo simbólico, onde o Nome-do-Pai se encontra. É na medida em que o pai entra no jogo para proibir, que o objeto do desejo da mãe entra para a categoria de simbólico. O pai proibidor “vem a se tornar um elemento eminentemente significante, constituindo o núcleo da identificação máxima, (...). É por isso que é ao pai que se refere a formação chamada de Ideal do eu” (LACAN, 1957-58, p.235). A referência do Ideal do eu ao pai nos é muito bem vinda em nossa discussão acerca da melancolia. Isso nos permite reanimar a questão aberta a partir do capítulo anterior.

Quanto à melancolia, retomemos alguns pontos do capítulo anterior para estabelecer uma discussão com o tema da forclusão do Nome-do-Pai nas psicoses. Quando, no capítulo anterior, discorríamos acerca do pai como aquele que se torna um ideal, e que na melancolia trata-se de “uma perda de natureza mais ideal” (FREUD, 1917 [1915], p.251), pudemos questionar se a hemorragia que causa um escoamento da auto-estima do eu melancólico dizia respeito ao pai. Não se tratava de qualquer pai; era o pai que ao ser assassinado tornava-se um ideal. Perguntávamos¹⁹ se podemos dizer que esta perda ideal e desconhecida é similar à experiência da perda quando se está no registro da forclusão do Nome-do-Pai? Procuraremos sustentar essa hipótese.

¹⁹ Ver página 54.

Podemos sustentar nossa hipótese retomando pontos do capítulo anterior. No início daquele capítulo, quando abordávamos os textos freudianos de 1893 a 1898, encontramos a melancolia caracterizada por uma “anestesia [sexual] psíquica” (FREUD, 1983, p.228). Não obstante, a melancolia é apresentada também em conjunto com explicações acerca da neurastenia, da angústia e da neurose obsessiva. A proposição das neuroses respeita processos específicos envolvendo a representação, à qual se ligam o traço mnêmico e o afeto, e a tensão física. Esta deve atingir um limiar a partir do qual se tem significação psíquica.

Sendo a melancolia contemplada por um esquema de quantidades em forma de carga, descarga e transformação, observamos que o quadro melancólico se explicava por uma ausência de vínculo entre a tensão psíquica e um representante. Dessa forma, Freud estabeleceu uma primeira correlação entre melancolia e luto por apontar este como afeto correspondente a uma perda particular naquela. A perda referida por Freud é de um grupo de ideias, de representações, que se torna enfraquecido quando cessada a excitação física. Esse grupo representacional se mostra dependente do esquema de quantidades. É-nos permitido questionar se a perda melancólica não é simbolizável. Embora Freud não aponte que esta representação está *verwerfen* na melancolia, podemos questionar a partir da afirmação de que o “grupo sexual psíquico sofre uma perda na quantidade de excitação” (FREUD, 1895a, p.247) se não há uma similaridade entre o que virá a ser proposto como forclusão e essa perda tão fundamental na melancolia.

Favoravelmente à nossa questão, encontramos também uma definição freudiana de uma topografia na melancolia. Esta é proposta em referência ao esquema de quantidades: é no momento em que algo se perde que se estabelece o sofrimento e

a “retração para dentro” (FREUD, 1895a, p.252). Eis que se instala o empobrecimento e a ruína melancólica, nomeados de hemorragia interna por se definirem pela ferida formada pela retração. Tomemos como favorável essa descrição espacial do processo melancólico em vista da foraclusão. Propomos que essa topografia da melancolia mantém similaridade à proposição lacaniana da foraclusão de um significante primordial que, por um golpe, exige remanejamentos da cadeia significante.

É pela suposição de uma perda característica da melancolia que procuramos estabelecer uma similaridade. Assim, nossa proposição do processo melancólico como similar à foraclusão pode ser melhor justificada tomando a referência à questão do pai apontada no capítulo anterior.

Averiguamos no capítulo anterior que a escolha objetal revela a ambivalência e que o pai figurava como objeto digno disto. Já no caso Schreber, Freud nomeia a área onde se fundamentam os delírios de “complexo paterno” (1911a, p.63), defendendo a ideia de um retorno desde fora daquilo que fora abolido, dando base para a proposta de um retorno ao eu que caracteriza a psicose e que é ponto cardeal da melancolia. Com o mito da horda primeva, encontramos Freud indicando que o pai é devorado, é morto, para que se identifique a ele com o objetivo de ocupar seu lugar. É morto que o pai se torna um ideal.

Afirmamos também que o eu pode tomar-se como objeto não deixando de ser também digno da ambivalência, eis que “ele se tortura” no momento em que se identifica ao objeto odiado e amado. É dessa forma que um objeto é tomado pelo eu, na descrição freudiana, e canibalisticamente introjetado de maneira identificatória, mas não sem o ódio que o acompanha por ser a princípio externo. É por essa razão que o objeto deve ser destruído, morto, para que a ele se identifique.

Chegando a 1915, reencontramos a proposição freudiana de que a melancolia se caracteriza por uma perda, mas “uma perda de natureza mais ideal” (1917 [1915], p.251). Perguntamos se essa perda de natureza mais ideal mantinha alguma correlação ao pai, mas não respondemos. Apenas verificamos que, além da nostalgia e da saudade, o eu se culpa pela perda objetal. O eu se mortifica, jogando-se na miséria. Eis uma característica fundamental da clínica da melancolia proposta por Freud: a diminuição do amor-próprio. É desde esta diminuição do amor-próprio que Freud pôde, em 1915, apontar uma relação objetal bastante peculiar na qual o objeto é trazido por via identificatória ao eu, sendo este punido como tal desde então. É por essa via, a do amor e do ódio, que o objeto triunfa sobre o eu, sendo este o processo fundamental colocado por Freud acerca do suicídio do melancólico.

Não estamos distantes da questão do suicídio na melancolia. Neste capítulo, apenas procuramos apontar que o processo de perda na melancolia é similar à forclusão do Nome-do-Pai. Portanto, depois disso posto, poderemos retomar o tema do suicídio na melancolia, pois essa similaridade permitirá pensar a propensão do melancólico à passagem ao ato suicida.

Sob a égide da metapsicologia, em 1915, Freud também não deixou de propor um exame tópico da melancolia. É quando propõe que a representação mental (da Coisa) “do objeto foi abandonada pela libido” (p.216) que retomamos a questão do neurônio a, como componente não assimilável, e apontamos que o processo melancólico se estabelece em um lugar diferente do das palavras²⁰. Novamente vimos Freud recorrer à metáfora da ferida apontando o escoamento do eu. Destacamos que o caminho da consciência é, para o melancólico, barrado (*gesperrt*), o que torna a perda

²⁰ Ver página 61.

desconhecida. Cabe apontar que, diferentemente de *verwerfen*, o caminho está barrado na melancolia. Há similaridade? É nisso que insistimos.

Acompanhamos a afirmação de Freud de que o luto é uma reação a uma perda e que a melancolia também refere uma perda, mas não há uma reação e sim uma disposição patológica. Portanto, defendemos que a forclusão é similar à perda do representante na melancolia, experiência que declara a perda no registro da forclusão do Nome-do-Pai. Ausência esta que também é decisiva no mecanismo melancólico permitir uma reflexão sobre o suicídio, como veremos adiante. Desde então, os traços mais marcantes da clínica da melancolia, o esgotamento e a diminuição do amor-próprio, se elencam em torno dessa disposição patológica, a qual revela a perda de natureza mais ideal. Assim, a perda que é pontuada por Freud desde os primeiros escritos sobre a melancolia revela uma disposição patológica caracterizada por uma perda de natureza mais ideal e similar à forclusão do Nome-do-Pai.

Seguindo nossa proposição de que o Nome-do-Pai corresponde a um furo na melancolia, encontramos a afirmação de Freud no texto “Neuroses de transferência: uma síntese” (1928) de que se trata “na melancolia de uma identificação a esse pai morto” (p.80). Ora, qual então a diferença das neuroses? Pois bem, o pai da horda é assassinado para que ocorra a identificação a ele em vistas de ocupar seu lugar. Entendemos que há uma distinção entre matar, destruir, para se identificar e se identificar ao pai morto²¹, como se houvesse a identificação ao vazio deixado pelo pai.

²¹ O trabalho “Neuroses de transferência: uma síntese” (1928) não está incluso nas “Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira” (1996). A mesma referência à presente citação acerca da identificação melancólica ao pai morto é utilizada por Antônio Quinet (2006) e por Sílvia Elena Tendler (2009) para defender a hipótese de que há a forclusão do Nome-do-pai na melancolia.

É-nos possível estabelecer uma similaridade entre esta perda melancólica e a condição essencial da psicose apontada por Lacan, na qual a cadeia significativa inaugurada pela simbolização primordial sofre um golpe, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro.

Na abordagem que Lacan faz do delírio de negação, com o qual iniciamos nosso capítulo, fica clara a proposição de uma ausência da morte, ou melhor, do simbólico onde o sujeito se constitui para a morte. Verifica-se nessa abordagem de Lacan que este efeito simbólico tem relação com a identificação imaginária, a qual não permite nenhuma hiância.

O lugar ocupado pela criança em relação ao desejo materno fundamenta o acesso à função simbólica do pai enquanto nome. Na relação de nível imaginário entre mãe e criança, o objeto fálico aparece como privilegiado, a criança deve a este se identificar. O pai é sancionado enquanto proibidor do objeto do desejo materno, o qual, desde então, passa à categoria negativizada, é simbolizado. Enquanto proibidor o pai passa a se referir a um ideal, tornando-se assim limite no processo de identificação do eu. A forclusão do Nome-do-Pai acarreta um remanejamento desse processo, como já observamos, e se presentifica, como P_0 , enquanto furo.

Quanto à melancolia, propusemos que a identificação ao pai enquanto ideal e simbólico não ocorre, visto que este pai está foracluído. O que há é um furo, o qual propomos como similar à disposição patológica da melancolia que se revela como experiência de perda no registro da forclusão do Nome-do-Pai. Nossa proposta de que na melancolia se remete a P_0 se estende, em forma de especulação, para a proposição de efeito com Φ_0 . Podemos propor para tanto que, já na citação acerca do delírio de negação, encontramos Lacan afirmando uma “identificação à sua pura e simples

imagem” (LACAN, 1954-55, p.299). Entretanto, essa proposta nos encaminha para uma questão de maior abrangência que é sobre a que se identifica o melancólico. Já apontamos em Freud a identificação do eu melancólico ao objeto perdido (sendo este o princípio de uma discussão sobre o suicídio). Assim, ao considerar a forclusão na melancolia, abre-se a oportunidade de questionar esse processo característico apontado por Freud como a queda da sombra do objeto sobre o eu e também a constituição do eu melancólico em vista do “desastre crescente do imaginário” (LACAN, 1956-57/1966, p.584). Esta discussão acerca do eu melancólico e da identificação nos encaminha ao tema do suicídio, como acompanhamos a partir da proposta de Freud no capítulo anterior.

4 A passagem ao ato suicida na melancolia

No primeiro capítulo deste trabalho, ocupamo-nos da melancolia e das referências ao suicídio em relação a esta na obra de Freud. Destacamos desde os primeiros escritos do autor e, com maior ênfase, em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) que há uma perda específica que caracteriza a melancolia e que esta especificidade deve ser considerada quando se refere o suicídio. O segundo capítulo desponha a partir do primeiro, tendo a perda de natureza mais ideal como similar à forclusão do Nome-do-Pai. A partir do segundo capítulo, pôde-se questionar sobre a perda melancólica como fora do campo simbólico. Ou melhor, pode-se questionar o que se designa como perda na melancolia como não articulável no campo simbólico.

É a partir do destaque à perda melancólica e à especificidade que a distingue do campo simbólico que se inicia o terceiro e último capítulo deste trabalho com alguma bagagem. Primeiramente, será discutida a questão posta por Freud (1917 [1915]) acerca da sombra do objeto que cai sobre o eu melancólico. Esta discussão será dividida em dois tópicos no mesmo subcapítulo. O primeiro tratará do abandono da representação, restando a Coisa, e terá como ponto de apoio o “Seminário, livro 7: a ética da psicanálise” (LACAN, 1959-60); o segundo tópico, apoiado no “Seminário, livro 8: a transferência” (LACAN, 1960-61), versará acerca da identificação melancólica. Assim composto, este subcapítulo intitulado “A sombra desde a perda específica” parte da concepção de que a perda melancólica não se articula no registro simbólico e traz como questão a identificação ao objeto e a queda da sombra sobre o eu.

Ao longo deste primeiro subcapítulo se constitui também uma visada sobre o objeto na melancolia. É desde esse ponto que se inicia o segundo subcapítulo, o qual

pretende averiguar, apoiado no “Seminário, livro 10: a angústia” (1962-63), o estatuto do objeto na melancolia. Será com a proposição do objeto a neste período do ensino de Lacan que situaremos o suicídio na melancolia como passagem ao ato.

4.1 A sombra desde a perda específica

A proposta firmada no capítulo anterior, de que a perda de natureza mais ideal na melancolia é similar à forclusão do Nome-do-Pai, permitiu-nos ressaltar que a perda de natureza mais ideal pode ser compreendida no registro da forclusão. É exatamente pela especificidade que a disposição patológica autoriza reconhecer na perda melancólica que podemos seguir cientes de que o processo melancólico não se encerra na perda.

Reconhecer tal proposta não nos exime da pergunta: a que se identifica o eu na melancolia? Dada a especificidade que marca a perda na melancolia, estabeleceu-se “uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial” (FREUD, 1917 [1915], p.254). Já destacamos²² que há distinção entre a sombra do objeto que cai sobre o eu melancólico e um traço do objeto. Freud nos auxilia na demarcação dessa distinção quando situa uma via na qual, desde a identificação narcísica, a representação é abandonada, esvaindo-se traço por traço até que impere o vazio representacional, a Coisa. Doravante, por essa via, na qual o esvaziamento é promulgado por meio de uma identificação narcísica, daremos sequência à nossa questão sobre a que se identifica o eu melancólico. Recorreremos ao ensino de Jacques

²² Ver página 60.

Lacan nos anos de 1959-60 e 1960-61 para apontar, respectivamente, a Coisa e a identificação na melancolia. Ambos os pontos abordados nos tópicos deste subcapítulo nos permitirão, no subcapítulo seguinte, fundamentar a passagem ao ato suicida na melancolia.

Em seu “Seminário, livro 7: a ética da psicanálise” (1959-60), Lacan ocupa-se do vazio presentificado por *das Ding*, a Coisa. Reporta-se ao “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895b) e a outros trabalhos de Freud que possibilitam a defesa da tese de que o campo do Bem é deixado vazio pelo autor. Logo de início, afirma que “a ação moral, com efeito, enxertou-se no real” (p.33), deixando claro seu objetivo de destacar a reviravolta ética realizada por Freud. Tomar o trabalho “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895b) pela via da releitura é um dos esforços de Lacan quando apresenta que a descoberta freudiana guia-se por uma dimensão ética. É por essa via que a satisfação e a relação com a falta do objeto serão revisitadas por Lacan

Já em nosso primeiro capítulo, abordamos os esquemas freudianos referentes à perda objetal. Questionávamos o que estava perdido na melancolia e, em contrapartida, encontrávamos uma perda na base do que Freud propunha como aparelho. Tanto o neurônio a quanto o umbigo do sonho foram imprescindíveis para nossa discussão encaminhar-se até a verificação de que, na melancolia, a perda se caracteriza de forma específica.

Com a via lacaniana, a da releitura, podemos aprofundar nossa reflexão sobre o processo melancólico, mais exatamente acerca daquilo que recai sobre o eu. Sigamos pelas palavras do ensino de Lacan nos anos de 1959-60 para, logo após, nos determos naquilo que diz respeito à nossa questão.

A teoria do aparelho neuronal composta por Freud (1895b) traz, no modo como foi traduzida para o português, a facilitação como movimento energético de comunicação entre os neurônios. Na releitura de Lacan, facilitação torna-se dispensável e o original, *Bahnung*, acarreta a proposta de uma formação em cadeia. A cadeia significativa tem íntima relação com o processo de reencontro do caminho da satisfação. Por tratar-se sempre de um reencontro daquilo que sucumbiu à perda, à experiência de satisfação sempre faltará algo.

A hiância presente na experiência de satisfação é o prólogo para que seja introduzida *das Ding*. É em outro lugar, que não o da representação, que *das Ding* se localiza. Seguindo os passos de Lacan, a Coisa, *das Ding*, diferencia-se da representação a partir do *Nebenmensch*, sendo algo de estranho. De tudo o que constitui as *Vorstellungen*, representações, sob a providência do princípio do prazer, a Coisa se distingue como outra coisa.

Lacan afirma que a Coisa é aquilo em torno do que se orienta o encaminhamento do sujeito. Tendo o real como base, Lacan propõe *das Ding* como um “primeiro exterior” (p. 67) a partir do qual é ordenada a experiência de satisfação e desde onde é regido o movimento da *Vorstellung*. Tal processo comporta a concepção do objeto que se busca reencontrar e que não pode ser encontrado jamais. A condição de estar perdido é da natureza do objeto. Assim, define-se o lugar de *das Ding* como orientador da experiência de satisfação, mas que, ao mesmo tempo, está fora do campo da significação.

A localização de *das Ding*, em seu isolamento e efeito de estranheza quanto ao movimento das *Vorstellungen*, dá ao objeto o estatuto de perdido desde sempre. Contudo, Lacan (1959-60) afirma que este objeto, “em suma, nunca foi perdido, apesar

de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo” (p.74). A afirmativa de Lacan parece contradizer aquela de que o objeto está desde sempre perdido, se não fosse o realce ao reencontro. É pela via traçada pelo reencontro do objeto que há o encadeamento entre as *Vorstellungen* em um movimento em torno da Coisa.

No movimento de busca, as *Vorstellungen* atraem-se umas às outras estabelecendo vias, *Bahnungen*, trilhamentos que funcionam de acordo com o princípio de prazer. O movimento de busca, entretanto, mantém as *Vorstellungen* sempre distante daquilo em torno do que giram. Isto é, por Lacan, reconhecido como um limite, o qual está além do princípio de prazer. É importante destacar que no movimento de busca fica caracterizado que a *Vorstellung* “tem a mesma estrutura – esse é o ponto no qual insisto – do significante” (LACAN, 1959-60, p.78). Neste nível, a Coisa nada é e, por ser regente e estar excluída, ocupa lugar central.

A reflexão lacaniana acerca da centralidade da Coisa permite ao autor dispor o Bem Supremo como ausente do nível do princípio do prazer. Tal é a reviravolta ética que Lacan sobressalta em seu retorno à obra freudiana e que apenas é possível tão logo a Coisa ocupe lugar central e exterior à cadeia significante.

A centralidade de *das Ding* acompanha-se da exterioridade no sentido de uma exclusão primordial. Essa caracterização permite propor que, “no nível do inconsciente, só uma representação representa” (LACAN, 1959-60, p.89) isto que é primordialmente excluído. O que só uma representação representa aponta para duas questões importantes para nosso percurso: uma referente à temporalidade daquilo que é primordial e que só-depois se representa; outra referente à exigência de encontrar o que retorna e garante retornar. Adiante, no próximo tópico, abordaremos ambos os pontos em uma menção direta à melancolia.

O que se pretende destacar nessa breve recorrência ao ensino lacaniano nos anos de 1959-60 é que a Coisa é o que primeiro pôde se separar do que fora nomeado. Implícito nesta proposição, encontra-se o tema da relação com o objeto e sua distinção em referência a *das Ding*. Lacan (1959-60, p.121) marca esta distinção na proporção em que o objeto emerge em uma relação narcísica, imaginária, na qual se destaca o amor pela própria imagem e a conseqüente formação de um ideal. Já a Coisa “está no âmago da economia libidinal” (LACAN, 1959-60, p.137), sendo a fórmula da sublimação a elevação do objeto à dignidade da Coisa.

Discorrendo sobre o objeto que emerge da relação imaginária e que abarca nossa questão sobre a identificação do eu melancólico, reservamos o segundo tópico deste subcapítulo. Nele, o ensino de Lacan nos anos de 1960-61 será abordado de forma pontual quando o autor fala acerca da identificação ao traço, *ein einziger Zug*. Ambos os tópicos que estão contidos neste subcapítulo, possibilitarão o encadeamento de nossa reflexão até o ensino dos anos de 1962-63, no qual Lacan fará considerações sobre o suicídio na melancolia.

4.1.1 A Coisa melancólica

Quando abordávamos o “Rascunho G” (FREUD, 1895a) e os primeiros escritos de Freud sobre o processo melancólico, encontramos que este acontece por um mecanismo no qual há uma perda como fundamento. Segundo o autor, “na melancolia, deve tratar-se de uma perda – uma perda na vida pulsional” (1895a, p.247). A perda se constitui no campo da energia física e se endereça ao grupo psíquico, o qual deixará de ser investido.

Assim, esvai-se dolorosamente como uma hemorragia a associação entre neurônios. A associação em forma de cadeia entre grupos de representações, na melancolia, sucumbe a um processo peculiar. Propomos que essa peculiaridade do mecanismo melancólico resida na ideia de um buraco na esfera psíquica, e que é por esse buraco que se esvai o conteúdo das representações. Também em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) encontra-se que o processo melancólico é como uma “ferida dolorosa” (p.263), e que há um esvaziamento a partir da fraca aderência ao objeto. Pela fraca aderência, é trazida para o eu melancólico a sombra do objeto e, dessa forma, o eu pode causar toda a sua própria tortura, como se fosse o objeto. Neste período em que ocorre o abandono do objeto pela impossibilidade de catexização, se está fora do âmbito das palavras, sendo o caminho da elaboração representacional barrado (1917 [1915], p.262), diferentemente do luto. Somente quando se inicia a autotortura do eu é que é possível se representar o processo.

Sobre a perda objetal, em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), e adendos posteriores, Freud indica que a relação com o objeto é sempre faltosa: “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p.210). Por ser um reencontro, houve uma perda anterior desde a qual se instala a representação do objeto como alvo de reencontro.

Esta busca pelo objeto perdido é destacada por Lacan (1959-60), concebendo o objeto como, por natureza, perdido, e a Coisa como central na busca. Desde este ponto, seguiremos com este autor, reconhecendo como peculiar a perda melancólica. Temos que a representação do objeto não é alcançada, o que nos impulsiona a averiguar o processo.

A busca pelo que está perdido revela a regência do vazio e estabelece como reencontro toda possibilidade de relação objetal, como vínhamos destacando. Diferentemente da articulação kleiniana segundo a qual o corpo mítico da mãe é disposto como central, no lugar de *das Ding* Lacan infere uma criação *ex nihilo* como coextensiva da situação da Coisa.

Posta às claras esta diferenciação, Lacan toma um artigo de Melanie Klein no qual é comentado um caso clínico “que não deixa de ser picante” (1959-60, p.142) e que traz em forma explícita a melancolia. Neste caso clínico, uma mulher queixa-se de um espaço vazio em si que nunca pôde preencher. Esta mulher tem sua casa revestida por quadros pintados pelo irmão do marido que é pintor. Um pintor de talento, em determinado momento ele vende um dos quadros, deixando “na muralha um espaço vazio” (p.143). Este espaço vazio passa a ter uma função polarizadora nos acessos melancólicos da paciente. Eis que ela decide preencher este espaço vazio na parede, imitando o cunhado, fazendo uma pintura mais próxima possível daquelas que foram retiradas da parede. A paciente, que nunca fora artista, realiza uma obra que, sob o julgamento do cunhado especialista, não poderia ter sido produzida por ela. Após o relato deste caso, Lacan não tece maiores comentários acerca da melancolia. Apenas insiste na ênfase kleiniana à centralidade do corpo mítico da mãe, enquanto compreende, e ilustra com a referência ao caso, a situação central da Coisa. É a partir dessa centralidade que se afirma que *das Ding* é “o que, do real primordial, diremos, padece do significante” (1959-60, p.144).

Padecer do significante é uma característica da Coisa que torna possível discutir o caráter de reencontro do objeto que é, desde sempre, perdido. Que o objeto seja, desde sempre, perdido é consequência de ele ser passível de reencontro. O

objeto apenas é perdido *après-coup*. Essa característica permite que a Coisa, como velada, seja representada por outra coisa (LACAN, 1959-60, p.145). O vazio passível de ser representado por outra coisa é metaforicamente sustentado a partir da figura de um vaso, desde a qual se representa a existência de um vazio no centro. A criação do significante em torno do vazio da Coisa no centro do real localiza uma exterioridade íntima: uma “extimidade” (LACAN, 1959-60, p.169).

Exterior íntimo, *das Ding* permite a Lacan formalizar, neste momento, como real aquilo que “se reencontra sempre no mesmo lugar” (p.87), ao conceber o objeto como inencontrável no patamar significante. Note-se que a via a ser seguida pelo autor se estende por uma interconexão entre simbólico e real. É de ambos os âmbitos que Lacan pôde sustentar sua tese naquele ano do seminário: “minha tese é de que a lei moral, o mandamento moral, a presença da instância moral, é aquilo por meio do qual, em nossa atividade enquanto estruturada pelo simbólico, se presentifica o real” (1959-60, p.30). Remete-se à ética da psicanálise desde os limites de sua prática. Contudo, não seguiremos pelo caminho por onde se sustenta a tese lacaniana, apenas a acompanhamos na medida em que a centralidade da Coisa não se furta à abordagem da melancolia, como já nos foi feito esclarecido a partir da leitura que Lacan fez do caso comentado por Melanie Klein e da referência de Freud ao abandono da representação, restando a Coisa, no processo de esvaziamento melancólico.

Propor o real a partir do simbólico como tese confirma-nos que “sem a Lei a Coisa estava morta” (LACAN, 1959-60, p.103) e dirige-nos ao significante crucial que instaura a Lei, o Nome-do-Pai em sua função. O mito do assassinato do pai é que autoriza que algo da ordem da Lei se veicule. Pela ambivalência proposta por Freud em “Totem e tabu” (1912 [1912-13]), em um segundo momento, quando o pai é

assassinado e devorado pelos filhos, instala-se a culpa e, doravante, o pai é mais poderoso em suas proibições. Ressalta-se que há aí uma falha, pois “o assassinato do pai não abre a via para o gozo que sua presença era suposta interditar, mas ele reforça sua interdição” (LACAN, 1959-60, p.211). Reforçada a interdição, a aplicação no sentido da lei alimenta a exigência e o avanço no sentido do gozo encontra obstáculos. Assim, o acesso ao gozo apenas se torna possível por uma via de transgressão, a qual só se realiza apoiada nas formas da Lei.

Um nó entre desejo e Lei é considerado para que se presentifique um paradoxo do gozo. Para além do princípio do prazer é que se localiza o gozo como algo em direção ao qual não se ousa aproximar, mas que, ao mesmo tempo, é o que se tem de mais próximo. A aproximação faz com que desponte a agressividade, diante da qual se recua trazendo-a para si em realce ao supereu. É desse modo que um limite é impedido de se transpor, trata-se de “uma certa fronteira no limite da Coisa” (LACAN, 1959-60, p.223).

Se o limite é o da extimidade, a transgressão para o nada aponta: “Quando se avança na direção desse vazio central, dado que é, até agora, sob essa forma que se apresenta para nós o acesso ao gozo, o corpo do outro se despedaça.” (LACAN, 1959-60, p.242). A noção de um objeto parcial é trazida por Lacan para determinar que o objeto encontra-se em estado de independência, exatamente no campo de *das Ding*. O objeto enquanto promessa de gozo é inacessível visto que o sujeito se situa no campo do significante.

Trazendo essa discussão feita por Lacan nos anos de 1959-60 para uma ênfase ao processo melancólico tal qual temos abordado até agora, pode-se afirmar que a fraca aderência à representação, a impossibilidade de atingir o grupo de idéias,

indica o vazamento dos significantes e o império da Coisa. Portanto, a perda não é *après-coup*, visto não poder ser representada. Não há registro simbólico de perda e, indica Lacan, “se nada mais há senão a falta (*manque*), o Outro se esvai, e o significante é o significante da morte” (1959-60, p.231). Considerar que nada mais há senão a falta ressoa como o processo no qual a esfera psíquica é esvaziada por um buraco, tornando-se o eu empobrecido, sem amor próprio. Assim, a hemorragia dos significantes faz emergir o silêncio doloroso e promove o não-assimilável.

Atingido o grupo psíquico, dá-se o processo representativo e a perda do objeto. Portanto, o objeto tem sua natureza desde sempre marcada pela perda quando digno de representação na esfera psíquica. O processo melancólico se desencadeia por uma via distinta: não se atinge o limiar representativo e a perda sequer chega a ser representada no campo simbólico.

O desmembramento das representações da esfera psíquica, do significante, corresponde ao esvaziamento no campo do Outro. Desde então, impera a pura falta estando o eu melancólico sob as trevas da Coisa. Pode-se também apontar que quando o eu melancólico encontra-se eclipsado, há um avanço em direção ao vazio central, ao gozo. É pelo devoramento, no sentido freudiano, que o objeto é trazido ao eu. Porém, como temos insistido, não há identificação ao traço ou representação do objeto. Identifica-se ao que resta do desmembramento.

4.1.2 A identificação melancólica

O “lugar onde tudo o que é lugar do ser é posto em causa” (LACAN, 1959-60, p.257) é o *ex nihilo*, campo onde se projeta o além da cadeia significante. Esta

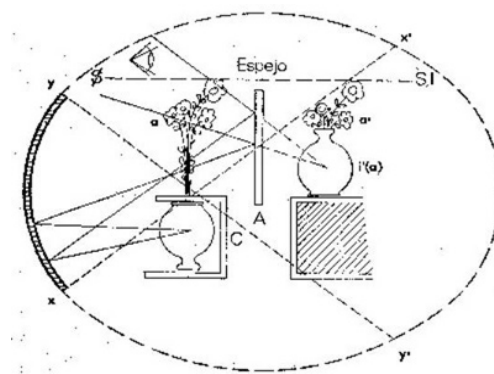
proposição de uma causalidade soma-se a outras já propostas nesse breve recorte do seminário do período de 1959-60 e nos indica um caminho. A saber, quando se delimita a Coisa como aquilo que primeiro pôde se separar do simbólico, marcando a vinculação de *das Ding* à Lei do Nome-do-Pai e tornando inacessível o objeto de gozo, podemos retomar “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) e perguntar: a que se identifica, no processo melancólico, quando a representação é abandonada e resta a Coisa que promulga o império da sombra?

Rapidamente, pode-se responder, com o apoio do texto de Freud, que se identifica ao objeto perdido. Mas, é necessário recuar antes de responder e, a partir de nosso segundo capítulo, retomar que a perda melancólica se efetua desde uma disposição patológica e que, como propomos, isto se estabelece similarmente à forclusão do Nome-do-Pai. Já neste capítulo anterior, quando referíamos o esquema R de Lacan, não deixamos de apontar o efeito catastrófico da forclusão do Nome-do-Pai e como esse processo é similar ao que Freud (1917[1915]) já descrevia como uma perda de natureza mais ideal que caracteriza a melancolia. Também desde o esquema R, introduzimos a constituição do eu por via identificatória tendo como égide o Ideal do eu e a conseqüente catástrofe imaginária por conta da forclusão. Entretanto, não deixamos claro o processo identificatório da melancolia e vamos retomar a questão, tendo em vista que o que cai sobre o eu é a sombra, ou seja, é algo que escapa à atribuição.

A identificação como processo formador do eu é alvo constante da atenção de Lacan desde seus primeiros trabalhos. Recorramos ao “Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud” (1953-54), sabendo que este assunto é bastante debatido em outros trabalhos do mesmo período. Pretendemos apenas apontar que, nesse

período de seu ensino, Lacan se ocupa da tópica do imaginário propondo o estádio do espelho não como uma fase do desenvolvimento, mas enquanto função de *Urbild* do eu. A prematuridade da imagem do corpo em detrimento à maturação fisiológica depende de uma condição: o posicionamento do sujeito. Esse posicionamento é caracterizado pelo lugar no simbólico.

Naquele momento de seu ensino, Lacan (1953-54) ocupa-se da junção entre imaginário e simbólico na constituição do real. Real este referente à realidade. Em uma notação como a da teoria dos conjuntos, considera-se um campo real e um campo virtual no qual cada ponto é refletido de maneira única. Desse modo, afirma-se que a captura da imagem do corpo no campo imaginário em sua junção ao real, depende da posição do sujeito no registro simbólico. Para tanto, o esquema óptico serve de referência:



“Esquema de dois espelhos” (LACAN, 1953-54, p.147)

Com o esquema óptico, Lacan (1953-54) localiza uma imagem real desde a qual é possível ao ser reconhecer-se em sua forma. Trata-se do narcisismo primário. Contudo, há também a incidência de um outro em relação ao qual o sujeito se vê. Eis o

segundo narcisismo, no qual o outro tem a função de ideal do eu. É com este outro que se realiza a identificação que, segundo Lacan (1953-54), “permite ao homem situar com precisão sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral” (p.148). Destaca-se, desse modo, a função do Ideal do eu como acomodadora do imaginário na medida em que posiciona o sujeito. É dessa acomodação que depende a especularização dos objetos a serem libidinalmente investidos.

A localização do Ideal do eu na constituição do eu será revisitada por Lacan alguns anos mais tarde. É em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1961 [1960]/1966) que Lacan retoma, referindo seu primeiro ano de seminário, seu modelo óptico desde o qual se permite ver representada a incidência do imaginário e do simbólico. Abarcando a função de desconhecimento como princípio da formação do eu, Lacan propõe as imagens $i'(a)$ e $i(a)$, as quais “não devem ser tomadas à letra de sua subordinação óptica, mas como sustentando uma subordinação imaginária análoga” (1961 [1960]/1966, p.682). Um transitivismo constante entre essas imagens tem como suposição que em $i'(a)$ se reconheça uma alienação intrínseca na relação imaginária com o outro, enquanto que, em $i(a)$ se configure uma ilusão. Assim, pelas coordenadas inconscientes do Eu, o ideal do Eu surge como formação no lugar simbólico.

Lacan (1961 [1960]/1966) afirma que “a relação imaginária com o outro e a captura do Eu Ideal servem para arrastar o sujeito para o campo em que ele se hipostasia no Ideal do Eu” (p.686). Esta afirmação permite que se verifique a relevância do Ideal do Eu na discussão acerca da constituição do sujeito em psicanálise. É irrevogável que se considerem as proposições anteriores acerca do imaginário e do simbólico a fim de se debater essa constituição que localiza um sujeito do inconsciente

que, em um passo copernicano, descentraliza o Eu. Embora de extremo valor, essa discussão não será desenvolvida neste trabalho. Porém, é desde os meandros dessa discussão que Lacan toca o objeto *a*, “como elemento da estrutura desde a origem e, por assim dizer, da distribuição das cartas da partida que se joga” (p.689). Esse objeto direciona nossa questão, sobre suicídio na melancolia, e isso fica mais explícito no ensino de Lacan a partir da década de 60.

Em seu contemporâneo “Seminário, livro 8: a transferência” (1960-61), Lacan, guiando-se pela questão sobre o lugar do analista na transferência, dedica sua atenção ao processo de formação do Eu. O Eu é contemplado, nesta data, a partir de uma forma cuja referência topológica indica uma superfície ou volume que, “pelo fato de ser organizada à imagem de outra coisa, apresenta-se como dando seu suporte e seu fundamento à idéia de identificação” (LACAN, 1960-61, p.336). No contexto desse seminário, Lacan se refere ao Ideal do Eu, tendo no bojo dessa discussão os autores pós-freudianos. A introjeção do objeto, mais especificamente do pai, é alvo certo na discussão e é retomado por Lacan por outra via. Nesta, a questão da introjeção e da projeção é almejada de forma não arbitrária ao se fazer distinção entre os registros imaginário, simbólico e real.

O modelo óptico introduz a função do Outro como um terceiro na relação do Eu com o pequeno outro. Nesta relação, quando a imagem transcende o movimento e ultrapassa a visão do perceptível, esta já se apresenta como ideal. Portanto, a relação narcísica é dependente da função do Outro, visto ser dessa função que “pode vir o signo imagem de *a*” (LACAN, 1960-61, p.342). O Eu Ideal aí se posta e é alvo da identificação, a qual revela um certo conflito entre imagem e agressividade já que se

está diante daquilo que é ele próprio e um outro. Conquanto a função do Ideal de Eu remete a uma outra problematização.

Como já abordamos no capítulo anterior e retomamos agora, a identificação ao pai é a base para a gênese do Ideal de Eu. Lacan (1960-61, p.343), apoiando-se no trabalho “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921), assevera a necessidade freudiana de reconhecer a importância dessa identificação primordial e os conseqüentes modos de identificação propostos por Freud. Assim, Lacan extrai que nos modos por regressão e histórico “a identificação se faz sempre por *ein einziger Zug*” (p.344). Esta consideração de Lacan nos é bastante cara, pois, quando descreve os modos de identificação, Freud (1921, p.119) refere a melancolia e a sombra do objeto que cai sobre o eu melancólico.

Sobre *ein einziger Zug*, há um caráter de pontualidade que é apontado por Lacan (1960-61), visto que este *um único traço* não é dado como significante em um primeiro momento, sim como um signo: “Para se dizer que isso é um significante, seria preciso mais. É necessário que ele seja ulteriormente utilizado em, ou que esteja em relação com uma cadeia significante” (p.344). A incidência do traço é a marca do Outro sobre a relação narcísica. A princípio, como signo, o traço é interiorizado demarcando o lugar do grande I no jogo do espelho e, desde então, poderá ser introjetado na medida em que o sujeito ali se reconheça.

Há uma demarcação a ser especificada pois, quando há introjeção, há também a dependência desse lugar do grande I. Dessa maneira, o Ideal do Eu é sustentado pela função simbólica introduzida pelo traço. Essa demarcação está entre o Eu ideal e o Ideal do Eu e tem como fundamento a função do *einzigiger Zug*. Mas qual a relevância disso para nosso assunto? Lacan (1960-61) orienta-nos ao afirmar que esta

função permite “definir a função do objeto em suas relações com a função narcísica” (p.358). Isso nos orienta porque sabemos, desde “Luto e melancolia” (1917 [1915]), que na melancolia a identificação é narcísica com o objeto perdido em condições específicas.

Ainda acompanhando o modelo óptico, a ilusão do vaso apenas se produz para o olho posicionado no interior do cone. Essa ilusão é uma imagem real e metaforiza o $i(a)$. Este é o suporte da função da imagem especular, a qual carrega a magnitude do investimento próprio. O investimento libidinal na própria imagem é o investimento narcísico. Portanto, $i(a)$ é central neste investimento.

Conforme vimos destacando, a posição do sujeito desde o campo do Outro apenas é observável no ponto do grande I, enquanto lugar distinto de $i'(a)$. Sendo $i'(a)$ uma projeção que, junto de $i(a)$, remete à ordem imaginária, a demarcação simbólica efetivada pelo grande I permite que o sujeito apreenda o que há de ilusório na identificação narcísica. É ao referir a expressão identificação narcísica (utilizada por Freud (1917 [1915]) ao falar da identificação na melancolia) que Lacan (1960-61) faz uso de outra expressão do mesmo trabalho de Freud: “Existe a sombra, *der Schatten*, diz Freud em alguma parte, e precisamente a propósito do *verlorenes Objekt*, do objeto perdido, no trabalho do luto” (p.361). Fazendo menção ao que há de ilusório na identificação narcísica, a opacidade de uma sombra é referida pelo autor com objetivo de destacar que, na relação com o objeto, a estrutura narcísica é superável. Precisamente pela função do Outro, e da presença do grande I, é que o sujeito pode identificar-se em outro lugar.

Estabelece-se um contraponto entre a identificação narcísica, e a opacidade sombria presente em tal processo, e a função decisiva do significante. É nesses termos

que se baliza a relação com o objeto, mais especificamente o desenvolvimento da libido. É a alusão ao trabalho “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais” (1924), de Karl Abraham, que alavanca o que Lacan pretende assinalar na relação entre $i(a)$ e a , o objeto de desejo.

O trabalho de Karl Abraham permite a Lacan afirmar que a identificação não é maciça, há um traço. De tal modo, a função do parcial na identificação é sobressaltada e o falo é centralizado como pivô. A centralidade do falo é dada enquanto objeto do desejo e como marco entre o investimento narcísico e o investimento objetal. A centralidade do falo na ordenação do investimento libidinal é o que fundamenta a distinção entre o que se passa quando a identificação é com o traço isolado ou quando se permanece sob a sombra da identificação narcísica. Segundo Lacan (1960-61), a partir da leitura de Karl Abraham, “é na medida em que, no sujeito, os genitais permanecem investidos, que no objeto eles não o são” (p.367). O processo de identificação melancólico se encerra no investimento narcísico. Acompanhávamos Freud em sua metapsicologia propondo tal assertiva.

É a partir de Lacan que se torna possível reconhecer no processo melancólico a presença fulgurante do objeto pequeno a , além do transitivismo imaginário de $i(a)$ e $i'(a)$. Lacan (1960-61) afirma que no luto trata-se de identificar traço por traço até o esgotamento, mas que na melancolia o objeto está presente não por traço:

Mas o que dizer se esse objeto era um pequeno a , um objeto de desejo? O objeto está sempre mascarado por trás de seus atributos, é quase uma banalidade dizer isso. Como é evidente, a coisa só começa a ficar séria a partir do patológico, isto é, da melancolia. O objeto está ali, coisa curiosa, muito menos apreensível por estar certamente presente, e por deslanchar efeitos infinitamente mais catastróficos, já que eles chegam até o esgotamento daquilo

que Freud chama o sentimento mais fundamental, o que os apega à vida. (p.380)

O objeto está *certamente presente*, porém não apreensível por atributos. Não deixa de conotar uma presença maciça do objeto, diferentemente de uma identificação por traço. Os efeitos dessa presença maciça chegam ao esgotamento do apego à vida. É nesse momento que Lacan (p.380) designa um ponto de concorrência entre luto e melancolia. Trata-se, na melancolia, de um remorso de certo tipo desencadeado pelo “suicídio do objeto” (LACAN, p.380). O remorso melancólico é movido pelo objeto que, de algum modo, desapareceu do campo do desejo.

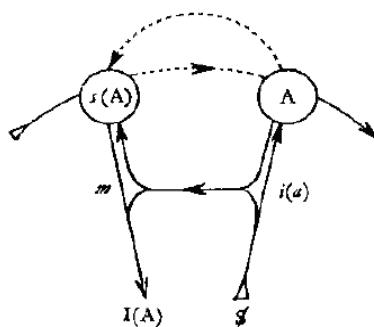
A presença inefável desse objeto e o desaparecimento do campo do desejo com o conseqüente esgotamento do apego à vida devem ser melhor examinados. Lacan não segue com este exame em seu ensino dos anos de 1960-61. Nós devemos seguir com este exame, mas antes, retomemos alguns pontos de nosso capítulo anterior que nos auxiliarão nesse próximo tópico.

Afirmávamos, no capítulo anterior, munidos das reflexões de Lacan em seu “Seminário, livro 5: as formações do inconsciente” (1957-58) acerca do esquema R, que o processo de formação do eu se dá por identificação. Estas identificações têm como parâmetro o Ideal do eu, identificação que direciona ao simbólico. Esta mesma prerrogativa do processo de identificação pôde ser encontrada no ensino de Lacan dos anos de 1960-61 com a proposta do *um único traço*.

O lugar ocupado pela criança no desejo materno é a base para o acesso à função simbólica do Nome-do-Pai. Aqui se localiza a função do falo como central na medida em que a criança deve a este se identificar. Esta centralidade proposta desde a

economia freudiana permite que o falo esteja no vértice do triângulo imaginário que é homólogo ao vértice do Nome-do-Pai no triângulo simbólico.

Acompanhamos que na psicose, por conta da forclusão do Nome-do-Pai, este se apresenta como P_0 na proporção em que algo de fundamental falta. Lacan (1957-58, p.160) formaliza este processo em um esquema baseado no grafo do desejo. É desde Schreber que Lacan pôde propor um grafo no qual se é sujeito e presa dependente das vozes:



(LACAN, 1957-58, p.160)

Lacan faz observar que, neste esquema, encontra-se *verwerfen* todo e qualquer alcance à lei possibilitado pelo Nome-do-Pai. Assim, destaca-se a destruição das vias de ida e volta da mensagem para o código e do código para a mensagem (são os traços pontilhados). Isto se dá por ser função do Nome-do-Pai ratificar a mensagem e, por essa função estar ausente, o Outro apenas faz emissões, para além do código.

Já no capítulo anterior indicávamos que, na menção ao delírio de negação feita por Lacan (1954-55), a identificação na melancolia se dava à pura e simples imagem, sendo a morte ausente. A identificação a uma imagem à qual falta hiância,

falta a morte, não permite a operação simbólica. É o que temos também no grafo designado à psicose em 1957-58.

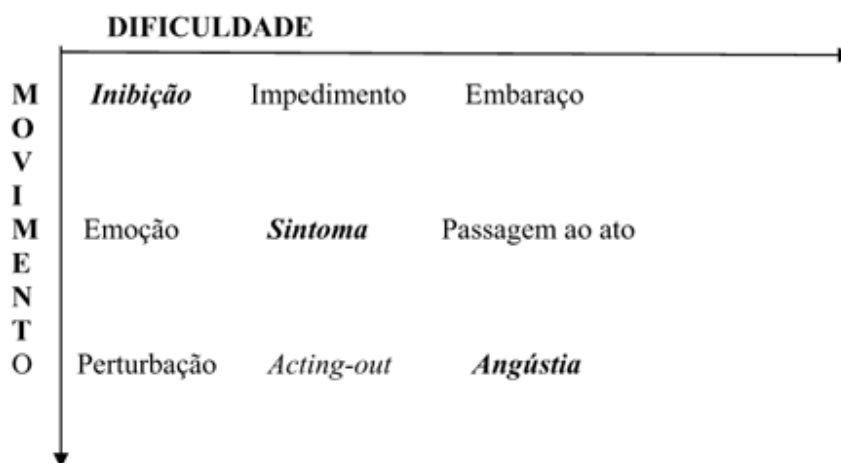
Muitas questões se desdobram a partir da consideração de como este esquema se apresenta na psicose. Contudo, o que pretendemos alinhar ao considerar esse grafo na psicose, já que é por essa via que se aborda a melancolia aqui, é que o processo melancólico, embora não aponte para uma perda no registro simbólico, não se encerra no campo do imaginário entre $i(a)$ e $i'(a)$. É pela forclusão do Nome-do-Pai, em similaridade à disposição patológica da melancolia, que se pode questionar sobre a presença maciça desse objeto sem atributos que desencadeia efeitos catastróficos na melancolia.

4.2 Do objeto a : o suicídio como passagem ao ato

Mantendo laços estreitos com seus seminários anteriores, Lacan, em seu “Seminário, livro 10: a angústia” (1962-63), inicia afirmando que a angústia será o tema daquele ano. Rapidamente se desenha um deslocamento em relação aos sistemas filosóficos que se ocupam do tema e uma localização é dada em relação ao grafo do desejo. Lacan já anuncia, logo nos primeiros momentos de sua fala, o deslocamento a que convida seus ouvintes ao referir a angústia em relação ao desejo do Outro.

Certamente a via que se abre no início desse seminário é de bastante importância para a psicanálise. Entretanto, apenas a acompanharemos na medida em que é por ela que se pode atingir as considerações referentes à passagem ao ato suicida na melancolia. É assim que a angústia se fixa como eixo para pensar o objeto a em consideração à passagem ao ato.

Sobre a angústia, Lacan (1962-63) afirma que, “para introduzi-la, direi que ela é um afeto” (p.23). A proposição da angústia como afeto a coloca em relação estrutural ao sujeito e a caracteriza como não passível ao recalque. É dessa forma que a angústia encontra-se à deriva e fora da rede significante. Estar à deriva e fora da rede é o que permite Lacan (1962-63) referir a tríade do texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia” (1926 [1925]). Essa referência é feita de forma gráfica, a saber:



“Quadro da angústia” (LACAN, 1962-63, p.22)

O quadro da angústia não é dado totalmente completo em um primeiro momento. Os espaços nos quais constam *acting out* e passagem ao ato estão vazios nesse primeiro momento. A construção do quadro a partir da coordenada do movimento e do eixo da dificuldade se inicia pelo escalonamento de inibição, sintoma e angústia. Os vetores da dificuldade e do movimento crescem no sentido direcional das setas, permitindo que se estabeleçam proximidades entre os elementos constituintes.

Nessa sequência, Lacan faz análises etimológicas e propõe termo a termo. A começar, no eixo da dificuldade, está localizado ao lado da inibição o impedimento. O

impedimento é tomado a partir de uma interferência maior que aquela que se dá sobre a função, como na inibição. É nesse sentido que pertence à coluna do sintoma. Ao lado, no eixo da dificuldade, Lacan indica o embaraço, que em francês faz o autor remeter ao embaraço do sujeito. O embaraço é indicado como uma “forma leve de angústia” (p.20). Abaixo da inibição, na linha da coordenada do movimento, encontra-se a emoção. Lacan a destaca como um movimento, “moção”, que dirige a algo catastrófico. Em seguida, na coordenada, encontra-se a efusão, ou perturbação, ou ainda turbação, que é o máximo de perturbação do movimento que pode ser obtido.

Destacamos, de antemão, que o embaraço e a emoção estão conjugados na passagem ao ato suicida. Contudo, Lacan deixa este campo e o do *acting out* abertos até que seja possível, depois de algumas proposições, preenchê-los. Entendemos que não é por mero esquecimento que estes espaços ficam abertos naquele primeiro momento. O objeto *a* está no que se segue como possibilidade de aferência a ambos os termos.

Retomando o que fora proposto no seminário dos anos de 1960-61, Lacan (1962-63) afirma que o traço unário é anterior ao sujeito, sendo que este apenas se constitui a partir daquele. A anterioridade do Outro tem implicações na assertiva: “o desejo do homem é o desejo do Outro” (1962-63, p.31). Assertiva retomada para ser revisitada por um “salto” (p.32) em relação à teoria hegeliana da função do desejo. É em relação a esse sistema filosófico, muito caro a Lacan, que se produz um salto ao se propor que o “Outro existe como inconsciência constituída como tal. O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe” (LACAN, 1962-63, p.32). Essa forma de propor a função do desejo se distancia da formulação hegeliana na qual a luta de puro prestígio se faz envolvida. É em meio a este salto de Lacan que o objeto

a se encontra em uma função mediadora. Lacan (1962-63, p.36) indica esse objeto da seguinte maneira:

Em relação ao Outro, o sujeito dependente desse Outro inscreve-se como um cociente. É marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro. Não é por isso, se assim posso dizer, que ele corta o Outro em rodelas. Há, no sentido da divisão, um resto, um resíduo. Esse resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o a. (p.36)

O sujeito se inscreve no campo do Outro e disso resta o objeto a, o qual não pode ser sintetizado. A divisão não resulta inteira, há resto. E exatamente esse resto é o que garante o Outro. Eis a anterioridade garantida pelo resto da divisão.

A pertinência desse objeto é fundamental naquilo que concerne ao desejo, na medida em que “é um objeto a que deseja” (LACAN, 1962-63, p.35). Como pode um objeto desejar? E não é o desejo o desejo do Outro? Grandes discussões se desdobram a partir dessas questões. Apenas apontamos esse objeto como causa, desde onde se deseja causar o desejo do Outro. Dessa maneira, a divisão do sujeito no campo do Outro e a precipitação de um resto dessa operação é ilustrada de forma gráfica por Lacan (1962-63) de uma primeira maneira:

$$\begin{array}{c|c} A & S \\ \hline \cancel{S} & \cancel{A} \\ a & \end{array}$$

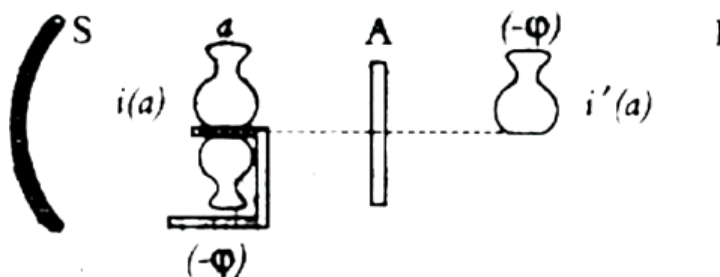
“Primeiro esquema da divisão” (p.36)

A operação na qual o sujeito é dividido, deixando o objeto a como resto, localiza tanto o sujeito barrado como o objeto restante na mesma coluna. O que permite perguntar se este objeto pertence ao sujeito ou ao Outro. Podemos indicar que, se o Outro concerne ao desejo do sujeito na medida em que algo lhe falta e que o sujeito é aí barrado como cociente da divisão, ambos desconhecem esse objeto.

Detenhamos-nos à operação de divisão do sujeito e seu resto. Já neste capítulo de nosso trabalho fizemos menção ao esquema óptico tanto no “Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud” (LACAN, 1953-54) quanto em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (LACAN, 1961 [1960]/1966). Destacávamos a constituição do sujeito em relação ao espelho plano do Outro e, acompanhando o ensino de 1962-63, não estamos desviando o caminho: o sujeito é dependente do Outro.

Como já destacamos, é dessa dependência que advém a função da imagem especular, sob a notação $i(a)$. Lacan (1962-63) afirma de maneira bastante clara que a identificação com $i(a)$, na qual se fundamenta o processo imaginário, deve ser diferenciada da identificação com o objeto a . O esquema óptico é retomado por Lacan (1962-63) assinalando, na imagem especular, algo que resta do investimento libidinal e que torna função privilegiada a do falo. Segundo Lacan (1962-63), “isso significa que, em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta” (p.49). No âmbito de $i(a)$, imagem libidinizada, o falo aparece negativizado, fora da imagem especular. Embora assim seja, o falo negativizado é tomado como função operatória sob a notação $(-\phi)$.

Visto que $i(a)$ apenas é autenticada pelo Outro, no nível de $i'(a)$, na imagem virtual da imagem real não aparece nada. Para tanto, Lacan (1962-63) utiliza a seguinte esquematização:



“Esquema simplificado” (LACAN, 1962-63, p.49)

Com essa esquematização, dispõe-se o objeto a e o falô negativizado, $(-\phi)$, em lugares simétricos da especularização. Isso é fundamental para o que se segue a respeito da angústia e da passagem ao ato.

Da localização dada ao objeto causa do desejo, pode-se compreender que este não é visível na imagem que se apresenta em $i'(a)$. Afirma Lacan (1962-63) que “é a partir daí que a imagem $i'(a)$ adquire prestígio” (p.51), muito embora, quanto mais se aproxima daquilo que se acredita ser o objeto do desejo em $i'(a)$, mais distante se faz. Após essa afirmativa, Lacan (1962-63) diz estar em condições de responder sobre quando surge a angústia: basta que alguma coisa, por um mecanismo, apareça no lugar $(-\phi)$. Sobre essa alguma coisa, Lacan (1962-63) propõe tratar-se da *Unheimlichkeit*: “A *Unheimlichkeit*. é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*. (...) Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar” (p.51-52). A imagem autenticada pelo Outro, $i'(a)$, é

problemática e falaciosa por caracterizar-se por uma falta. Essa falta é a falta de algo que é ali convocado e, por bons motivos, não pode aparecer. Assim, por estar ordenada ao objeto *a* (outra falta e outro resto), essa imagem falaciosa tem função de captação, de polarização do desejo.

Sobre a presença do objeto *a* no lado de *i(a)*, de modo inapreensível ao sujeito, Lacan (1962-63) indica que “é sempre dele que se trata quando Freud fala do objeto *a* propósito da angústia” (p.50). Contudo, não se trata de um objeto apreensível, seu “status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular” (p.50). Em sua função de causa, o objeto *a* é essencial naquilo que se refere à angústia. Desde então, ao situar a angústia ligada àquilo que pode aparecer em $(-\phi)$ e em relação ao objeto *a*, não se deve deixar passar despercebido a presença desse objeto na constituição da imagem *i(a)* e no conseqüente prestígio de *i'(a)*.

Essa presença tem um percurso neste seminário de 1962-63 que desemboca na fantasia. Não intentamos chegar a esta discussão, apenas indicaremos que a presença do objeto *a*, com a divisão do sujeito no campo do Outro, é salientada por Lacan (1962-63) com a distinção entre a cena e o mundo. A cena, assim como retoma da obra de Freud, Lacan (p.42) indica como uma dimensão na qual as coisas, mesmo aquelas do mundo, vêm a se dizer. Enquanto que o mundo existe, “todas as coisas do mundo vêm colocar-se em cena segundo as leis do significante” (p.42-43). É por essa via que Lacan pode afirmar que a angústia é enquadrada (p.85), sendo então permitido que surja na cena aquilo que no mundo não pode ser dito. É justamente por estar fora da rede significante que a angústia indica a presença do objeto *a* e se substancializa como “aquilo que não engana” (p.88).

É nesse momento de seu seminário que Lacan completa o quadro da angústia com os termos *acting out* e passagem ao ato. Ao delimitar que a angústia não engana, ao contrário do significante, Lacan (1962-63) aponta que a angústia corresponde à certeza e que “talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza” (p.88). A referência ao que da angústia não engana, ao que escapa à rede, ao que no mundo não é dito revelam a certeza da angústia e indicam a ação, mais especificamente o *acting out* e a passagem ao ato. A localização desses termos no quadro esquemático da angústia não deixa de ser significativa, uma vez que ambos os termos cercam a angústia, estando a passagem ao ato na coluna do embaraço e na linha da emoção. Sendo a angústia a única tradução subjetiva possível do objeto *a* (p.113), por isso “ela não é sem objeto” (LACAN, 1962-63, p.101), torna-se necessária uma maior explicação acerca desse objeto que é essencial na referência à passagem ao ato.

4.2.1 A propensão melancólica

A relação do sujeito com o objeto *a* acontece pelo *fading*, que tem sua notação por um S barrado. A incidência do corte permite que se designe o objeto *a* como distinto dos objetos especularizáveis. Como sabemos, esse objeto não é especularizável e, portanto, não pertence ao campo dos objetos partilháveis, mantendo uma anterioridade em relação a estes.

A experiência com a banda de Moebius, uma superfície de face única, é utilizada por Lacan (1962-63) para ilustrar a não especularização do objeto *a* (p.109). O fato de que a superfície de face única não pode ser virada como uma luva é destacado

por se constituir a partir de um corte, desde então não podendo ter uma imagem especular. Por assim ser, esse objeto não é um objeto do conhecimento. Segundo Lacan (1962-63), “o objeto está atrás do desejo” (p.115) e, por conta disso, é o que causa e o que dá suporte ao desejo a partir da fantasia (\$ ◇ a).

É a partir desse momento de seu seminário que Lacan toma um caso freudiano de tentativa de suicídio. Entendemos que o respaldo para a abordagem da passagem ao ato está dado com as proposições acerca da angústia e do objeto a feitas até então. É desde então que Lacan faz menção ao trabalho “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (FREUD, 1920b).

Retomemos rapidamente este caso. Trata-se de uma jovem que desperta a atenção da família por manter certos galanteios e cortejamento com uma dama de reputação questionável naquela sociedade. A jovem não se preocupava quanto a aparecer acompanhada da dama em ruas frequentadas da cidade. Certo dia, em companhia da dama, o pai passa pela mesma rua, o que não era evitado pela jovem, com olhar expressando ira. Da mesma feita, a dama se enraivece com a situação e rompe o caso que se dava entre as duas até então. Relata-nos Freud (1920b) que, “subitamente, a jovem saiu correndo e arremeteu-se em direção a um muro, saltando-o para o lado de um corte que dava para a linha ferroviária suburbana ali perto” (p.160). A tentativa de suicídio da Jovem Homossexual leva Freud a proferir algumas considerações sobre o suicídio. A saber:

É provável que ninguém encontre a energia mental necessária para se matar, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem. (FREUD, 1920b, p.174)

Não distantes estamos do exame que realizamos no primeiro capítulo deste trabalho. Destacamos nessa frase o agir na direção de um objeto com o qual se está identificado, agir que emprega o desejo de morte e que leva, no caso em questão, à queda. A queda da Jovem Homossexual é salientada por Lacan (1962-63) a partir do verbo utilizado por Freud (1920b), *niederkommen*. O verbo em questão indica tanto “dar à luz” quanto “vir abaixo”, e é assim que este verbo “é essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como *a*” (LACAN, 1962-63, p.124).

A queda do objeto *a* e a relação disso com o sujeito levam Lacan a fazer uma afirmação que nos é muito cara: “Não é à toa que o sujeito melancólico tem tamanha propensão, e sempre realizada com rapidez fulgurante, desconcertante, a se atirar pela janela” (p.124). Embora no caso da Jovem Homossexual não se trate de um caso de melancolia, podemos ponderar que a propensão melancólica ao ato suicida pode ser pensada nos termos da queda do objeto *a*. Lacan assinala que na passagem ao ato há uma saída de cena, saída muito bem marcada pela precipitação através da janela. Assim, Lacan afirma que há duas condições para que se realize a passagem ao ato:

A primeira é a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz. É justamente o que sucede com a moça no momento do encontro. A segunda é o confronto do desejo com a lei. Aqui, trata-se do confronto do desejo pelo pai, sobre o qual se constrói toda a conduta dela, com a lei que se faz presente no olhar do pai. É através disso que ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente o abandonar-se, o deixar-se cair, pode realizar. (LACAN, 1962-63, p.125)

Como primeira condição, e como consequência da segunda, a identificação absoluta com o objeto *a* é destacada como a evasão da cena. Esse é o alvo de nosso

interesse neste trabalho. A saída de cena é caracterizada como o momento “do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento” (p.129). O que se dá é a passagem da cena para o mundo. Já indicamos anteriormente que a distinção entre cena e mundo é dada por Lacan com o objetivo de destacar algo em relação à passagem ao ato. Pois bem, “de um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime, e, do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir” (p.130). Essa proposição situa a passagem ao ato ao lado do mundo, onde o real se comprime, pois o que opera é uma saída da cena constituída pelo Outro. Cena esta que mantém íntima relação com *i(a)*, como veremos mais adiante em relação à melancolia.

A proposição que Lacan sustenta a respeito da passagem ao ato permite que se estabeleça uma distinção, muito relevante clinicamente, entre esta e o *acting out*. Segundo Lacan, “tudo o que é *acting out* é o oposto da passagem ao ato” (p.136). Em sua explanação acerca dessa oposição, Lacan se propõe a levar seus ouvintes pelas mãos, sem deixar-los cair. Essa é uma indicação da oposição que se afirma, na medida em que a passagem ao ato se caracteriza por uma queda a partir da identificação absoluta ao objeto. Já o *acting out* é referido como uma mostração, uma entrada em cena (não uma saída). Algo é mostrado no *acting out* e isso é tomado por Lacan como algo que vem a dizer, o *acting out* clama por interpretação. Seu endereçamento ao Outro o localiza na coluna do sintoma no quadro esquemático da angústia.

Quanto à passagem ao ato e ao *acting out* o que se demonstra é que ambos possuem relação peculiar com o objeto *a* e com a angústia. Enquanto o *acting out* é da ordem de um evitamento da angústia, sendo que o objeto é mostrado na montagem da

cena dirigida ao Outro, na passagem ao ato, a angústia passa ao ato, carregando este de certeza, na medida em que há a identificação absoluta com o objeto em jogo.

A defenestração na melancolia é utilizada por Lacan, como vimos, em sua demarcação da passagem ao ato e da relação desta com o objeto *a*. Essa utilização pode nos guiar em nossa questão acerca da passagem ao ato suicida na melancolia.

A imagem real, sob a notação $i(a)$, emerge a partir da dependência em relação ao Outro. É da constituição dessa imagem que se processa o apoderamento ou não “da multiplicidade dos objetos *a*” (LACAN, 1962-63, p.132). Note-se que Lacan multiplica o objeto *a* em vários, propondo que a imagem real cerca esses objetos no momento de sua constituição. Segundo o autor, “antes do estágio do espelho, aquilo que será $i(a)$ encontra-se na desordem dos pequenos *a* que ainda não se cogita ter ou não ter” (p.132). Essa proposta nos direciona a uma anterioridade em relação ao corte desde o qual o objeto *a* resta. É nessa anterioridade que Lacan considera que, na psicose, a estrutura do objeto é imprópria para a constituição do eu. Dessa maneira, na psicose “o *a* fica em seu lugar do lado de $i(a)$ ” (LACAN, 1962-63, p.154). Portanto, o corte estrutural deve ser examinado com ressalvas quando o assunto é a psicose.

A função do corte permite que se compreenda o resto da operação em sua irreduzibilidade como, “por analogia de cálculo, o objeto perdido” (LACAN, 1962-63, p.179). Assim, a angústia e o desejo se diferenciam por via da relação como objeto *a*. Isso permite que Lacan situe, de forma sistemática, a angústia entre o desejo e o gozo.

A	S	Gozo
a	A	Angústia
S		Desejo

“A angústia entre o desejo e o gozo” (LACAN, 1962-63, p.192)

Os três patamares dessa expressão gráfica correspondem a tempos diferentes de uma operação na qual o sujeito barrado é o término, “já que o *a* é irreduzível, é um resto, e não há nenhum modo de operar com ele” (p.193). Constituído a partir do tempo da angústia, o desejo mantém como o gozo uma hiância. A impossibilidade de operar com o *a* é digna de maior atenção, já que este é peça chave na passagem ao ato suicida na melancolia. Não assimilável a um significante, este objeto não pode ser metáfora de um sujeito do gozo, mítico por essência. Apenas há um dejetivo que resiste à significantização e que se mostra constitutivo do sujeito desejante.

A irreduzibilidade do resto da operação que, pelo cálculo lacaniano, indica o objeto perdido viabiliza considerações de Lacan a partir de certa anatomia. É a embriologia dos mamíferos que torna possível a dissecação anatômica da membrana decídua e de tecidos caducos que são utilizados como móbil do destino no confronto entre o gozo e o significante. É pela embriologia dos mamíferos e dos tecidos residuais que Lacan se ocupa dos momentos de corte e das formas do objeto *a*.

A indicação que Lacan faz do corte é em termos de uma separação: “Esse objeto *a*, como cortado, presentifica uma relação essencial com a separação como tal”

(LACAN, 1962-63, p.235). A separação assim presentificada tem o caráter de um corte corporal, a extirpação de um pedaço carnal. Esse pedaço de carne circula no formalismo lógico no trabalho do uso do significante e é aquilo que ficou preso de forma irrecuperável. A libra de carne, assim nomeada, é aquilo que se separa do corpo em virtude do engajamento na dialética significante. Trata-se do objeto perdido e irreduzível que em diferentes níveis é preconizado em sua função de causa.

O objeto definido por sua função de causa e restante da dialética do sujeito com o Outro permite que Lacan faça acréscimos à lista dos objetos. O autor propõe, além do objeto no nível oral, anal e fálico, o objeto nos níveis do olho e do ouvido. Caracterizado pela função anatômica do corte o objeto a remete a separações que ocorrem nos níveis destacados.

Diferentemente de uma concepção de maturação por meio de fases, trata-se sempre de uma mesma função. Por exemplo, no arrolamento de nível oral, recorrendo à embriologia, Lacan aponta que a relação com a mama é homóloga à relação com a placenta e que, por conta da separação nesse momento do envoltório do ovo, a mama será implantada na mãe. Destarte, o objeto se separa do sujeito e se introduz na demanda ao Outro materno. A mama, enquanto objeto em função estrutural de *a*, é referido por Lacan como amboceptor e se define como algo do qual a criança é separada de forma interna, mas que se dá na relação com o Outro materno. É aqui que o grito se manifesta e algo se desprende, esboçando um ultrapassamento da necessidade. O que se salienta disso, e que no nível oral se torna bastante exemplificável, é que ocorre uma cessão.

Afirmávamos que a angústia é o que não engana, donde provém a certeza. Diferentemente do desejo, onde existe o engano, a angústia presentifica o objeto a

enquanto o desejo aponta para a busca. Dessa maneira, Lacan situa a angústia em sua função anteriormente à cessão do objeto. Eis o sinal de perigo, pois esse objeto é colocado no campo da partilha. A queda do objeto *a* é essencial para que se delimite a passagem ao ato na proporção em que há uma identificação absoluta a esse objeto no momento da queda.

Já expusemos as considerações feitas por Lacan acerca da tentativa de suicídio da Jovem Homossexual e de seu comentário sobre a propensão melancólica à defenestração. A partir desse comentário sobre a queda no ato suicida, podemos propor o suicídio na melancolia desde essa queda que arrasta o sujeito fora de cena. Pouco antes, apresentáramos o apontamento de Lacan em seu seminário dos anos 1960-61 sobre a presença maciça de um objeto e o conseqüente esgotamento do mais fundamental apego à vida. Lacan reconheceu ali o que chamou de suicídio do objeto, o qual desencadeia um remorso de certo tipo (LACAN, 1960-61, p.380). Assim, esse remorso é revelador de um objeto que, no campo do desejo, desapareceu. Com o ensino do período de 1962-63 podemos afirmar que o sujeito é trazido juntamente desse objeto caduco. É nesses termos que Lacan, ao término de seu seminário em 3 de julho de 1963, faz a valiosa afirmação:

Na melancolia, trata-se de algo diferente do mecanismo de retorno da libido no luto e, por essa razão, todo o processo, toda a dialética se constrói de outra maneira. O objeto, Freud nos diz que é preciso – por que nesse caso? Deixo de lado a questão – que o sujeito se entenda com ele. Mas o fato de se tratar de um objeto *a* e de, no quarto nível [escópico], este se encontrar habitualmente mascarado por trás da *i(a)* do narcisismo, atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto *a* que o transcende, cujo mandamento lhe escapa – e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida, com o automatismo, o mecanicismo, o caráter imperativo e intrinsecamente alienado com que vocês sabem que se cometem os suicídios de melancólicos. (LACAN, 1962-63, p.364, grifo nosso)

Essa citação possibilita que retomemos nossa questão sobre o suicídio na melancolia enquanto passagem ao ato. Desde o exame que realizáramos de “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) destacou-se que, diferentemente da reação que constitui o luto, a melancolia revela um recolhimento e a conseqüente identificação ao objeto. A identificação narcísica resulta na sobreposição da sombra desse objeto ao eu melancólico. É dessa maneira que Lacan marca a distinção do processo melancólico e afirma a participação do objeto *a*, que, no nível escópico dos diferentes estágios desse objeto, se oculta na imagem real constituidora do eu na especularização. Note-se que a base narcísica para o processo melancólico é mantida por Lacan. Conforme salientamos há pouco, Lacan considera que o *a* fica em seu lugar ao lado de *i(a)* nas psicoses. Podemos disto compreender que o objeto está *certamente presente* ao lado de *i(a)* de forma maciça, não separado. É assim que esse objeto transcende e deixa escapar desse sujeito o mandamento (conforme sublinhamos na citação) que o constitui. Esse objeto não é cedido, caduca e leva consigo o sujeito completamente identificado.

Segundo Lacan, “é o objeto que triunfa” (1962-63, p.364) e isto está completamente de acordo com as afirmações de Freud (1917 [1915]) sobre o abandono dos atributos do objeto e o império do não-assimilável sobre o eu melancólico. A proposição freudiana de que esse processo aconteça fora do âmbito das palavras e representações, estando barrado, inacessível, foracuído (de acordo com o que indicamos) é destacada por Lacan como a mais radical relação com o objeto *a*, “intrinsecamente desconhecida, alienada, na relação narcísica” (1962-63, p.364). Contudo, para que haja o ato suicida é necessário algo mais. Deve haver a passagem, o movimento, para que o sujeito totalmente identificado ao objeto *a* (pois dele não se

separou) acompanhe-o em sua precipitação. Desta feita, com toda a certeza provida pela angústia anterior à cessão, o suicídio na melancolia pode ser pensado enquanto passagem ao ato.

5 Considerações finais

Como destacamos no começo de nossa dissertação, e também ficou evidente ao longo do trajeto, são pontos de “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]) que direcionam as reflexões aqui desenvolvidas. É assim que a expressão freudiana “a sombra do objeto” toma a dianteira por nos indicar a perda e a identificação melancólica como pontos básicos na referência aqui dada ao suicídio na melancolia. Retomemos rapidamente o trajeto dessa dissertação, evidenciando os pontos direcionadores, para destacar a questão acerca do suicídio na melancolia proposto como passagem ao ato.

Sustentando a hipótese de uma perda específica na melancolia, nosso primeiro capítulo se desenvolveu a partir de textos anteriores a “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]), avançando a alguns trabalhos posteriores com objetivo de salientar as ideias de 1915. A começar pelo “Rascunho G” (FREUD, 1985a), a hemorragia interna como consequência da anestesia e do não alcance da representação, permitiu-nos perguntar sobre a perda na melancolia. Após indicarmos a proposição freudiana de uma perda objetual no fundamento do aparelho psíquico, destacamos a perda melancólica como específica e perguntamos sobre o quê mesmo estaria perdido na melancolia.

Munidos dessa questão, dirigimo-nos para o trabalho de 1915 detalhando pontos anteriores que, conforme afirmávamos, são de base para tal trabalho. A partir do auto-erotismo e da perda objetual destacamos o retorno ao eu e a ambivalência na relação com o objeto. A psicose como ponto máximo do retorno de algo desde fora ao eu fornece a indicação do narcisismo como ponto de extrema relevância da organização libidinal. A importância do narcisismo e da passagem deste para a ligação

amorosa com o objeto trouxera o Ideal do eu para a discussão semeada. É o amor como via para a ligação objetal que abre a possibilidade de se propor o eu como objeto de si próprio. Conseqüentemente, o ódio se dirige para o eu na mesma medida em que se estabelecia na ambivalência com o objeto. Desde então o eu se tortura, visto estar o objeto canibalisticamente incorporado, destruído para tanto.

Foi sobre este terreno que introduzimos, como a mortalha do amor, nossa discussão acerca de “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]). Nesse ponto também pudemos fazer considerações acerca do suicídio na melancolia. A saber, a partir do binômio luto e melancolia verificamos que enquanto aquele apresenta uma reação à perda, a melancolia é reveladora de outro processo. Indicamos a “disposição patológica” (p.249), à qual se refere Freud em relação à melancolia, como contraponto à reação do enlutado. Essa disposição patológica, longe de ser da ordem de um pré-determinismo nosológico, permite-nos considerar que o processo melancólico se estabelece por uma via na qual a perda específica anuncia o esvaziamento e todo o sofrimento característico da melancolia. Vinte anos antes, a hemorragia interna ocorria por conta da anestesia na esfera física, ou seja, a representação não era alcançada. Desde lá perguntamos sobre a perda melancólica que já propusemos como específica. Em 1915, Freud nos permite reconhecer aí “uma perda de natureza mais ideal” (p.251), da qual não há notícias por não se saber o que foi perdido. Não respondemos sobre o que está especificamente perdido na melancolia, mas ao considerar que é algo ideal não pudemos nos furtar diante do tema do pai. Desde a abordagem do caso Schreber (1911a) e passando por “Totem e tabu” (1912 [1912-1913]), tangenciamos a nostalgia, a saudade e a culpa em relação à morte do pai e à ascensão de um ideal. Com este

considerável acréscimo à questão sobre a perda melancólica, seguimos em nosso exame tendo tal questão como direção.

O processo de mortificação do eu, salientado como um processo auto, pois o eu se auto-envilece e provoca seu próprio tormento, é situado por Freud como relativo à perda que ocorre no eu. Não desprovido de razão por Freud, o empobrecimento do eu melancólico mostra que as injúrias são dirigidas a um objeto que por certo motivo habita o eu. A partir dessa consideração, Freud pôde afirmar que, por conta da fraca aderência, o desligamento do objeto envereda para o caminho destacado nas psicoses, o retorno ao eu. É o retorno da sombra do objeto que dá início ao processo de tortura.

O retorno ao eu é o que garante a possibilidade de que este se reconheça como objeto e possa se matar. Salvo o amor, perdido estará o eu já que será também alvo do sadismo. A identificação narcísica que sustenta o retorno sobre o eu é apontada por Freud como localizada em um lugar diferente do das palavras, com acesso barrado à consciência.

O império do não assimilável sobre o eu melancólico nos leva a interrogar acerca daquilo que se passa na identificação decorrente da perda de natureza mais ideal. A identificação como o mais remoto laço que antecede e sustenta a escolha objetual também é o fundamento da instância ideal e do supereu. O pai, em sua função, é o que se coloca como identificação primeira e é o que nos permite balizar nossa questão acerca da perda ideal na melancolia. Já encerrado o primeiro capítulo, acompanhamos que, na melancolia, não se faz objeção ao castigo do impiedoso supereu que, em posse do sadismo, cria sobre o eu melancólico a pura cultura de pulsão de morte. O impulsionamento do eu à própria destruição é intimamente vinculado à natureza mais ideal dessa perda que vimos apontando na obra de Freud

desde o “Rascunho G” (1895a), passando por “Luto e melancolia” (1915 [1917]) e com complemento em “O ego e o id” (1923).

Salientamos que o percurso que se desenhava tanto no segundo quanto no terceiro e último capítulo estaria pautado em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917 [1915]). Foi com a questão acerca da perda de natureza mais ideal, fundamentada na disposição patológica, que partimos para o segundo capítulo de nossa dissertação. Neste segundo capítulo, propusemo-nos a defender a hipótese de que a perda de natureza mais ideal e a disposição patológica poderiam ser lidas em similaridade à forclusão do Nome-do-Pai segundo Lacan. Iniciamos a defesa de nossa hipótese com uma afirmação de Lacan em seu segundo seminário (1954-55, p.299) sobre o delírio de negação, presente em alguns casos de melancolia, no qual operaria uma identificação à pura imagem, sem espaço de hiância. Com esse comentário, introduzimos uma breve discussão concernente à *Verwerfung*, baseando-nos nos trabalhos de Lacan nos anos cinquenta.

Com o “Seminário 3 – as psicoses” (1955-56), a *Verwerfung* é disposta como mecanismo básico daquilo que reaparece no real por ter sido recusado no simbólico. Trata-se de um golpe sobre a afirmação primordial – *Bejahung*. A afirmação primordial deve ser reconhecida no processo de verbalização e, assim, o dizer psicótico deve ser considerado a partir de certo processo. Segundo encontramos nas afirmações do autor, a partir do dizer psicótico revela-se que o Outro está verdadeiramente excluído.

Ressaltávamos que algo escapara à *Bejahung*, reaparecendo no real, a partir de um golpe. Assim, o golpe se estabelece sobre um significante crucial, donde testemunham os fenômenos de linguagem. A *Verwerfung* não se realiza no nível significante, pois sua incidência exclui o Outro enquanto detentor do significante crucial

- o Nome-do-Pai. Desde então, este significante é foracluído e o psicótico é habitado pela linguagem.

O sujeito depende daquilo que se desenrola no Outro, mais especificamente o discurso é o que determina esse sujeito em seu estado, seja este a neurose ou a psicose. Com a foraclusão do Nome-do-Pai no campo do Outro, nos permitimos avançar nos trabalhos de Lacan. Primeiramente, ao considerar o Esquema R, no qual estão justapostos como vértices de dois triângulos o Nome-do-Pai e o falo. Este no vértice do triângulo imaginário, aquele no do simbólico, possibilita o caráter metafórico do pai enquanto nome. É desde o lugar ocupado pela criança em relação ao desejo materno, a partir da fundamentação imaginária, que se obtém o acesso simbólico em um movimento no qual o falo é central. O Nome-do-Pai, portanto, é sancionado pela mãe, com a qual a criança mantém uma relação de dependência referente ao desejo. Ademais, com a foraclusão do Nome-do-Pai, a resposta no Outro é de um furo desde onde haverá carência do efeito simbólico. Assim, com o Esquema I, propõe-se o Nome-do-Pai como zerificado juntamente do falo zerificado no campo imaginário. A ausência do pai que como nome e promulgador da lei acarreta o remanejamento significante e o desastre crescente do imaginário.

A partir dessas considerações sobre as psicoses, foi-nos possível introduzir um debate acerca daquilo que ressaltáramos no primeiro capítulo em correlação ao que se examinou acerca da foraclusão. Retomando o Esquema R, encontramos Lacan (1957-58, p.234) destacando o processo de formação do eu, dentro do triângulo imaginário, a partir de identificações. O limite da série de identificações que constituem o eu é o Ideal do eu, sendo que esta é a identificação que direciona o sujeito ao simbólico. Segundo Lacan, o pai é o núcleo dessa identificação máxima: "É por isso

que é ao pai que se refere a formação chamada de ideal” (LACAN, 1957-58, p.235). Assim, repetimos nossa pergunta acerca do que constitui a perda de natureza mais ideal na melancolia e qual a relação com a função paterna, já evidenciada em nosso capítulo anterior a partir dos trabalhos de Freud. Diante do que foi retomado, defendemos nossa hipótese de que a perda de natureza mais ideal é referente à identificação primeira. Desta maneira, propusemos que a perda se dispõe em similaridade à forclusão do Nome-do-Pai por proceder fora do âmbito simbólico. A perda melancólica revela pertencer ao registro do golpe que exige o remanejamento simbólico e provoca o desastre imaginário – uma hemorragia. Assim, propusemos que as assertivas freudianas de que a representação do objeto não é alcançada e, vinte anos mais tarde, de que a perda melancólica, sustentada na disposição patológica, revela-se como de natureza mais ideal, permitem que se compreenda essa perda fora do registro simbólico.

Conceber a perda melancólica como fora do registro simbólico, em similaridade à forclusão do Nome-do-Pai, permite-nos avançar em nossa reflexão. É no terceiro capítulo, sustentando-nos ainda em “Luto e melancolia” (FREUD, 1915 [1917]), que nos dirigimos a um exame acerca da identificação e da sombra que cai sobre o eu melancólico. Dentro desse percurso chegamos a determinados apontamentos referentes ao suicídio na melancolia.

Dada a especificidade que salientamos da perda melancólica, tem-se que o eu se identifica ao objeto abandonado caindo sobre este eu a sombra. Já no primeiro capítulo afirmáramos que a queda da sombra sobre o eu melancólico distinguiria a identificação narcísica da identificação a um traço do objeto. Temos que na melancolia impera a Coisa como resultado da hemorragia na qual se esvaem as representações.

Desde então, recorreremos a Lacan em seu “Seminário, livro 7: a ética da psicanálise” (1959-60), quando são feitas considerações sobre *das Ding*. Segundo Lacan, a Coisa se localiza em outro lugar que não o da representação. Eis um primeiro exterior que ordena a experiência de satisfação e o movimento significante. O encadeamento significante em torno do vazio central permite que se trace uma via para o reencontro do objeto que é, por natureza, perdido. A via do reencontro do objeto é o que possibilita sobressaltar a perda como *après-coup*. Disto, a perda melancólica se diferencia pois sustentamos que esta perda não pôde ser representada. Não havendo registro simbólico da perda (desde o “Rascunho G” (FREUD, 1895a) observáramos que o grupo psíquico não pudera ser alcançado e, em 1915, sublinhamos uma fraca aderência ao objeto), o processo melancólico desencadeia o desmembramento doloroso das associações significantes, chegando ao esgotamento representacional. O império do não assimilável sobre o eu melancólico nos indica uma identificação na base do processo que deve ser interrogada.

No segundo capítulo de nossa dissertação, ao considerarmos o Esquema R de Lacan, introduzimos a constituição do eu por via identificatória tendo como égide o Ideal do eu. Com nossa proposição de que a perda melancólica opera de acordo com a forclusão do Nome-do-Pai e que se desencadeia uma catástrofe imaginária e simbólica que se caracteriza como uma hemorragia, deixamos aberta a interrogação acerca daquilo que, pela via da identificação narcísica, é trazido ao eu. Ao concebermos que da catástrofe resulta o império da sombra, ou seja, do vazio representacional, tomamos uma direção. Desta direção é corolário que o processo que interrogamos se constitui em um patamar diferente daquele do significante.

Tangenciando o tema da constituição do sujeito a partir do estágio do espelho, apoiamo-nos no “Seminário, livro 8: a transferência” (LACAN, 1960-61) e focamos a presença maciça de um objeto ao qual escapam os atributos. Os efeitos catastróficos da melancolia têm início a partir do momento em que esse objeto de desejo desaparece desse campo. Avançamos com nossa interrogação ao “Seminário, livro 10: a angústia” (LACAN, 1962-63) com o intuito de obter maiores especificações acerca desse objeto e seu papel fulgurante no suicídio na melancolia.

Em seu seminário proferido no período de 1962-63, Lacan se ocupa do tema da angústia e a fixa como eixo para pensar o objeto *a* em consideração à passagem ao ato. Tendo em vista as considerações acerca da passagem ao ato suicida na melancolia, seguimos o percurso de Lacan referente ao objeto *a* neste seminário. Tem-se que esse objeto é resto em uma divisão na qual o sujeito se inscreve no campo do Outro. Resto que garante a anterioridade desse Outro e marca a dependência do sujeito a este. Dependência que se verifica na relação especular retomada nesse ano do ensino de Lacan e acrescida da presença do objeto *a* como causa do desejo. Esse objeto é desprovido de imagem especular, o que o diferencia dos demais objetos especularizáveis do campo imaginário.

A localização dada ao objeto *a* o determina como não refletido em $i'(a)$ e presente ao lado de $i(a)$ de modo inapreensível. Lacan indica, a partir de Freud, que a angústia *não é sem* objeto por ser a única tradução possível desse objeto inapreensível. É assim que a angústia indica essa presença, mas o faz desde fora da rede significativa. Por se presentificar fora da rede significativa, a angústia constitui aquilo que não engana, é uma certeza desde a qual a passagem ao ato se constitui como uma evasão da cena. Esta cena, em oposição ao mundo, é a cena do Outro. É

neste local que o homem se constitui como sujeito e é esse local que se evade quando se passa ao ato.

Como condição primeira para a passagem ao ato, para a evasão da cena, Lacan destaca a identificação total ao objeto *a*. Demos grande destaque a esta primeira condição, pois esta é consequência da segunda, o confronto do desejo com a lei. Retomando o caso da Jovem Homossexual, Lacan faz menção ao verbo *niederkommen* como essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como *a*. O deixar-se cair, contido no verbo em destaque, indica a identificação absoluta ao objeto. A partir disto, Lacan afirma não ser à toa que haja uma propensão melancólica em se atirar pela janela (1962-63, p.124). Desde essa ponderação feita por Lacan, foi-nos possível questionar o ato suicida na melancolia em termos da queda do objeto *a*. Dessa forma, colocamo-nos a acompanhar o ensino de Lacan, em 1962-63, tendo como foco esse objeto que em sua queda arrasta o sujeito. Contudo, partimos por esse trajeto no qual nossa questão de trabalho está contida com um ponto de ancoragem. Nesse ponto, temos que o objeto *a* permanece ao lado de *i(a)* nas psicoses. Isso, de acordo com nossa proposta, inclui a melancolia.

A irreduzibilidade desse resto de operação é considerada por Lacan a partir da certa anatomia. Os apontamentos do autor indicam que o corte na operação se dá em termos de uma separação. A embriologia dos mamíferos permite que se assinalem os momentos de corte no qual uma libra de carne se separa do corpo em virtude do engajamento na dialética significante. Assim, o objeto perdido é irreduzível e, em diferentes níveis, assume a função de causa. Tomamos o grito com exemplo desse momento de corte em que algo se desprende, determinando a ocorrência de uma cessão.

A queda desse objeto arrasta consigo o sujeito totalmente identificado para fora da cena do Outro. É como um suicídio do objeto, que desaparece do campo do desejo, que propomos o ato disruptivo. Não separado, o objeto a se localiza ao lado de i(a), caracterizando assim a mais radical relação com tal objeto. O ataque e atravessamento de i(a) permite a identificação absoluta ao objeto em questão. Contudo, salientamos e retomamos, é necessário o acréscimo do movimento, a moção, para que se efetue a passagem ao ato. A certeza provinda da angústia anterior à cessão do objeto é passada ao ato, e nesse percurso, o sujeito acompanha seu objeto que não pode ser cedido.

No mais radical rompimento em relação ao significante, já destacado por Freud (1915 [1917]) quando afirma que o processo melancólico no qual triunfa o objeto acontece fora do âmbito das palavras, o suicídio na melancolia pode ser tomado como passagem ao ato na medida em que se sustenta o impasse simbólico que permeia qualquer consideração acerca da melancolia. Nosso objetivo ao retomar desde 1895 até 1915, com acréscimos em 1923, o processo melancólico, enfatizando a impossibilidade de se atingir o grupo psíquico, a falta de representação por palavras e o conseqüente desmembramento hemorrágico tornado imperante o vazio, faz-se justificado na medida em que é dessa impossibilidade simbólica que se constitui a passagem ao ato. Impossibilidade que propusemos nos termos da forclusão do Nome-do-Pai em similaridade à perda de natureza mais ideal destacada por Freud (1917 [1915]) como fundamental na melancolia.

Muitos pontos de nosso percurso traçado nessa dissertação necessitam de maiores aprofundamentos. Nossa questão não se encerra nesse trabalho, por conta do panorama que se abre na via da discussão empreendida aqui. Nosso objetivo de

sustentar a proposição do suicídio na melancolia enquanto passagem ao ato, baseado em trabalhos específicos de Freud e de Lacan, é tão somente a sustentação de uma questão que envolve um percurso de reflexão e exame fidedigno e circunscrito. Dessa maneira, muito escapa ao alcance desse nosso percurso recortado. Entretanto, em muito podemos avançar em relação às nossas interrogações, na medida em que não se pretende um fechamento quando se propõe o suicídio na melancolia como passagem ao ato. Por exemplo, é uma interrogação se o suicídio, independentemente da estrutura em jogo, poderia ser tomado a partir de um paradigma melancólico em vista da identificação absoluta ao objeto *a*, como fundamento primeiro da passagem ao ato, e da identificação narcísica destacada por Freud (1917 [1915]) referente ao desencadeamento do processo melancólico.

Outra interrogação, que nos pareceu bastante pertinente, é a respeito da posição do objeto *a* na melancolia: tomando a melancolia a partir da estrutura psicótica, a localização do objeto *a* permanece sob interrogação tendo em mente a *verdadeira* proximidade, na qual nos apoiamos (que não escapou a crivo de Freud quando no delírio de culpa este reconhece a razão na queixa da vítima/algoz) e a não separação desse objeto pelo *fading* do sujeito no campo do Outro. Ou seja, interrogamos a possibilidade de relação na psicose com o objeto *a* e como abordar a passagem ao ato desde esse aspecto.

Pretendemos não interrogar meramente. Assim, fazemos uso destas interrogações para gerar uma questão. Nosso percurso nessa dissertação permite destacar a presença fulgurante do objeto *a* no momento da passagem ao ato suicida na melancolia. Dessa presença é correlata a ausência de um sujeito, o qual é apagado ao máximo pela barra, e a ruptura mais radical em relação ao Outro. Assim, questionamos

qual a possibilidade de uma abordagem do suicídio pela psicanálise, ou melhor: que clínica se faz do ato? Temos, no momento da passagem ao ato suicida, o inefável comparecimento do objeto *a* com o qual, segundo o cálculo lacaniano, não se opera. Porém, como se trata de um momento, podemos questionar o que precede e, quando possível, o que sucede se este ato falhar.

REFERÊNCIAS

- 1) COTARD, J. (1882) **Do delírio das negações**. In: Extravios do desejo: depressão e melancolia, Quinet, A. (org.). Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.
- 2) FREUD, S. (1893) **Rascunho B. A etiologia das neuroses**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 3) ----- (1894a) **Carta 18**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 4) ----- (1894b) **As neuropsicoses de defesa**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III.
- 5) ----- (1894b) **Rascunho E. Como se origina a angústia**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 6) ----- (1895 (1894]) **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III.
- 7) ----- (1895a) **Rascunho G. Melancolia**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 8) ----- (1895b) **Projeto para uma psicologia científica**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 9) ----- (1896a) **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III.
- 10)----- (1896b) **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III.
- 11)----- (1896c) **Carta 52**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. I.
- 12)----- (1898) **A sexualidade na etiologia das neuroses**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III.

- 13)----- (1900) **A interpretação dos sonhos.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. IV e V.
- 14) ----- (1905a [1901]) **Fragmento da análise de um caso de histeria.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. VII.
- 15)----- (1905b [1904]) **Sobre a psicoterapia.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. VII.
- 16)----- (1905c) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. VII.
- 17)----- (1909a) **Análise de uma fobia de um menino de cinco anos.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. X.
- 18)----- (1909b) **Notas sobre um caso de neurose obsessiva** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. X.
- 19)----- (1910) **Breves escritos: Contribuições para uma discussão acerca do suicídio.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XI.
- 20)----- (1911a) **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides).** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.
- 21)----- (1911b) **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.
- 22)----- (1913) **A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.
- 23)----- (1913 [1912-13]) **Totem e tabu.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIII.
- 24)----- (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV.

- 25)----- (1915a) **Os instintos e suas vicissitudes.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV.
- 26)----- (1915b) **O inconsciente.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV.
- 27)----- (1917 [1915]) **Luto e melancolia.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV.
- 28)----- (1917 [1916-17]a) **Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo**
In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XV.
- 29)----- (1917 [1916-17]b) **Conferência XXVII – Transferência** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XV.
- 30)----- (1919a) **Introdução a A psicanálise e as neuroses de guerra** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVII.
- 31)----- (1919b) **Breves escritos: Victor Tausk** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVII.
- 32)----- (1920a) **Além do princípio de prazer.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVIII.
- 33)----- (1920b) **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**
In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVIII.
- 34)----- (1921) **Psicologia de Grupo e a análise do ego** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVIII.
- 35)----- (1923) **O Ego e o Id.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIX.
- 36)----- (1924) **O Problema econômico do masoquismo.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIX.
- 37)----- (1925) **A negativa.** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIX.

- 38) FREUD, S. (1928) **Neuroses de transferência: uma síntese**, Rio de Janeiro, Imago.
- 39) HYPOLITE, J. (1954) **Comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud**. In: Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 40) IRMEN, F. (1968) **Langenschedts taschenwörterbuch – der Portugiesischen und Deutschen sprache**. Germany, Langenscheidt.
- 41) LACAN, J. (1953-1954) **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 42) ----- (1954-1955) **O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 43) ----- (1955-1956) **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ed.
- 44) ----- (1957-1958) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 45) ----- (1959-1960) **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ed.
- 46) ----- (1960-1961) **O seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 47) ----- (1962-1963) **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 48) LACAN, J. (1956-57/1966) **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- 49) LACAN, J. (1961 [1960]/1966) **Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura da personalidade'**. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Bibliografia de apoio

- 50) ABRAHAM, K (1924) **Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais**. In: Teoria psicanalítica da libido. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- 51) FREUD, S. (1917 [1915]) **Luto e melancolia**. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. II.

- 52)----- (1920) **Além do princípio de prazer**. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. II.
- 53)GOROG, F (1996) **Nota sobre alguns termos alemães utilizados em “Luto e melancolia”**. In: Extravios do desejo: depressão e melancolia, Quinet, A. (org.). Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.
- 54)HARARI, R. (1997) **O seminário ‘a angústia’ de Lacan: uma introdução**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios.
- 55)MOREL, G (Coord.) (2002) **Clinique du suicide**. França: Éditions Érès.
- 56)PELLION, F. (2000) **Melancolía y verdad**. Buenos Aires: Manantial, 2003.
- 57)QUINET, A.(2006) **Psicose e laço social – esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- 58)RABINOVICH, D (2005) **A angústia e o desejo do Outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora.
- 59)TENDLARZ, S. H. (2009) **Psicosis, lo clásico y lo nuevo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009.